

PLURAL & SINGULAR

EDIÇÃO 02
MAR/ABR/MAI 18

Revista Trimestral Dedicada à Temática da Deficiência

Guimarães Cidade (Inclusiva) Europeia do Desporto



Pag 22



Palavra de ordem: “criar autonomia”

Ana Cláudia Ribeiro é o nome da autora dos Guias de produtos de apoio low-cost/baixo custo e do de recursos para computador inclusivo. São centenas de ideias para tornar o dia à dia das pessoas com deficiência, e não só, facilitado.

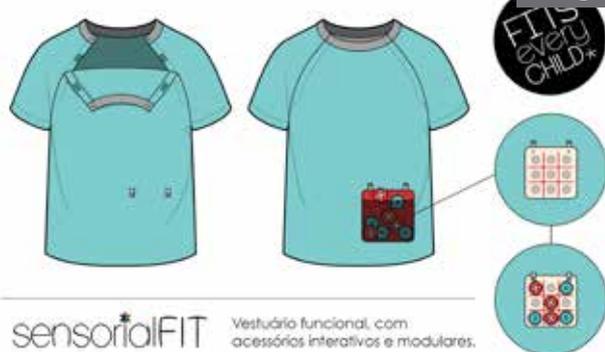
Pag 42



Guimarães Cidade (Inclusiva) Europeia do Desporto 2013

Feito o balanço pode-se mesmo adicionar a palavra ‘inclusiva’ ao título que Guimarães vai carregar durante o ano de 2013. O desporto adaptado sarapinta aqui e acolá o calendário de eventos programados em homenagem ao desporto local, nacional e internacional. “Guimarães não para!” também em relação ao desporto para pessoas com deficiência...

Pag 71



Um novo conceito de vestuário infantil

A designer de moda, Ângela Pires, criou uma linha de “roupas funcionais, interativas e customizáveis que promove o conforto e o desenvolvimento sensorio-motor de todas as crianças”. Com esta ideia venceu o Prémio SIM’12, um galardão de indústrias criativas no valor de 25 mil euros, e apostou no concurso, ainda a decorrer, “IdeaMove: Da Ideia ao Negócio”, promovido pelo Programa de Empreendedorismo Tecnológico.

Pag 83



Emanuel Gonçalves, uma “jovem promessa”

Depois de ter ficado a um pequeno passo de voar para Londres para integrar a comitiva portuguesa dos Paralímpicos de 2012, participar nos Jogos do Rio de Janeiro, em 2016, é o grande objetivo de Emanuel Gonçalves

Índice

- 03 Índice e Editorial
- 04 Notícias
- 12 “Vem Comigo”, no bom caminho
- 18 Opinião APD
- 17 Opinião Jurista Carlos Iglésias

- Saúde e Bem-estar**
- 22 Palavra de Ordem: “criar autonomia”
- 38 Opinião Ordem dos Médicos
- 39 Opinião SPSC
- 40 Opinião APTO

- 42 **Capa**
Guimarães Cidade (Inclusiva) Europeia do Desporto 2013

- 65 **Opinião Sociólogo Fernando Fontes**
- 67 **Opinião Média e Deficiência**

- Tecnologia e Inovação**
- 71 Um novo conceito de vestuário infantil

- 79 **Retrato**
A Língua Portuguesa em gestos

- Desporto**
- 83 Emanuel Gonçalves, uma “jovem promessa”
Perfil
- 100 Quem é Susana Barroso?
- 104 **Opinião FPDD**

- Cultura**
- 116 “Não há longe, nem distância” para quem nasceu para voar
- 126 **Sugestão de Leitura**

- 130 **Lugar**
- 132 **Agenda**

- 136 **Plural & Singular**
Uma “nave” onde TODOS têm lugar! & Um livro “de” e “sobre” TODOS

FICHA TÉCNICA

Sede e redação: Avenida D. João IV, nº 1076, Blc C, 4.º Esq. 4800-534 Guimarães

Tel.: 253 419 016

Email: geral@pluralesingular.com

Site: www.pluralesingular.com

Colaboradores: Catarina de Castro Abreu, Paula Fernandes Teixeira (paulateixeira@pluralesingular.com), Sofia Pires (sofiapires@pluralesingular.com)

Publicidade: Tel.: 253 419 016 Email: publicidade@pluralesingular.com

Após o sonho, ainda na ação, para dar voz...

A 2.ª edição da Plural&Singular está cá fora. Passados três meses, e que rápido eles avançaram, eis que mais uma revista com novos conteúdos e nova informação são publicados.

O tema de Capa cedemo-lo à Guimarães Cidade Europeia do Desporto 2013. Um evento incontornável que neste trimestre da revista achamos consideramos que merece destaque pelo significativo contributo que dá ao desporto adaptado. Não só pelo calendário do evento com algumas iniciativas programadas no âmbito do desporto para pessoas com deficiência, mas também pela projeção de sensibilidades que todos esperam que aconteça para lá de 2013.

Aproveitamos para dar as boas vindas ao sociólogo Fernando Fontes, ao jurista Carlos Iglésias, ao Grupo de Reflexão Media e Deficiência e à Ordem dos Médicos que vêm integrar o nosso leque de rubricas de opinião já composto pela Associação Portuguesa de Terapeutas Ocupacionais, a Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica, a Associação Portuguesa de Deficientes e a Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência.

Nota importante para o facto da Plural&Singular que pretende colocar na rota da comunicação a temática da deficiência, mostrar que há lugar, espaço, tempo de antena para TODOS!, ter sido, ela própria noticiada em vários órgãos de comunicação online... Destacamos a RTP, o Expresso, o P3 do Público, a Visão, o jornal i e a Rádio Renascença onde nos “deram, realmente, voz”.

E dar voz à Plural&Singular é dar voz ao nosso público-alvo e fazer-nos chegar a ele. Esta visibilidade da revista tem, em muito, contribuído para recebermos um ótimo feedback das pessoas através do facebook, por email, telefone e pessoalmente.

Enfim... o objetivo foi conseguido! A Plural&Singular é uma realidade! Mas falta ainda tanto caminho a percorrer... Um caminho que só é possível com a ajuda de TODOS!

Fernando Pessoa, grande poeta português dizia: “O homem sonha, a obra nasce”, quase como num repto à ação.

E, continuando no capítulo do sonho e da poesia, lembramos António Gedeão que alertava “o sonho comanda a vida, e que sempre que o homem sonha, mundo pula e avança”.

Ora, no nosso caso o sonho acompanha a ação, eis que aqui está a segunda edição da Plural&Singular. São 141 páginas de conteúdos feitos por nós mas para vós e que são seriam possíveis sem vós! Aliás, ao “nosso” slogan – “Nada sobre vós, sem vós” – atrevemo-nos a juntar uma adenda: “Nada sobre vós, sem vós, dando-vos VOZ”!

E para que se repita o sonho muitas e muitas vezes e para que a ação se torne cada vez mais eficaz, simples, direta, quase espontânea, é imperativo apelar à ajuda de TODOS!

A Plural&Singular quer colocar a deficiência na rota da comunicação, isso mas só será possível se a Plural&Singular estiver, também, na vossa rota de comunicação!

Estamos juntos no sonho... Temos de estar juntos na ação...

Prémio “Praia + Acessível” 2012

A praia da Conceição, concelho de Cascais, e a praia de Miramar, de Vila Nova de Gaia, primeira e segunda classificadas, respetivamente, venceram a 4.ª edição do prémio “Praia + Acessível”, relativo às candidaturas feitas após a época balnear do ano passado.

O prémio “Praia + Acessível” visa distinguir as praias que evidenciarão as melhores práticas, em termos de condições de acessibilidade e de qualidade de serviços proporcionados às pessoas com mobilidade condicionada.

Assim, o Sul, com a praia de Cascais e o Norte, com a praia de Gaia, dividiram os “louros” de 2012, somando-se a estas distinções a menção honrosa atribuída à praia Fluvial de Valhelhas, concelho da Guarda.

Fundação Lwini solidária com portadores de deficiência

Triciclos, cadeiras de rodas, muletas, andarilhos e bicicletas foram oferecidos a mutilados de guerra, cegos, amblíopes e outras pessoas com deficiências pela Fundação Lwini, na cidade de Lubango.

Ao todo 300 pessoas com necessidades especiais, filiadas na Associação Nacional dos Deficientes de Angola, na Amiga e acompanhadas pelo Ministério da Assistência e Reinserção Social, beneficiaram desta doação do fundo de solidariedade Lwini.

Conferência Cidades do Futuro assinala arranque do Centro de Competências em Cidades do Futuro



No dia 23 de janeiro, no auditório da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP) um encontro internacional juntou académicos, cientistas, técnicos, gestores, investidores, empreendedores e políticos para debater o desenvolvimento de tecnologias urbanas para melhorar a mobilidade, a segurança e a qualidade de vida dos cidadãos.

A conferência internacional “Shake UP your City” serviu de pontapé de saída para o Centro de Competências em Cidades do Futuro da UP que tem um financiamento de 1,6 milhões de euros, atribuídos pela Comissão Europeia, para explorar as sinergias entre grupos de investigação de diversas áreas como telecomunicações, transportes, psicologia, urbanismo, engenharia biomédica e informática.

O centro, sediado na FEUP, aposta no trabalho interdisciplinar entre indústria, negócios, educação e governo para enfrentar os desafios apresentados pela crescente população mundial e rápida urbanização, contribuindo assim para o bem-estar e qualidade de vida nas cidades. “Uma das principais metas é transformar a cidade do Porto em um laboratório de vida urbana em es-

cala, onde pesquisadores, empresas e startups podem se desenvolver e testar tecnologias, produtos e serviços, explorando temas como: mobilidade sustentável, urbana escala de deteção, segurança e privacidade, bem como a qualidade de vida dos cidadãos e das famílias”, pode ler-se no comunicado do evento.

Carlos Neves, vice-presidente da CCDR-N, Colombe Warin, gestora de eventos da Comissão Europeia, Filipa Wunderlich, especialista em design urbano da University College London, Jacques Magen, presidente da InterInnov, Miguel Moreira, CEO da PT Sistemas de Informação, Muriel Médard, professora do Massachusetts Institute of Technology (MIT), Peter Steenkiste, professor da Carnegie Mellon University (CMU), Pól Mac Aonghusa, líder da IBM para a área de Cloud Computing, e Robin Chase, fundadora da Zipcar foram alguns dos convidados para a Conferência internacional “Shake UP your City” que contou com a presença de mais de 300 profissionais das mais diversas áreas e a participação de várias empresas e organizações que já manifestaram interesse em colaborar com o centro.

Sensibilização em escolas para a criação de espaços para todos



A Associação Salvador visita até maio 19 estabelecimentos de ensino, no âmbito do projeto “Sensibilização em escolas” com o intuito de promover a acessibilidade e a integração de pessoas com deficiência motora.

“Vamos criar espaço para todos. Palestras para irmos mais longe na inclusão” é o tema dinamizado em palestras dinamizadas, em escolas do 3.º ciclo e secundárias, por pessoas com deficiência motora que se deslocam em cadeira de rodas, em representação da Associação Salvador. “Os oradores partilham com os alunos a sua história de vida, desmistificando preconceitos sobre a deficiência e apelando à participação ativa de todos os jovens para a criação de uma sociedade mais inclusiva”, pode ler-se no comunicado da iniciativa.

No final da palestra serão distribuídos um Guia para a Inclusão e alguns materiais que irão capacitar os participantes a dar continuidade à mensagem da palestra.

De 29 inscrições a Associação Salvador selecionou 19 escolas abaixo

indicadas para receber as palestras no ano letivo 2012/2013: Escola Básica Dr. Francisco Cabrita; Escola Externato das Escravas do Sagrado Coração de Jesus; Escola Profissional da Serra da Estrela; Agrupamento de Escolas de Mortágua; Escola de Hotelaria e Turismo do Douro; Escola Tecnológica e Profissional de Sicó, pólo de Alvaiázere; Escola Profissional e Artística da Marinha Grande; Agrupamento de Escolas de Carnaxide - Escola Secundária Camilo Castelo Branco - Sede de Agrupamento; Escola Básica 2,3 Alexandre Herculano; Escola Secundária de Penafiel; Agrupamento de Escolas Lousada Norte; Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Barbosa Du Bocage; Escola Técnica Empresarial do Oeste; Escola Básica 2 de Condeixa-a-Nova; Agrupamento Vertical de Escolas Vale da Amoreira; Escola Tecnológica Artística e Profissional de Pombal; Agrupamento de Escolas Nuno Álvares; Escola de Formação em Turismo de Aveiro e Escola Secundária Pedro Alexandrino.

Prémio Dignitas 2013

Estão abertas as candidaturas à 5.ª edição do Prémio Dignitas uma distinção da Associação Portuguesa de Deficientes (APD) que premeia os melhores trabalhos, publicados ou difundidos nos órgãos de comunicação social portugueses subordinados ao tema da deficiência e que promovam a dignidade das pessoas com deficiência, os seus direitos humanos e a sua inclusão social. Podem concorrer ao Prémio Dignitas, que conta com o apoio da empresa farmacêutica MSD, profissionais da comunicação social portugueses ou residentes em Portugal e estudantes de Comunicação das Escolas Superiores e Faculdades de todo o país. As candidaturas poderão ser individuais ou coletivas e deverão ser formalizadas até dia 31 de março, junto da sede da APD, pessoalmente ou por correio. Os trabalhos nas categorias de Jornalismo e de Estudante não são cumuláveis. O primeiro prémio é de quatro mil euros e os restantes são de dois mil euros cada um (Imprensa, Rádio, Televisão e Jornalismo Digital). No caso do Prémio Dignitas Jornalismo Universitário, o prémio é de 1.500 euros. A atribuição do Prémio Dignitas 2013 será efetuada no dia 3 de maio, data em que se assinala o Dia Mundial da Liberdade de Imprensa. Mais informações em www.apd.org.pt

Governo açoriano preocupado com o desemprego

O Governo Regional dos Açores anunciou a aprovação de um pacote de medidas de combate ao desemprego que não esquece os portadores de deficiência.

De acordo com um comunicado do Governo açoriano aprovou na última sexta-feira um projeto de resolução que atualiza o programa INTEGRA através de um apoio à contratação de desempregados pelas empresas e outras entidades empregadoras existente desde o início de 2012, entre outros programas.

No que diz respeito aos cidadãos deficientes, foi aprovada uma proposta de resolução que aponta para uma majoração de 20 por cento nos apoios à criação e manutenção de postos de trabalho em vigor, desde que estejam em causa portadores de deficiência.

McDonald's abre 500 vagas para pessoas com deficiência no Brasil

O McDonald's está a recrutar no Brasil. A cadeia de fast food abriu 500 vagas destinadas a pessoas com deficiência. Os candidatos interessados devem ser maiores de 16 anos, não precisam de ter experiência e a entrada é imediata. Entre os benefícios oferecidos pela empresa estão seguro de vida, assistência médica e ortodôntica, vale-transporte e plano de carreira.

Exames de alunos cegos em formato digital

De acordo com informação veiculada, no início de janeiro, pelo Ministério da Educação e Ciência (MEC), os enunciados das provas finais e dos exames nacionais para alunos cegos e com baixa visão serão apresentados este ano num formato digital específico ou em documento com entrelinha 1,5, em formato PDF.

Considerando o enquadramento específico das necessidades de cada aluno, estas alternativas constituem uma resposta técnica que tem como objetivo “contribuir para a melhoria das condições operacionais de realização de provas e de exames”, adiantou o MEC que, também salvaguardou a possibilidade de este ano, com caráter transitório, os alunos que não reúnam condições para realizar as provas em formato DAISY (Digital Accessible Information System), poderem fazê-las transcritas em Braille.

Desde 2005 que são produzidos em Portugal manuais escolares e outros livros no sistema DAISY, um formato áudio-digital com funcionalidades acrescidas para pessoas cegas ou com baixa visão. Estes livros caracterizam-se pela sincronização entre a informação áudio e a informação escrita que permite simultaneamente ler e ouvir ler, possibilitando manipular e ajustar a cada utilizador a velocidade de leitura áudio, o tamanho dos caracteres e o contraste entre as cores do texto no

ecrã. É ainda possível localizar informação textual, colocar marcadores no texto e inserir comentários e notas pessoais, bem como “navegar ao longo dos documentos, por capítulo, subcapítulo e secções”.

Para que o sistema funcione, foi concebido um plano nacional de acompanhamento às escolas, no âmbito do qual os profissionais que integram os centros de recursos TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) assumem a “primeira linha de apoio” aos docentes que trabalham diretamente com estes alunos, como os professores de educação especial e titulares de turma. Os elementos daqueles centros de recursos (CRTIC) vão contactar já nos próximos dias as direções dos agrupamentos de escolas das respetivas áreas geográficas.

No caso específico dos ficheiros entrelinha 1,5 (PDF), a consulta e utilização para treino, como a ampliação/redução, deslocação horizontal e vertical no documento, poderá ser feita nos ficheiros das provas e exames de 2012, bem como nos ficheiros dos testes intermédios, disponíveis na página eletrónica da Direção-Geral da Educação.

Em comunicado, o MEC garante que norteia a aposta nestas plataformas pelo princípio de que nenhum aluno, por condições de deficiência ou incapacidade, deverá estar limitado no acesso à leitura e à informação escrita.

Palestra Universitária

PALESTRA UNIVERSITÁRIA

19 de Janeiro 2013,
no Auditório da Junta de Freguesia de Campanhã
pelas 14h.30m até às 18h

Convidados Universitários

Inscrição até 17 de Janeiro
preço 2 €, com oferta fita-chaves e certificado

público livre

Departamento Recreativo e Cultural
Divisão Juvenil

A Palestra Universitária organizada pelo Departamento Cultural e Recreativo – Divisão Juvenil – da Associação de Surdos do Porto para o dia 19 de janeiro contou com a presença de cerca de 50 participantes, entre eles, estudantes surdos do ensino secundário e do ensino superior. Este evento funcionou como uma espécie de sessão de esclarecimento e partilha das dificuldades que os jovens surdos encontram enquanto estudantes, nomeadamente “as principais barreiras ao nível de comunicação, a falta de recursos e a qualidade dos mesmos, a dificuldade na relação professor - aluno e a preparação para o pós-universitário”, pode ler-se no comunicado do balanço do evento. Alunos de diferentes cursos na Palestra Universitária compartilharam problemas comuns, entre eles, a necessidade de recorrer aos serviços de interpretação em Língua Gestual Portuguesa,

a falta de qualidade da tradução de vocabulário específico, a falta de informação escrita da matéria, disponibilizada antecipadamente, para permitir uma leitura cuidada e metódica como complemento à impossibilidade de fazer apontamentos em tempo real por estarem a visualizar o intérprete e, por último, a limitação do número de recursos por falta de verbas”. Outro entrave abordado durante a sessão, que também põe em causa a Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência foi o acesso ao mercado de trabalho. Os estudantes não se sentem 100 por cento preparados para enfrentarem a realidade do mercado de trabalho porque “a sociedade “estipula”, como requisito, a necessidade de ouvir” mas os jovens surdos, acredita a organização “poderão, de uma maneira ou de outra, ser a mudança do mundo através dos olhos.”

Acessibilidade para os sites públicos até ao final de

A Comissão Europeia deseja que os sites públicos sejam acessíveis e, para isso, apresentou, no início deste ano, uma proposta de diretiva que pretende tornar obrigatória a adoção de um conjunto de características de acessibilidade para os sites públicos até ao final de 2015.

Esta medida tem como objetivo aumentar o número de sites plenamente acessíveis sendo que atualmente apenas um terço dos 761 mil existentes cumpre as regras estabelecidas pelas normas de acessibilidade internacionais. Entre os serviços que terão obrigatoriamente de garantir características de acessibilidade estão aqueles que servem para procurar emprego, fazer uma inscrição na universidade, registar um automóvel, apresentar a declaração de impostos, pedir um passaporte ou uma carta de condução. A diretiva da Comissão Europeia define, ainda, uma lista de serviços que terão de garantir regras de acessibilidade. E acrescenta-se que esta proposta inclui uma definição de acessibilidade – “acessibilidade da Web”, que visa evitar diferentes interpretações ou evoluções do termo. Assim, os Estados-Membro da União Europeia, o que inclui Portugal, terão até 30 de junho de 2014 para adotar as regras a nível nacional no âmbito desta diretiva.

Câmara de Reguengos de Monsaraz lança Cartão Solidário

Em nota publicada no seu site, a Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz anunciou que vai criar o Cartão Solidário para apoiar os idosos, as pessoas portadoras de deficiência, os reformados por invalidez e os agregados familiares do concelho que se encontrem em situação de carência socioeconómica. De acordo com o documento, os beneficiários vão ter apoio nas áreas social, habitação e saúde, além de que, desde que uma pessoa do agregado familiar tenha o Cartão Solidário, pode receber uma bolsa de ocupação temporária para realizar atividades de interesse municipal.

Podem ser beneficiários deste cartão, que é gratuito, os cidadãos residentes no concelho há mais de dois anos, com idade igual ou superior a 65 anos, que tenham deficiência ou incapacidade igual ou superior a 60 por cento, reformados por invalidez ou pertencentes a um agregado familiar em situação de carência socioeconómica.

Integrar a diferença

O Centro Comunitário Paroquia da Ramada e o Centro de Educação Especial Rainha Dona Leonor foram os vencedores do Prémio “BPI Capacitar”, edição de 2012.

Texto: Paula Fernandes Teixeira
Fotos: Gentilmente cedidas

No âmbito da política de responsabilidade social o banco BPI lançou, em 2010, o prémio “BPI Capacitar” que se destina às instituições sem fins lucrativos que, tendo sede em Portugal, apresentem um projeto com a “ambição de integrar a diferença”.

Em 2012, já na terceira edição desta iniciativa, foram 18 as entidades distinguidas: duas com o primeiro prémio e as restantes com “menções honrosas”.

Ao todo esta instituição bancária atribuiu 700 mil euros, sendo que 200 mil destinam-se aos primeiros prémios e mais de 500 mil às restantes instituições também distinguidas.



Centro de Educação Especial Rainha Dona Leonor

Localizado em Caldas da Rainha, o Centro de Educação Especial Rainha Dona Leonor (CEERDL) é uma Instituição Particular de solidariedade Social (IPSS) que presta serviços sociais nas vertentes de apoio residencial, ocupação, formação e reabilitação.

De acordo com informação veiculada por esta instituição, dos 95 ativos do seu quadro de pessoal, 25 são pessoas com deficiência ou incapacidade.



dades. Nota, ainda, para a prestação de serviços feita à comunidade em geral, nomeadamente em serviços de lavandaria, restauração, piscina, jardinagem e floricultura.

O CEERDL dedica-se à produção e comercialização de flor de corte desde 2001. “O objetivo passa por criar emprego para pessoas com necessidades de requalificação e recolocação profissional, sem condições de integração em contextos de emprego regular. Esta atividade tem contribuído positivamente para os resultados financeiros do

CEERDL, mas sobretudo constitui uma oportunidade de dignificar o empenho e profissionalismo dos seus trabalhadores com deficiência, contribuindo para a sua condição de cidadão em igualdade de oportunidades”, explicaram os responsáveis. Com cerca de três hectares de terreno, espaço cedido pela Câmara Municipal de Caldas da Rainha, o CEERDL produz, anualmente, cerca de 650 mil pés de coroa imperial (Lilium). Alguma desta produção é absorvida localmente, mas muitos dos pés destinam-se a revendedores

e distribuidores regionais e nacionais.

No futuro, o CEERDL quer introduzir “melhoramentos e benfeitorias que agilizem o funcionamento da exploração, e garantam a qualidade de produção, permitindo o crescimento e a comercialização em novos mercados”. Mas para isso, esta IPSS precisa de 189 mil euros, tendo garantido 50 mil através da comparticipação do programa de desenvolvimento rural-PRODER e 105 mil ao vencer o prémio “BPI Capacitar”.



Centro Comunitário Paroquial da Ramada

“Pela Cozinha a Inclusão”, pode bem ser o lema do projeto do Centro Comunitário Paroquial da Ramada (CCPR), do concelho de Odivelas, uma instituição que junta as valências e serviços de ATL, jardim de infância, creche, centro de dia e apoio domiciliário, centro de acolhimento temporário para bebés, Loja da Solidariedade, entre outras. Mas em 2006, com a publicação

da Carta Social de Odivelas, uma outra necessidade ficou à vista, estando esta ligada à integração de pessoas com deficiência. Logo o CCPR abraçou esta “causa” e o projeto tem vindo a evoluir e assim surgiu o “Pela Cozinha a Inclusão” que tem por finalidade dar cada vez mais “autonomia” às pessoas com deficiência, autonomizando-as e valorizando-as. Entretanto a ideia evoluiu para um sonho... Construir e equipar uma cozinha industrial com capacidade para confeccionar e fornecer cerca

de quatro centenas de refeições diárias, abrangendo mais de cem beneficiários diretos do centro comunitário, mas também estando aberta à comunidade, com serviço take away. “Este projeto garante também a integração de pessoas com deficiência no trabalho protegido”, refere nota sobre o projeto. Com esta cozinha, o CCPR pretende dar resposta a toda a população com deficiência, desde a que vive no lar residencial, a que frequenta o centro de atividades ocupacionais, à das residências



autónomas até ao serviço domiciliário, mas a comunidade é chamada a conviver, ajudar, interagir... O projeto contempla, ainda, a criação da marca “Biscoitos de Santa Teresinha”, confeccionados e embalados neste centro, para venda ao público.

“Aqui todos são úteis” é outra das lógicas do CCPR que, desta forma, procura dar a oportunidade aos seus utentes de “retribuírem” o trabalho diário que é feito no e pelo centro.

Vencedores das menções honrosas do “BPI Capacitar 2012”

ACAPO – Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal
Acreditar – Associação de Pais e Amigos de Crianças com Cancro

Associação Beira Agueira de Apoio ao Deficiente Visual
Associação de Ajuda ap Recém-Nascido

Associação do Porto de Paralisia Cerebral

Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão com Deficiência Mental da Covilhã

Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral de Faro
Associação Salvador

Associação Seara de Trigo
Centro de Bem-Estar Social de Arronches

Centro Social Paroquial de Pinhal Novo

CerciBeja – Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Beja

CercuAg - Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Águeda

Misericórdia – Obra da Figueira

Santa Casa da Misericórdia de Portalegre

Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla

Lisboa tem horta acessível a pessoas com deficiência



Situado na Quinta dos Cântaros, em Lisboa, o terreno do parque agrícola tem cerca de 17 mil metros quadrados e foi cedido pelo município à Associação para a Valorização Ambiental da Alta de Lisboa (AVAAL) através de um protocolo assinado em Dezembro de 2011.

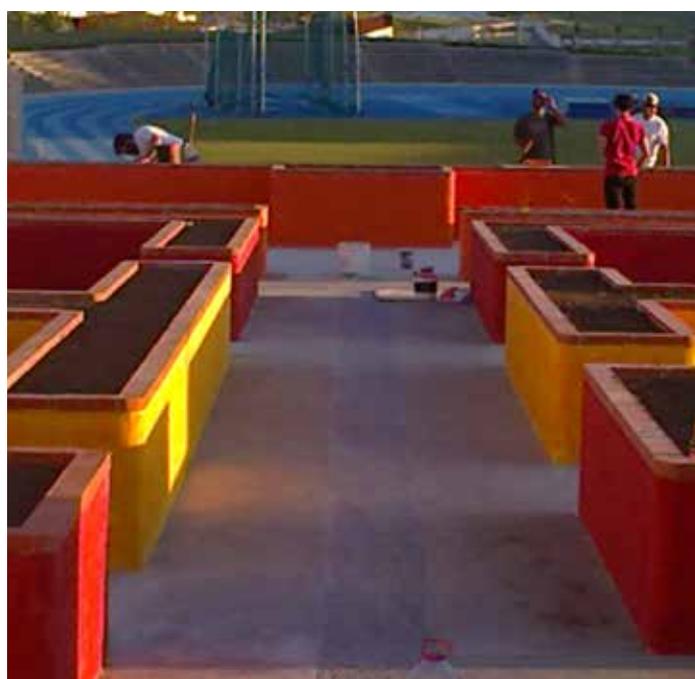
Mas o que tem de especial este terreno?

Com o objetivo de utilizar este espaço para promover a sensibilização e educação ambiental, a dinamização social da comunidade e a produção alimentar, a AVAAL resolveu fazer uma horta acessível com talhões de terra que estão ao nível da cintura para que possam ser trabalhados por pessoas em cadeiras de rodas. Já os canteiros têm uma largura estreita a pensar nos braços de quem tem mobilidade reduzida. Os corredores são

largos, permitindo o cruzamento de duas cadeiras de rodas. E existem guias no chão pra auxiliar os invisuais. Assim, esta horta foi concebida para cidadãos portadores de deficiência física ou mental, mas existem, ainda, canteiros mais baixos dedicados às crianças.

O projeto arrancou com quatro utilizadores (três adultos e uma criança), mas existe capacidade, diz a AVAAL, para acolher cerca de 12 pessoas. O mais importante é mesmo proporcionar o convívio entre os “donos” dos talhões, aliás, este projeto está a ganhar adeptos e admiradores junto da comunidade.

Estando equipado com dois armazenadores de água, um contentor para a compostagem e um abrigo em madeira onde são guardadas as ferramentas e os materiais, o espaço chegou a ter uma casa de banho para deficientes



que, devido às despesas que dava e à falta de uso, foi retirada.

A utilização da horta tem um custo de cinco euros por mês por cada dois metros de talhão e os utilizadores têm de se fazer sócios da AVAAL (não tem um valor de quota fixo). A água e a maioria das plantas são fornecidas pela associação, mas o transporte é neste momento assegurado pelos utentes.

A AVAAL é uma associação sem rendimentos próprios que vive de apoios, donativos e de candidaturas a programas de financiamento. Grande parte da verba para a construção da horta acessível veio do Programa EDP Solidária 2011 e do projeto Entre Gerações da Fundação Calouste Gulbenkian.

Os Direitos das Pessoas Surdas

O Prémio para as Ciências Sociais e Humanas, Maria Cândida da Cunha, foi atribuído ao estudo “Os Direitos das Pessoas Surdas como questão dos Direitos Humanos: Sem Língua Gestual, não há direitos humanos”, efetuado pelo jurista Filipe Venade de Sousa. Para saber um pouco mais do estatuto jurídico dos Direitos das Pessoas Surdas em Portugal, a Plural&Singular entrevistou o vencedor do prémio atribuído, todos os anos, pelo Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.



Plural&Singular (P&S) - “Os Direitos das Pessoas Surdas como questão dos Direitos Humanos: Sem Língua Gestual, não há Direitos Humanos” foi a sua tese de mestrado em Direitos Humanos. Qual foi o objetivo deste trabalho?

Filipe Venade de Sousa (FVS) - A tese em concreto tem como objetivo a compreensão do estatuto jurídico dos Direitos das Pessoas Surdas no ordenamento jurídico-constitucional e convencional, ou melhor, a Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CNUDPD) como ponto de partida pois revelou-se como um instrumento necessário para colmatar as lacunas existentes em termos do conhecimento jurídico sobre as Pessoas Surdas no âmbito dos direitos fundamentais e seus aspetos jurídicos. Esta temática não me é estranha porque eu próprio sou surdo e a minha experiência real pode contribuir para a esfera jurídica e social das pessoas surdas com base na compreensão fundamental destes instrumentos jurídicos normativos.

P&S - Como se caracterizam os serviços públicos portugueses relativamente ao atendimento de pessoas surdas?

FVS - No plano jurídico, o artigo constitucional 74.º, n.º2, alínea h) proclama o reconhecimento efetivo e pleno da Língua Gestual Portuguesa e suas implicações jurídicas que incide sobre direitos fundamentais das pessoas surdas, sobretudo, no âmbito de direito à comunicação em igualdade de oportunidades. Além disso, a CNUDPD que reconhece que as pessoas surdas em geral têm direito fundamental à comunicação em Língua Gestual no exercício pleno dos seus direitos e liberdades fundamentais na sociedade inclusiva. No plano prático, ainda, infelizmente, não se acompanha, efetivamente, as normas exigíveis para cumprir as obrigações estatais, só parcialmente. Ou seja, as Pessoas Surdas podem aceder nos serviços públicos através de atendimentos específicos para pessoas com necessidades especiais a título exemplificativo a serviços da Segurança Social.

P&S - E nas escolas os alunos surdos estão em igualdade no que diz respeito ao ensino e à aprendizagem?

FVS - Tomando em conta a norma constitucional que já referi, a CNUDPD e ainda as disposições legais nomeadamente decreto-lei n.º 3/2008 no que toca à educação bilingue dos alunos surdos, é imprescindível que relembremos o artigo 23.º, n.º1, de Decreto-Lei n.º 3/2008, alterado pelo Lei n.º 21/2008 que afirma claramente: “A educação das crianças e jovens surdos deve ser feita em ambientes bilingues que possibilitem o domínio da LGP, o domínio do português escrito e, eventualmente, falado, competindo à escola contribuir para o crescimento linguístico dos alunos surdos, para a adequação do processo de acesso ao currículo e para a inclusão escolar e social”. Consequentemente, atribui ao Estado a responsabilidade de garantir, promover e valorizar a Língua Gestual Portuguesa no sentido de permitir às Pessoas Surdas o seu exercício de direito de aceder e aprender a Língua Gestual Portuguesa no ambiente educativo. Por fim, a presença da língua no uso social, no caso das Pessoas Surdas, deve ser assegurada, de forma eficaz, em igualdade efetiva de oportunidades. Cabem às escolas que têm a obrigação de

adaptar as circunstâncias no que respeita à igualdade de oportunidades e de tratamento em qualquer contexto.

P&S - Quais são as situações mais flagrantes, mais frustrantes?

FVS - As Pessoas Surdas têm as mesmas situações quotidianas dos restantes cidadãos e, particularmente, o grande obstáculo a resolver é a barreira comunicativa e informativa que priva as pessoas surdas.

P&S - E Portugal em comparação ao resto do mundo e, mais concretamente, em relação à UE, que “posição” ocupa relativamente ao cumprimento da Convenção da ONU e dos direitos fundamentais? Que avaliação faz?

FVS - Reconheço, enquanto jurista, que a legislação portuguesa na esfera das pessoas com deficiência possui um nível avançado aos restantes países europeus no sentido de que protege e promove, pelo menos, no plano jurídico, os direitos das pessoas com deficiência. Mas, inevitavelmente, as práticas ainda são opostas em relação às normas que foram reconhecidas. O problema central não é as leis mas sim a própria sociedade que, no sentido amplo, ainda tem uma “atitude paternalista” e tem uma quota de responsabilidade cívica para com as pessoas com deficiência enquanto cidadãos de pleno direito e não de “segundo classe”. No caso em concreto, uma pessoa com deficiência fica limitada pelas diversas barreiras, por exemplo, social, informativa, comunicativa, familiar, inter-relacional, cultural, espiritual, económico e outras, impostas, pelo menos, invisivelmente, pela sociedade, impedindo-a de participar plena e efetivamente na sociedade em igualdade de condições com os demais e que criam limitações àquela pessoa, dificultando-lhe o pleno exercício dos seus direitos, privando-as mesmo de os exercer. Consequentemente, impõe ao Estado e à sociedade civil a remoção destas barreiras, e que promovam e assegurem plenamente o exercício, em condições de igualdade, de todos os Direitos Fundamentais.

P&S - Como é que as pessoas surdas conseguem contornar as dificuldades apresentadas pela sociedade? Como contornam a exclusão?

FVS - Deixo uma resposta simples para quem conhece a vida da pessoa surda, cada dia é uma luta diária para o surdo. Acredito piamente que as pessoas surdas têm

as mesmas capacidades de lidar com a vida com total autonomia.

P&S - De que forma, esta tese contribui para conhecer a realidade da população surda? É um trabalho importante no seio dos estudos efetuados nesta área?

FVS - Não se tem muito desenvolvida a temática sobre os Direitos das Pessoas com deficiência e, em particular, das Pessoas Surdas em Portugal. Pretendo contribuir para uma abordagem jurídica específica sobre os Direitos das Pessoas Surdas no sentido de compreender o complexo sistema jurídico dos direitos fundamentais para permitir a defesa dos seus direitos na sociedade bem como sua integração plena no seio da sociedade globalizada.

P&S - O que significa para si receber este prémio?

FVS - Confesso que não esperava esta notícia. É uma notícia feliz! É prova de reconhecimento pela minha luta diária enquanto cidadão surdo e enquanto jurista por paixão pela investigação na área específica das pessoas surdas e das pessoas com deficiência.

P&S - Este prémio vem trazer mais visibilidade ao seu trabalho. De que forma, vem ajudar e reforçar a denúncia das barreiras existentes para a população surda?

FVS - Exatamente o objetivo da tese é reforçar o contributo para a compreensão dos direitos fundamentais para permitir às Pessoas Surdas defender e exigir os seus direitos que foram restringidos ou limitados de forma invisível ou (in)direta por parte do Estado ou da própria sociedade. É importante relembrar que a discriminação também é uma forma atentatória à sua dignidade, uma restrição ou limitação ao exercício dos direitos que foram reconhecidos pelas normas ratificadas. Para as Pessoas Surdas, a utilização da Língua Gestual Portuguesa reflete, fundamentalmente, a sua dignidade e é um direito *conditio sine qua non* no exercício dos seus direitos na sociedade, caso contrário, é uma forma atentatória e discriminatória à sua dignidade.

P&S - Há mais alguma coisa que gostaria de dizer?

FVS - Gostaria de dizer uma frase memorável a todas as Pessoas Surdas e às Pessoas com deficiência que resume tudo: *ad augusta per angusta* (A glória alcança-se por caminhos estreitos).

“Nada sobre vós, sem vós”

Esta página da Plural&Singular destina-se à sua instituição, sendo a publicação destes anúncios/sugestões/campanhas de carácter gratuito...

Nesta página da sua revista dedicada à temática da deficiência, pode publicar, publicitar, divulgar, as suas campanhas de recolha de bens, angariações de fundos, ações de solidariedade...

A Plural&Singular oferece este espaço aos seus parceiros sociais e institucionais, tendo como objetivo aproximar cada vez mais esta publicação dos seus principais intervenientes e leitores...

Assim, esta página da Plural&Singular destina-se a si e a dar voz às reais necessidades da sua instituição...

Os anúncios, divulgação de campanhas e sugestões publicados nesta página são da inteira responsabilidade dos seus subscritores, sendo compromisso da Plural&Singular que só serão publicadas campanhas que visem um bem comum e sustentável...

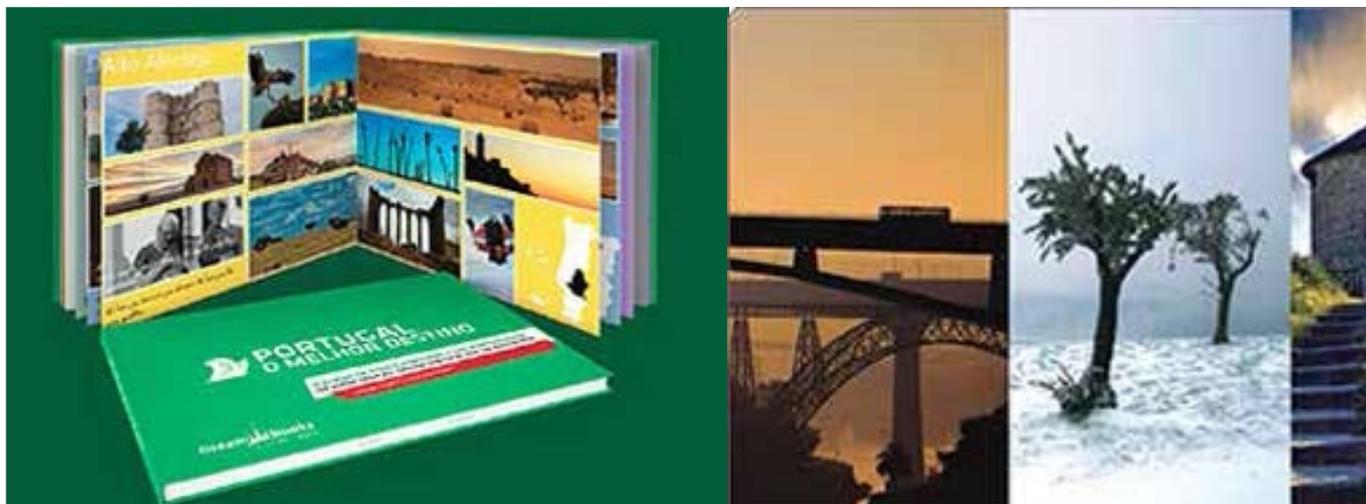
Esta página da Plural&Singular é parte integrante da sua edição trimestral, constituindo um dos motores de promoção da “missão” inclusiva deste projeto...

A Plural&Singular aconselha a leitura deste Fórum, bem como apela à participação de cada vez mais agentes nas campanhas divulgadas...

Email para envio de sugestões, campanhas, anúncios (textos e/ou fotografias): geral@pluraesingular.com

NOTA: A Plural&Singular reserva-se ao direito de rejeitar os anúncios que não se enquadrem na sua orientação editorial. A colocação/escolha/ordem de publicação dos anúncios estará sujeita a imperativos de paginação.

Álbum solidário “Portugal, melhor destino”



13 regiões e cerca de 15 mil intervenientes é o balanço da criação do maior álbum fotográfico do mundo de acordo com o Guinness World Record. Mais de 10 mil fotografias perfizeram um projeto ambicioso “de âmbito nacional que incentivou os portugueses a demonstrarem todo o seu orgulho e patriotismo por meio da fotografia”. Foi editado um segundo álbum composto por dez fotografias de cada região do país que pode ser adquirido por 16,50 euros. A recordação desta iniciativa faz parte do movimento de fotografia solidário com a ACAPO –

“Portugal, melhor destino”, já que as verbas angariadas revertem a favor dos projetos desenvolvidos por esta associação.

A marca Dreambooks, entidade responsável pela iniciativa “Portugal, o Melhor Destino” disponibiliza o álbum solidário além dos espaços da exposição do álbum “Portugal, o Melhor Destino”, através da página oficial da iniciativa, em www.portugalmelhordestino.pt e www.dreambooks.pt.

PLURAL & SINGULAR

PUBLICITE AQUI



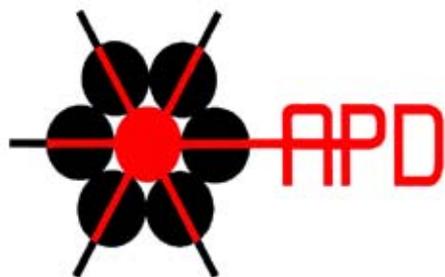
(+351) 253 419 016



publicidade@pluralesingular.com



Av. D. João IV, 1076, Blc C, 4º Esq
4810-534 Guimarães Portugal



5.ª Edição do Prémio Dignitas

Está aberto o processo de candidatura à 5.ª edição do Prémio Dignitas, uma distinção da Associação Portuguesa de Deficientes (APD) e que conta com o apoio da MSD. As candidaturas deverão ser formalizadas até ao próximo dia 31 de março, junto da sede da APD, pessoalmente ou por correio.

O Prémio Dignitas destina-se a premiar os melhores trabalhos, publicados ou difundidos nos órgãos de comunicação social portugueses, por profissionais da comunicação social, subordinados ao tema da deficiência e que promovam a dignidade das pessoas com deficiência, os seus direitos humanos e a sua inclusão social. Podem concorrer profissionais da comunicação social portugueses ou residentes em Portugal e as candidaturas poderão ser individuais ou coletivas. Desde o ano passado que podem igualmente candidatar-se ao Prémio Dignitas estudantes de Comunicação das Escolas Superiores e Faculdades de todo o País. Os trabalhos nas categorias de Jornalismo e de Estudante não são cumuláveis.

O Prémio Dignitas Jornalismo Universitário, distingue o melhor trabalho universitário desenvolvido por estudantes universitários, a título individual, e que tenham sido objeto de classificação pelo respetivo docente no decorrer de 2012

Criado em 2009, o Prémio Dignitas assinala este ano a sua quinta edição. As matérias a concurso, publicadas em 2012, terão necessariamente que ser editadas em português. O 1º Prémio é de 4.000,00 euros e os restantes são de 2.000,00 euros cada um (Imprensa, Rádio, Televisão e Jornalismo Digital).

No caso do Prémio Dignitas Jornalismo Universitário, o prémio é de 1.500,00 euros.

O Júri poderá ainda atribuir Menções Honrosas.

A atribuição do Prémio Dignitas 2013 será efetuada no dia 3 de maio, data em que se assinala o Dia Mundial da

Liberdade de Imprensa.

O júri responsável pela avaliação das candidaturas é composto por um representante da Associação Portuguesa de Deficientes, um representante da Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa, um representante da Amnistia Internacional e duas personalidades a designar.

Para consultar o regulamento do Prémio Dignitas visite o website da Associação Portuguesa de Deficientes www.apd.org.pt ou o website da MSD <http://www.msd.pt/>

Sobre a APD

A Associação Portuguesa de Deficientes, criada em 1972, tem por objeto a representação, promoção e defesa de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais das pessoas com deficiência portuguesas. Procura negociar e participar na elaboração da legislação, e em tudo que respeita à problemática das pessoas com deficiência, com organismos da Administração Central, Regional e Local e outras organizações. Desenvolve ações destinadas a sensibilizar, esclarecer e mobilizar a opinião pública para a amplitude e imperatividade da resolução dos problemas das pessoas com deficiência. A APD foi agraciada, em 10 de Dezembro de 2009, com o Prémio de Direitos Humanos da Assembleia da República.

Sobre a MSD

A MSD é líder global em cuidados de saúde, ajudando a melhorar a saúde em todo o mundo. A MSD é uma subsidiária da Merck & Co., Inc. (com sede em Whitehouse Station, N.J., E.U.A.), denominada como MSD fora dos Estados Unidos e Canadá. Através dos nossos medicamentos, vacinas, terapêuticas biológicas e produtos de cuidados pessoais e saúde animal, trabalhamos com clientes e operamos em mais de 140 países para fornecer soluções de saúde inovadoras. Demonstramos também o nosso empenho e compromisso na melhoria do acesso aos cuidados de saúde através de políticas, programas e parcerias abrangentes.



Carlos Iglésias
Jurista

Lei dos Homens

Uma coluna sobre os Direitos dos Deficientes poderá efetuar diferentes abordagens. Uma, seria aguardar passivamente que os interessados se dirigissem ao Órgão de Comunicação Social em causa, solicitando esclarecimento sobre questões concretas, ou mesmo abstratas, que tivessem interesse em ver clarificadas. Outra, seria efetuar uma abordagem sistemática, mais ou menos técnico jurídica, dos regimes jurídicos que o Legislador Português, através de normas jurídicas ou atos jurídicos por si emitidos ou da celebração ou adesão a acordos ou tratados internacionais, estabeleceu com vista à regulação das Situações Jurídicas, ativas ou passivas, que envolvem Pessoas com Deficiência ou, como é usual hoje designar, com Necessidades Especiais. Na presente rubrica, não se afastará qualquer destas duas abordagens, começando-se, todavia, pela segunda, ficando ao critério do Editor e dos Leitores decidir se e quando a primeira deverá ser adotada.

Os Direitos das Pessoas com Necessidades Especiais, como aliás, os de qualquer Cidadão Português, têm como primeiro enfoque a disciplina jurídico-constitucional.

Na Constituição da República Portuguesa atualmente em vigor, doravante designada por CRP, encontramos logo na sua versão original, constante do Decreto de Aprovação da Constituição, publicado no Diário da República, I Série, número 86/76, de 10 de abril, um artigo, o 71º, tendo como epígrafe, Deficientes, inteiramente dedicado à definição dos Direitos dos Deficientes.

Neste preceito, inserido no Capítulo III, Direitos e Deveres Sociais, do seu Título III, Direitos e Deveres Económicos, Sociais e Culturais, já é possível surpreender duas grandes áreas regulativas: a da definição da posição dos Deficientes na Sociedade, equiparada à posição constitucionalmente conferida

aos restantes Cidadãos, com as ressalvas inerentes à deficiência, nº 1; e a da intervenção do Estado com vista a garantir tal equiparação, número 2.

Era a seguinte a redação do citado preceito:

Artigo 71º
(Deficientes)

1. Os cidadãos física ou mentalmente deficientes gozam plenamente dos direitos e estão sujeitos aos deveres consignados na Constituição, com ressalva do exercício ou do cumprimento daqueles para os quais se encontrem incapacitados.

2. O Estado obriga-se a realizar uma política nacional de prevenção e de tratamento, reabilitação e integração dos deficientes, a desenvolver uma pedagogia que sensibilize a sociedade quanto aos deveres de respeito e solidariedade para com eles e a assumir o encargo da efetiva realização dos seus direitos, sem prejuízo dos direitos e deveres dos pais ou tutores.

A Lei Constitucional número 1/82, de 30 de setembro, manteve esta redação, tendo, no entanto, aditado uma alínea g) ao nº 3 do artigo 74º da CRP, que estabelece como incumbência do Estado na realização da política de ensino: promover e apoiar o ensino especial para deficientes.

Por sua vez, a Lei Constitucional número 1/89, de 8 de julho, veio aditar um novo nº 3 ao artigo 71º da CRP, consignando o princípio de que o Estado apoia as associações de deficientes, mantendo as restantes disposições constantes do citado artigo 71º, tendo esta redação permanecido até à Lei Constitucional nº 1/97, de 20 de setembro, pois, a Lei Constitucional nº 1/92, de 25 de novembro, não operou qualquer modificação neste domínio.

A citada Lei Constitucional número 1/97, veio substituir as locuções deficientes por cidadãos portadores de deficiência e física e mentalmente deficientes por

portadores de deficiência física e mental, tanto no artigo 71º como na alínea g) do nº 3 do artigo 74º que nesta revisão constitucional passou a nº 2. Esta evolução semântica, ainda que sem reflexos substantivos, assume uma feição, quiçá, mais humanista.

Do ponto de vista substantivo, esta revisão constitucional introduziu no nº 2 do artigo 71º a obrigação de o Estado adotar uma política de apoio às famílias dos Cidadãos portadores de deficiência, a par da política de prevenção, tratamento, reabilitação e integração dos mesmos Cidadãos, que já se encontrava definida nos textos constitucionais anteriores. Este aditamento, representa, desde logo, um reconhecimento, no plano Constitucional, da relevância do papel da família na reabilitação e integração de cada Cidadão Portador de Deficiência, constituindo Dever do Estado minimizar os custos que para uma concreta família decorrem da circunstância de um seu membro ser um Cidadão Portador de Deficiência.

Por seu turno, no nº 3 do mesmo artigo 71º, a expressão associação foi substituída pela locução organização, alteração que permite que os Cidadãos Portadores de Deficiência sejam representados por entidades que não revistam necessariamente a forma associativa, mas, designadamente fundacional, cooperativa, etc, solução que não merece o nosso aplauso, pois, salvo melhor, seria justamente a forma associativa a que melhor garante a representatividade, em condições de igualdade, dos Cidadãos, isto é, sem uma representação democrática no seio da própria entidade que se assume como representante de um dado grupo social, dificilmente esta entidade poderá garantir que é

representativa desse mesmo grupo.

Na alínea g) do nº 3 do artigo 74º, renumerado para nº 2, o Legislador Constitucional veio colocar o acento tónico no acesso dos Cidadãos Portadores de Deficiência ao ensino em geral, só apoiando o Estado o ensino especial quando tal se revelar necessário, solução que é de aplaudir.

Foi igualmente aditada uma nova alínea h) a esta mesma disposição constitucional, que estabelece como política educativa: proteger e valorizar a língua gestual portuguesa, enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidades, solução que é de louvar, estranhando-se, todavia, a sua introdução tão tardia no texto constitucional.

Este enquadramento jurídico-constitucional manteve-se nas quinta, sexta e sétima revisões constitucionais, operadas, respetivamente, pelas Leis Constitucionais números 1/2001, de 12 de dezembro, 1/2004, de 24 de julho, e 1/2005, de 12 de agosto, esta última, atualmente em vigor.

A par deste enquadramento Constitucional, teremos que destacar, oportunamente, o enquadramento internacional da matéria aceite pelo Ordenamento Jurídico Nacional, incluindo o decorrente do Direito da União Europeia, a partir dos quais se foram publicando diferentes regimes jurídicos que definem os Direitos e Deveres das Pessoas com Necessidades Especiais, começando pela Lei que define as Bases Gerais do Regime Jurídico da Prevenção, Habilitação, Reabilitação e Participação da Pessoa com Deficiência, Lei número 38/2004, de 18 de agosto, matérias que contamos tratar nos números subsequentes da Plural&Singular.

PLURAL  SINGULAR

**PUBLICITE
AQUI**

SAÚDE E BEM-ESTAR



Palavra de ordem: “criar autonomia”

Palavra de ordem: “criar autonomia”

Ana Cláudia Ribeiro é o nome da autora dos Guias de produtos de apoio low-cost/baixo custo e do de recursos para computador inclusivo. São centenas de ideias para tornar o dia à dia das pessoas com deficiência, e não só, facilitado.

Texto: Paula Fernandes Teixeira

Fotos: Gentilmente cedidas



Figura 1 – MouseTool

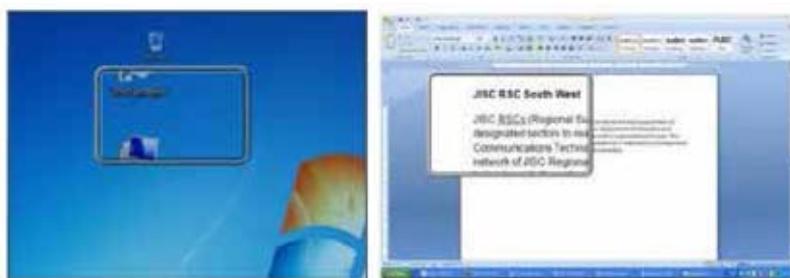


Figura 2 - Virtual Magnifying Glass

Num contexto em que os cortes orçamentais têm vindo a afetar várias áreas em Portugal, com as associações e instituições ligadas à deficiência a exigirem mais apoios para fazer face ao dia a dia, dando razão às reivindicações de movimentos, como o (d)Eficientes Indignados que, no início de fevereiro, pediu, numa manifestação em frente ao Ministério das Finanças, mais “transparência” na atribuição de ajudas técnicas, a publicação dos Guias de Ana Cláudia Ribeiro só pode ser encarada como uma mais-valia.

Tratam-se de dois extensos documentos, disponíveis em PDF para consulta e impressão, no site da Câmara Municipal de Guimarães, autarquia onde esta engenheira de Reabilitação e Acessibilidade Humanas, fez um estágio de três meses, mais concretamente integrada na Divisão de Ação Social, tendo terminado em dezembro de 2012.

Nestes Guias é feita a descrição de produtos que podem ser feitos de forma fácil e barata visando a melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência e programas de computador que, instalados gratuitamente, também tornam o acesso às tecnologias mais facilitado.

Ferramentas para LINUX, WINDOWS, etc.

Eis o “Guia de Recursos para um Computador Inclusivo”... Um documento que apresenta várias aplicações informáticas de acesso livre e gratuito

destinadas a pessoas com algum tipo de limitação física, visual, auditiva, intelectual ou outra, que procura, de forma clara e simples, informar o utilizador sobre as suas aplicabilidades e funcionalidades de acordo com as diferentes situações e necessidades.

Ao longo deste Guia são descritos quase duas dezenas de simuladores de teclado, onze simuladores de rato, dez ampliadores de ecrã e meia dúzia de leitores de ecrã, preditores de palavras (espécie de base de dados de palavras mais utilizadas), programas que exploram a Língua Gestual e o braille, 13 sintetizadores de voz (para transformar texto em voz/fala), entre outras ferramentas e softwares educativos, ou mesmo para melhorar o acesso à Internet.

Vamos a exemplos! O “MouseTool” é um simulador de rato. Esta aplicação direciona-se a pessoas com dificuldade em pressionar os botões do rato. A particularidade mais “interessante” é permitir ao utilizador movimentar normalmente o rato, selecionando, ou seja, “clitando”, o elemento apontado quando o movimento é interrompido. Esta é, assim, a ferramenta indicada para utilizadores impossibilitados de pressionar os botões do rato, ou para utilizadores que queiram evitar ter dor nos membros superiores quando pressionam o rato. Sobre o “MouseTool”, através do Guia de Ana Cláudia Ribeiro, pode-se saber ainda através de que link, na Internet, pode ser retirada esta aplicação e se o idioma do programa/manual existe em português,



Figura 3 – ReadPlease

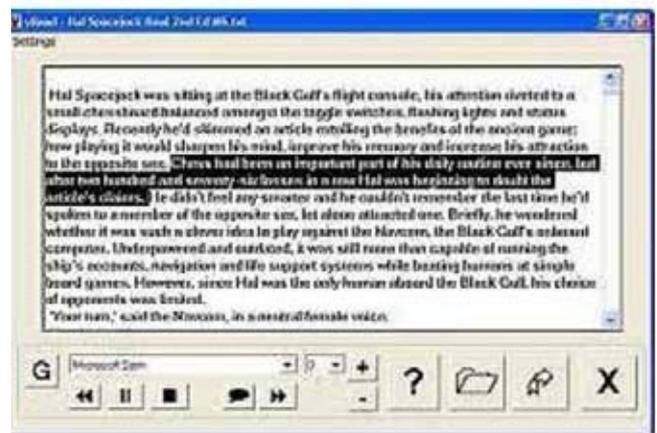


Figura 4 – yRead

inglês, espanhol ou outra língua. O Guia oferece, ainda, uma imagem da aplicação (figura 1).

Outro exemplo: o “Virtual Magnifying Glass” (figura 2) destina-se a pessoas com baixa visão, bem como a pessoas que precisam ampliar uma parte do ecrã. Na prática, esta aplicação, é uma lupa virtual que permite a ampliação de qualquer área do seu computador para uma melhor leitura. A lupa é direcionada para quem não consegue visualizar com exatidão os detalhes do ecrã do computador, aumentando até 20 vezes a área selecionada.

“É simples de usar, com opções para personalização e regulação do tamanho dos caracteres ou ícones na área de trabalho. É um programa que possui um menu intuitivo e de fácil configuração. A lupa acompanha o rato. O utilizador pode definir o tamanho da área de ampliação”, diz o Guia de Ana Cláudia Ribeiro.

Analisados exemplos nos campos dos simuladores de rato e ampliadores de ecrã, vamos conhecer um leitor de ecrã, o “ReadPlease” (figura 3). Destina-se a pessoas cegas ou pessoas com baixa visão e, no fundo, é um leitor de texto que pode ser utilizado para ler páginas da Internet, entre outras funcionalidades, como a possibilidade de aumentar/diminuir a velocidade de leitura, aumentar/diminuir o tamanho das letras que aparecem no ecrã do programa, escolher o idioma (sintetizador de fala) desejado para a leitura...

Agora uma espreitadela ao universo dos sintetizadores

de voz através do “yRead”. Totalmente grátis depois de retirar o link que consta do “Guia de Recursos para um Computador Inclusivo”, esta aplicação lê em voz alta qualquer arquivo de texto ou HTML indicado. A melhor característica do “yRead” é a tabela de correção fonética que permite modificar a pronúncia das palavras que o programa tem armazenadas. Destina-se a pessoas com dificuldades de escrita e leitura e/ou pessoas com dificuldades de aprendizagem (figura 4).

E os exemplos de aplicações/programas/software disponíveis na Internet e descritos neste Guia rondam uma centena. Um pode ter de ser utilizado ao mesmo tempo que outro para garantir a funcionalidade do computador de diferentes formas e para servir diferentes deficiências. Uma aplicação para ampliação de ecrã, conjuga-se com um simulador de rato, auxiliando uma pessoa com dificuldades motoras que também padeça de baixa visão...

“Naturalmente que um programa pode complementar outro nas necessidades especiais da pessoa deficiente. Dar alternativas vastas e conjugáveis entre si também foi o meu objetivo”, explicou Ana Cláudia Ribeiro, reforçando que a preocupação principal na elaboração deste Guia foi “recolher o máximo de informação em links que se mantenham atualizados e que fossem gratuitos”.



Figura 5 – SpreadThesign

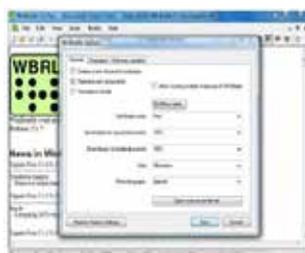


Figura 6 – WinBraille

Língua Gestual e braille

O “SpreadThesign” (figura 5) é um projeto europeu que pretende divulgar na Internet Línguas Gestuais de diferentes países, nomeadamente Portugal, Espanha, Alemanha, Finlândia, França, Lituânia, Rússia, Reino Unido, República Checa, Suécia e Turquia. Trata-se de uma espécie de tradutor de palavras e gestos que ensina como comunicar com surdos através da Língua Gestual. Assim, através da escrita da palavra é possível aprender essa mesma palavra em Língua Gestual. Segundo o Guia de Ana Cláudia Ribeiro o “SpreadThesign” está disponível em português na Internet, sendo de visualização direta no site.

Sabia que para fazer impressões em braille (sistema de leitura para deficientes visuais), não basta comprar uma impressora especial? É necessário traduzir os textos da língua original e formatá-los para imprimir... E existem programas que fazem este trabalho...

O “WinBraille” (figura 6) é um deles. Destinado a pessoas com deficiência visual, traduz, formata e ajusta automaticamente o texto para a impressora braille em alto-relevo. É um editor de braille “amigável e fácil de usar, composto por inúmeros recursos avançados e realiza inúmeras funções que devem facilitar a vida de quem necessita de documentos impressos em braille”, é descrito no Guia. Com este programa é possível manusear tranquilamente arquivos de vários formatos de texto, como DOC, PDF e emails.

Para além das pessoas com deficiência

“Mas os programas não trabalham sozinhos”, realçou a engenheira de Reabilitação e Acessibilidades Humanas. Por exemplo, para que um leitor de ecrã funcione numa imagem, estas têm de ter legenda, “e essa preocupação é da própria pessoa que está a alimentar o site, a introduzir conteúdos”, completou.

Desta forma, com este Guia, Ana Cláudia Ribeiro procura sensibilizar as pessoas para a inclusão: “Tentei mostrar que existem muitos recursos para o computador que não são só pra quem tem alguma incapacidade ou necessidade. São também para que, quem não tem deficiências, torne os seus sites e aplicações inclusivas, acessíveis a todas as pessoas interessadas. É quase uma questão de cidadania”, disse.

A grande motivação de Ana Cláudia Ribeiro para fazer este Guia de recursos, foi o facto de “no mercado os programas disponíveis serem muito caros e exigirem que as licenças sejam renovadas periodicamente, o que também envolve custos”. A engenheira teme que esses custos sejam, na maioria das vezes “incomportáveis” para as pessoas interessadas. “Tentei agrupar em várias categorias, inclusive, softwares educativos para crianças, professores. Tentei dar uma grande oferta para fazer frente aos pagos”.

E a preocupação com os baixos custos também foi essencial para a elaboração do “Guia de Produtos de



Figura 7 - Corta-unhas adaptado

Apoio Low-Cost”, de Ana Cláudia Ribeiro. Um Guia que contém ideias “simples”, “práticas” e “econômicas” de como fazer adaptações de utensílios do dia à dia de forma a facilitar o cotidiano das pessoas com algum tipo de deficiência ou dificuldade motora ou intelectual.

A lógica do “Faça você mesmo”

No capítulo “higiene e vestuário” com um corta-unhas adaptado, tesouras, escovas e pastas dos dentes adaptadas, aplicações de fechos, roupa em velcro, entre muitas outras ideias, Ana Cláudia Ribeiro pretendeu dar opções sobre como tornar um simples instrumento diário mais fácil de usar, sem gastar muito dinheiro e podendo fazê-lo com adaptações em casa.

Para o corta-unhas adaptado (figura 7), por exemplo, só é necessário juntar um corta-unhas uma base em madeira, cola e quatro ventosas/discos antiderrapantes. Este utensílio destina-se a pessoas com mobilidade reduzida ou pouca motricidade fina.

A luva de pano com bolso (figura 8) permite o banho sem a necessidade de segurar o sabonete com outra mão. Materiais: pano macio, velcro, agulha, linha e tesoura. Destinatários: pessoas com amplitude de movimentos limitada.



Figura 8 - Luva de pano com bolso

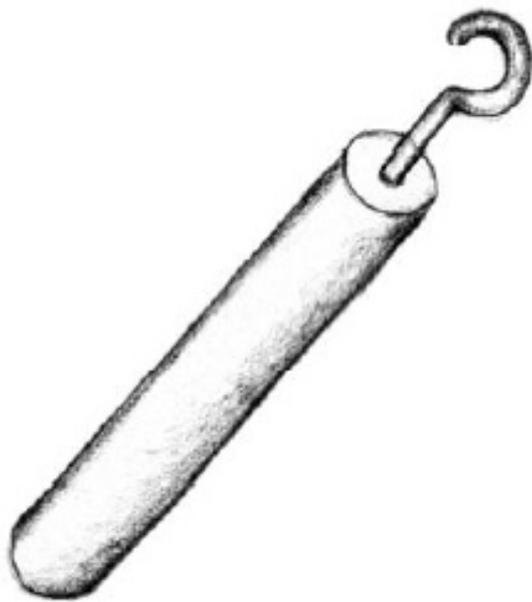


Figura 9 - Gancho para fechos

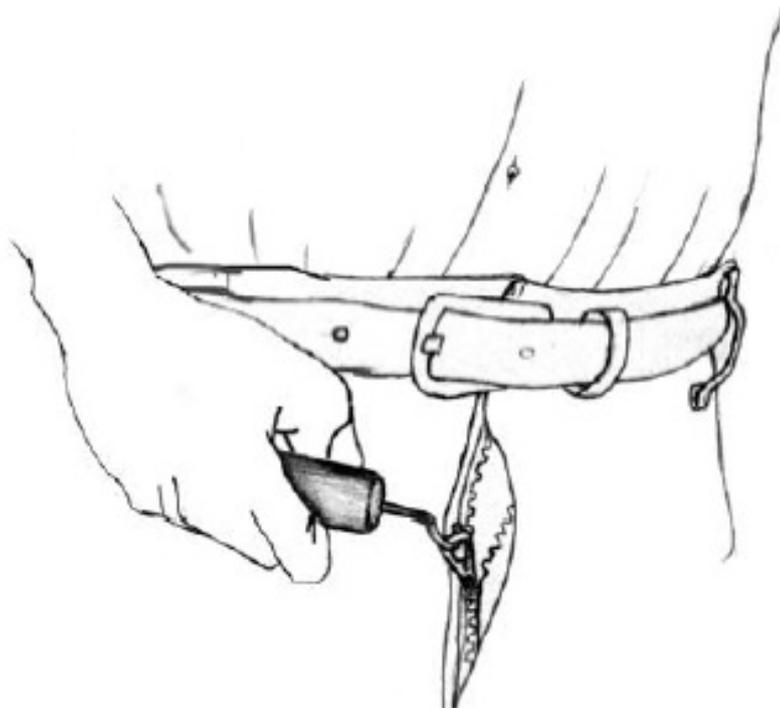


Figura 10 - Talheres adaptados

Já o gancho para fechos (figura 9) apenas exige que a um pedaço de madeira (cabo de vassoura, por exemplo), seja anexada uma argola com abertura com a ajuda de um prego, martelo e alicate. Destina-se a pessoas com défice de destreza manual.

E as opções continuam ao longo de 158 páginas. Alimentação, através de talheres adaptados (exemplo na figura 10), copos recortados (figura 11), entre outras opções. O capítulo “mobilidade e posicionamento” fala de tiras antiderrapantes para colocar em escadas, por exemplo ou como fazer uma toalha ou uma tábua de transferência para facilitar a passagem da cama para a cadeira. Há ainda referência, no capítulo “material escolar adaptado” a adaptações para lápis, pinças, canetas, quer seja através de bolas de borracha, quer seja através de “asas” de plástico, tratando-se de “invenções” destinadas a tornar mais fácil o manuseamento destes utensílios por pessoas com pressão limitada ou ausente nos membros superiores e pessoas com mobilidade reduzida. O último capítulo do Guia é dedicado ao “lazer e recreação”, podendo ver-se exemplos de suporte para baralho de cartas feitos com cd's ou esponja ou mesmo uma embalagem de transporte de ovos, entre outras ideias como a construção de um jogo de damas adaptado para pessoas que tenham dificuldade em agarrar objetos.

“A minha grande preocupação com low-cost deve-se ao facto do país estar em crise. Por isso procurei materiais que existem em casa ou nas instituições, desde plásticos, cartões... Para ligar os componentes, procurei material muito acessível ou que fosse barato, como colas de silicone, fita-cola, parafusos... A verdade é que se ouve falar muito em cortes orçamentais para os produtos



Figura 11 - Copos recortados



Para as pessoas, a tecnologia torna as coisas mais fáceis. Para as pessoas com deficiência, a tecnologia torna as coisas possíveis”, Mary Pat Radabaugh, estudiosa, 1993

de apoio, então há um receio generalizado de que as pessoas com deficiência, famílias, instituições, não tenham acesso a determinados produtos. Este Guia dá dicas de como fazer pequenas adaptações em casa sem gastar muito”, desenvolveu Ana Cláudia Ribeiro.

E, agora, o futuro do projeto

Questionada sobre se para desenvolver estes Guias contactou com pessoas com necessidades especiais, Ana Cláudia Ribeiro lamentou não ter tido oportunidade, “por se tratar de um estágio curto”, de visitar instituições. No entanto a engenheira, recordou que durante a licenciatura, tirada na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), pôde contactar com várias realidades a esse nível.

“Temos alguma noção ao longo do curso e do mestrado. Pudemos conhecer instituições, o que dá alguma noção das dificuldades que as pessoas têm, e fazemos estudos de caso através do contacto direto com as pessoas. Aí, constatei que, por exemplo nos produtos de apoio para higiene, as pessoas desconhecem completamente o leque de opções. Talvez em Guimarães essa realidade já seja um pouco diferente, mas em Vila Real notei falta de conhecimento sobre estes apoios... Reparámos que não tinham tanto conhecimento para estas adaptações...”, contou.

Residente em Guimarães, e num regresso à sua cidade, Ana Cláudia Ribeiro decidiu enveredar por este tema de estágio para “poder contribuir, dentro da missão e dos compromissos da própria ação social vimaranense”. Já teve oportunidade de apresentar ambos os Guias no Fórum Municipal da Pessoa com Deficiência, no Encontro em Rede do Município de Guimarães, em

janeiro.

Acabada a fase da licenciatura e do estágio, Ana Cláudia Ribeiro está a ultimar a sua tese de mestrado que versará a reutilização de produtos de apoio. “Pretendo estudar os cuidados que se devem ter desde a higiene à manutenção. Por exemplo, existem bancos de ajudas técnicas, bancos de partilha, mas não há grande preocupação em ver se as borrachas das canadianas emprestadas estão em condições... Vou tentar ver testes que sejam caseiros que se possam fazer sem ter de ir a oficinas...”.

O futuro deste projeto pode passar pela formação. “Penso que seria importante a organização de formações em produtos de apoio low-cost. Os destinatários seriam as familiares, os voluntários e auxiliares das instituições. Não tenho conhecimento de que se faça algo do género cá, mas no Brasil e Espanha faz-se muito”, concluiu Ana Cláudia Ribeiro.

Convencido sobre a existência de formas simples e baratas de fazer “ajudas técnicas” em casa? Convencido sobre a possibilidade de encontrar links gratuitos com acesso a programas de computador que tornam a sua máquina inclusiva?

Claro que continua a ser imperativo lutar pela atribuição de ajudas técnicas por parte do Governo. Foi criada, aliás, uma comissão de acompanhamento das reclamações relativas às ajudas técnicas. Há quem fale em seis milhões de euros na área da saúde para ajudas técnicas que ninguém sabe onde estão. Mas, pelo menos, ficam as dicas do “Guia de Recursos para Computadores Inclusivos” e do “Guia de Produtos de Apoio Low-Cost” que podem ser consultados no site da Rede Social da autarquia de Guimarães (Divisão de Estudos).

Workshop “As facetas da afetividade e sexualidade”



“As facetas da afetividade e sexualidade” é o nome do segundo workshop subordinado à temática da sexualidade promovido pela Gulliver - Associação Recreativa Cultural e Social.

Este workshop realizado a 26 de janeiro ganhou forma e conteúdo, graças a um aspeto essencial: a positiva e ampla adesão das pessoas ao tema, bem como as múltiplas questões de maior profundidade que ficaram no ar no primeiro workshop “Afetos e Cumplicidades” realizado em 2010.

O evento de há dois anos funcionou como ponto de partida para o desenvolvimento dos temas abordados no workshop de janeiro “tendo, assim, existido uma linha de orientação contínua do primeiro para o segundo momento de exploração da sexualidade enquanto assunto transversal a todo e qualquer ser humano”, explicou Susana Pinto da Gulliver.

III Jornadas Estímulo Praxis



As III Jornadas Estímulo Praxis realizadas no dia 22 de fevereiro, na Biblioteca Municipal Orlando Ribeiro, em Lisboa, debateram o tema da Investigação e Intervenção nas Perturbações do Desenvolvimento da Criança.

“Iniciámos com a temática da plasticidade cerebral e a importância de uma intervenção cada vez mais precoce nas perturbações do neurodesenvolvimento. Discutiram-se novas abordagens de diagnóstico e terapêutica na epilepsia, bem como de investigação nas áreas da aprendizagem e comportamento, que poderão trazer grandes vantagens terapêuticas, num futuro próximo”, esclarece a diretora técnica da Estímulo Praxis, Sara Antunes.

Discutiram-se também novas metodologias de avaliação neuropsicológica e estratégias de intervenção na reabilitação cognitiva e foram apresentadas abordagens específicas como as alternativas terapêuticas na área da Estomatologia/Odontopediatria para crianças e adolescentes com Necessidades Especiais, novos modelos de apoio a crianças com

perturbações da relação e da comunicação, com a apresentação do programa “Crescer Passo a Passo”, assim como o Método Cuevas Medek Exercise, uma abordagem utilizada em fisioterapia pediátrica em crianças que possuem alteração no desenvolvimento motor causado por síndrome não degenerativo que afeta o Sistema Nervoso Central. Organizado pelo Centro de Desenvolvimento Infantil Estímulo Praxis as jornadas contaram com a participação de Joana Santiago e Raquel Monteiro do BIPP – Soluções para a deficiência, que falaram sobre a necessidade que os pais têm de obter informação acerca dos recursos e serviços existentes para as pessoas com necessidades especiais. Isabel Paz, Diretora Clínica da Estímulo Praxis, refere que “cada vez se está se mais atento à evolução do desenvolvimento psicomotor da criança, pois detetar precocemente qualquer alteração permite orientar e intervir atempadamente, maximizando o potencial de desenvolvimento dessa criança”.

“Curso de Halliwick® – Pediatria”



Organizado pela Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral de Faro e direcionado a fisioterapeutas, o “Curso de Halliwick® – Pediatria”, ministrado pelo formador internacional, Johan Lambeck, realizou-se de 10 a 14 de janeiro. Ao todo foram 50 horas de formação de um método que se baseia em princípios de hidrodinâmica e no desenvolvimento motor normal.

“O Halliwick tem como principal objetivo a promoção do controlo neuromotor em meio aquático, tendo como base técnicas de manuseio e facilitação específicas e integrando, na sua prática, atividades funcionais num contexto motivador para a neuroreabilitação”, conforme refere o comunicado da formação.



Ação Qualidade de Vida 2013 - Inscrições Abertas



As candidaturas à Ação Qualidade de Vida 2013 estão abertas até ao dia 8 de março de 2013. Este processo de candidatura anual, criado pela Associação Salvador, para a atribuição de apoios diretos e pontuais a pessoas com deficiência motora e comprovada falta de recursos financeiros, este ano dará prioridade a candidatos com limitações motoras sem comprometimento cognitivo.

A iniciativa, que conta com o apoio do Banco Espírito Santo, da Semapa, e da Fundação Calouste Gulbenkian, tem duas categorias para dar uma resposta mais justa aos diversos pedidos. Os apoios da “Vida com Dignidade” visam uma melhoria da condição de vida das pessoas com deficiência motora e os apoios da “Mudança de Vida” destinam-se à sua melhor integração na sociedade.

Esta iniciativa pretende apoiar casos que não encontraram resposta dentro dos programas de apoio promovidos pela Segurança Social, Instituto de Emprego e Formação Profissional, Ministério da Saúde, entre outros organismos, e, por isso, é obrigatório o envio de vários documentos. Mais informações em www.associacaosalvador.com

Seminário sobre Terapia Assistida com Animais



O Seminário sobre Terapia Assistida com Animais marcado para o dia 16 de fevereiro contou com a participação do reconhecido psicólogo, Aubrey Fine e foi dirigido a pais, educadores, professores, terapeutas, e outras pessoas que contactam com crianças com necessidades especiais. O workshop organizado pela Cães Amigos e a APEE Autismo – Associação de Pais e Encarregados de Educação de Alunos com Perturbação do Espectro do Autismo “mostrou evidências científicas em que a presença do animal é uma excelente mais-valia na maioria das áreas, sendo uma ferramenta motivacional incomparável”, refere o comunicado do evento.

O especialista no tratamento de crianças com perturbações de hiperatividade e défice de atenção, dificuldades de aprendizagem, desenvolvimento e em relacionamento entre pais e filhos é, segundo a organização, “um excelente orador”, pelo que não ninguém terá adormecido nas cadeiras do auditório do Centro de Educação e Formação Profissional Integrada, no Porto.

“A Prestação de Serviços e a Promoção da Vida Independente”

As conclusões do estudo “A Prestação de Serviços e a Promoção da Vida Independente” foram apresentadas, publicamente, pela Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO) no Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, 3 de dezembro de 2012.

Foram inquiridos mais de 1300 associados e utentes da ACAPO com o intuito de efetuar um diagnóstico exaustivo das principais necessidades desta população.

Os resultados finais recolhidos indicam que as pessoas com deficiência visual têm grandes dificuldades no mercado de trabalho. Apenas um terço das pessoas com deficiência visual inquiridas em idade ativa (16 a 64 anos) vive do seu próprio trabalho, sendo o Estado o maior empregador e professores e telefonistas as profissões exercidas mais comuns.

Desta forma a segurança social assume um papel muito importante na subsistência das pessoas com deficiência visual, ainda assim a maioria dos inquiridos utiliza produtos de apoio, que adquire com recursos próprios.

Também se concluiu que adquirir uma deficiência continua a implicar piorar o nível de vida, de autonomia e mobilidade mas a maioria dos cidadãos com deficiência visual assume-se autónomos nas suas ativi-

dades diárias e no acesso à informação, apesar do abandono escolar existente por falta de apoios, capacitação de professores e melhores mecanismos de integração.

Mediante os dados recolhidos no estudo também a probabilidade de constituírem família própria é afetada nas pessoas com deficiência visual, assim como a participação social. Por exemplo, mais de metade dos inquiridos não passam habitualmente férias fora de casa, mas em contrapartida a participação política, sindical e cívica é significativa e elevada.

As diferenças de qualidade de vida e de situação social entre os inquiridos são explicadas por três fatores identificados pela pesquisa - dependência/autonomia individual; centramento na própria vida/centramento na participação social; dependência de família de origem ou isolamento/constituição de família própria – que permitem observar cinco grupos que correspondem a situações sociais distintas dos inquiridos.

O estudo “A Prestação de Serviços e a Promoção da Vida Independente” pode ser conhecido em pormenor, prevendo-se a sua edição em livro para breve. Posteriormente ficará disponível para consulta nas Delegações da ACAPO nos suportes braille e caracteres ampliados.

Sessões de esclarecimento e debate do INR

O Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P. (INR, I.P.) tem procurado informar, sensibilizar e envolver a sociedade portuguesa na defesa dos direitos das pessoas com deficiência, tendo como objetivo a prossecução das metas da sociedade para TODOS.

Assim, o INR, I.P., promove mensalmente o projeto FORUM INR, I.P., chamando entidades e peritos para um debate que pretende que seja “aberto e plural” sobre as temáticas mais pertinentes da deficiência.

O FÓRUM INR 2013 já teve duas sessões. A de 4 de janeiro foi dedicada ao Dia Mundial do Braille, enquanto a de 31 de janeiro versou sobre Violência Doméstica e Abuso Sexual de Pessoas com Deficiência. Destaque para a intervenção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, do Instituto Superior de Psicologia Aplicada e da Cooperativa Nacional de Apoio à Pessoa com Deficiência.

“Os participantes desta sessão de 31 de janeiro de 2013, ficaram mais informados e fortemente sensibilizados, entre outros fatores não menos importantes, para a descodificação dos sinais de violência e abuso, bem como para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e de segurança pessoal, nas famílias e nas instituições”, refere nota divulgada pelo INR, I.P.

Todas as pessoas interessadas em participarem em futuras sessões mensais do FÓRUM INR, I.P. podem consultar a agenda do portal - www.inr.pt. A entrada é livre e não está sujeita a inscrição prévia.

Projeto “Autismo: Habilitar e Formar”

Financiado pelo Eixo 6.4 – Qualidade dos Serviços e Organizações do POPH e promovido pelo Instituto Técnico da Inovação o projeto formativo Autismo: Habilitar e Formar formou cerca de 200 técnicos de reabilitação profissional e de outras áreas profissionais que intervêm na área da deficiência e incapacidade.

O projeto, ao longo de seis meses, contou com dez ações de formação e três seminários abertos a profissionais que versavam temáticas acerca da intervenção biopsicossocial e profissional de pessoas com perturbação do espectro do autismo em idade de inserção na vida ativa.

Este ciclo formativo contou com a participação de pessoas da área da intervenção e associativismo na deficiência, nomeadamente um dos membros da direção da AIA – Associação de Inclusão do Autista, Eduardo Ribeiro. Também colaboraram nesta iniciativa, na divulgação de software e hardware facilitador, a ANDITEC, Tecnologias para Reabilitação e a CNOTINFOR, uma empresa de inovação focada na área da aprendizagem enriquecida pela tecnologia, a CERCIESPINHO e a Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Vila Nova de Gaia na partilha de experiências de reabilitação profissional.

Neste momento o Instituto Técnico de Inovação encontra-se a desenvolver um itinerário formativo na área do turismo inclusivo para formar especialistas nesta área de intervenção.

Construir uma escola para todos: em direção a uma

A Associação Europeia de Prestadores de Serviços para Pessoas com Deficiência (European Association of Service Providers for Persons with Disabilities) irá realizar uma ação de formação subordinada ao tema “Construir uma escola para todos: em direção a uma escola inclusiva”. Esta ação está agendada para setembro, entre 21 e 27, em Salzburg (Áustria). O objetivo é dar continuidade à sessão anterior, realizada em Lisboa, em 2011, apresentando orientações concretas para a promoção e implementação de uma educação inclusiva.

Esta ação de formação destina-se, sobretudo, a diretores de escolas, professores, conselheiros e orientadores educativos, inspetores e pessoal administrativo do setor escolar. As inscrições poderão ser efetuadas em dois períodos distintos, até 16 de janeiro e até 30 de abril 2013.

Mais informações em <http://ec.europa.eu/education/trainingdatabase> ou através do e-mail Goedele.avau@easpd.eu

Projeto “Não há Longe nem Distância”



O E-jobing é uma nova forma de apoio ao emprego criada pelo Centro de Integração Profissional para Surdos – CIPS, um serviço da Associação de Surdos do Porto que orienta e informa sobre questões relacionadas com o trabalho. O projeto “Não há longe nem distância” visa ajudar à inserção profissional de pessoas surdas desempregadas e apoiar aquelas que já estejam empregadas, recorrendo à sua equipa multidisciplinar que engloba assistente social, educadora social, psicóloga, jurista e intérpretes de língua gestual. “Trata-se de uma experiência piloto inovadora que procura, através das novas tecnologias, prestar este serviço via videoconferência e através de plataforma e-jobing garantindo um apoio online diário”.

Mais informações através do email : cipsurdos@asurdosporto.org.pt ou no website www.asurdosporto.org.pt

Banco Local de Produtos



Vila Real tem a partir de março um serviço de empréstimos de produtos de apoio à comunidade deste distrito transmontano.

O Banco Local de Produtos de Apoio foi provido com 13 toneladas de material para pessoas com deficiência e idosos, doados pela Fundação sueca AGAPE ao Centro de Engenharia de Reabilitação da Universidade de Vila Real (CERTIC).

São 360 produtos de apoio e 230 acessórios ou peças de equipamentos - cadeiras de rodas, acessórios para cadeiras de rodas, elevadores de transferência elétricos, andarilhos, equipamentos para treino de marcha, canadianas, cadeiras sanitárias, assentos elevados de sanita, camas

articuladas, colchões anti-escara etc. – disponíveis para situações temporárias e de forma gratuita.

O material, recolhido pela AGAPE em centros de tecnologias de apoio da costa oeste da Suécia, onde se encontra sediada a fundação, serve para suprimir necessidades imediatas que não podem esperar pelo tempo necessário para pedir financiamento ao Estado.

O banco que inclui outros produtos existentes no CERTIC, concebidos e adaptados pelos alunos da UTAD nas áreas das tecnologias de informação e comunicação e da recreação e lazer, pretende também ter associado um portal na Internet com a informação sobre os produtos disponíveis e condições de acesso.

NORMÉDICA

13ª Feira da Saúde



AJUTEC

14ª Feira Internacional de Produtos, Serviços e Tecnologias de Apoio para Necessidades Especiais



9-12
Maio
2013

O EN'Arte e a música

O EN'Arte – Encontro nacional de técnicos e pessoas com deficiência que enquadram a sua atividade nas práticas artísticas, nesta 4.ª edição abordou o tema “A Música como meio terapêutico, educativo, de inclusão social e de realização pessoal e profissional”. O músico, musicoterapeuta e responsável pela Banda 5.ª Punkada da APCC – Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra, Paulo Jacob, em entrevista à Plural&Singular falou sobre as potencialidades artísticas das pessoas com deficiência.

Texto: Sofia Pires

Fotos: Gentilmente cedidas pela ANACED



A Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência (ANACED), em novembro promoveu o 4.º encontro anual, desta vez sujeito ao tema “A Música como meio terapêutico, educativo, de inclusão social e de realização pessoal e profissional”. O EN'Arte apresenta-se, assim, como um espaço de debate reflexivo para alargar os horizontes da produção ou intenção artística de uma pessoa com deficiência, deixando de encarar “como fazendo parte somente de um processo de reabilitação ou de inclusão social”, já que “a produção artística de uma pessoa com deficiência pode ser tão boa quanto a de qualquer outra pessoa”, lê-se no comunicado de imprensa do evento.

O músico Paulo Jacob no 4.º Encontro Nacional de técnicos e pessoas com deficiência que enquadram a sua atividade nas práticas artísticas, além de falar sobre o trabalho desenvolvido na Associação de Paralisia

Cerebral de Coimbra, na área da intervenção musical com pessoas com deficiência, orientou o workshop “A Intervenção Musical com Pessoas com Limitações Motoras (técnicas e recursos)”.

“Este workshop teve como principal objetivo a promoção de um espaço formativo para técnicos e pessoas com deficiência, valorizando as possibilidades de intervenção musical, através das técnicas, metodologias e recursos atualmente disponíveis para a sua facilitação”, explicou Paulo Jacob.

Durante este evento foram abordadas as perspetivas artística e profissional, reabilitativa e educativa da música, contribuindo para a aquisição de conhecimentos e competências de todos os presentes no que diz respeito a estratégias e metodologias de intervenção com pessoas com deficiência nesta área.

Músicos com e sem deficiência, técnicos, professores, estudantes e demais interessados marcaram presença neste 4.º encontro que contribuiu para alargar o conhecimento e criar uma visão global desta realidade. Segundo Paulo Jacob o “EN'ARTE tem, no contexto da Arte e da Inclusão, uma importância extrema, na medida em que é, a nível nacional, o único espaço/ momento onde os técnicos e pessoas com deficiência podem expor e debater questões relacionadas com a temática”. O músico realça a especificação e promoção das diferentes áreas de expressão das quatro edições do EN'Arte e considera que a convergência, neste espaço de reflexão, de diferentes formas de intervenção funciona como catalisador da mudança de paradigma.





Plural&Singular (P&S) - Quais são os benefícios da Música como meio terapêutico, educativo, artístico e de inclusão social das pessoas com deficiência?

Paulo Jacob (PJ) - A Música existe desde os primórdios da Humanidade. O estudo do potencial de utilização da Música tem acompanhado a história e a evolução do ser humano. O interesse científico sobre a Música remonta aos tempos da Grécia Antiga mas destacou-se de forma mais intensa e aprofundada no final do século XIX e no desenrolar do século XX. A Música, em qualquer contexto de intervenção (educativo, terapêutico, artístico), pode funcionar como elemento facilitador em áreas como os domínios social, cognitivo, sensorial, motor e emocional. Como exemplos: no domínio social, a música estimula o desenvolvimento de capacidades sociais (partilha, esperar pela sua vez), melhora a capacidade de comunicação e interação entre pares; no domínio cognitivo, a música estimula o desenvolvimento da atenção, da concentração, da memória (a curto e longo prazo); nos domínios sensorial e motor, a música ajuda a melhorar a coordenação motora, a respiração, o controlo vocal; no domínio emocional, a música facilita a expressão de emoções. No campo da inclusão, a Música pode funcionar como espaço de partilha, onde questões relevantes como a diferença podem ser desmistificadas através da abertura de canais de comunicação.

P&S - Que tipos de respostas existem para as pessoas com deficiência que querem praticar esta expressão artística?

PJ - No âmbito da Música, as respostas que existem em Portugal para a prática e/ou usufruto desta expressão para as pessoas com deficiência encontram-se, de forma mais vincada, nas instituições de solidariedade social (mais especificamente, nas IPSS (Instituições Particulares de Solidariedade Social) ligadas à reabilitação). Estas instituições foram reconhecendo, ao longo do tempo, o potencial de utilização da Música com esta população nas mais diversas situações de intervenção (contexto terapêutico, educativo, lúdico e expressivo).

Existe, atualmente, em Portugal, um número considerável de instituições que contemplam, nos seus planos de atividades, a atividade musical. Estas são instituições que abrangem, de forma especializada, diferentes situações da deficiência (autismo, deficiência mental, paralisia cerebral, surdez, ...). A título de exemplo, poderei referir alguns projetos musicais que surgiram através das IPSS no panorama nacional: Grupo 5ª Punkada da APC (Coimbra); Grupo de Jazz da APPDA (Lisboa); Grupo CAO-BOYS da APPACDM (Coimbra); Grupo SARAVÁ da APPC (Porto); Fanfara "Zabumbar" da CERCIAG (Águeda). Também a Casa da Música, através do seu serviço educativo, promove todos os anos, no seu programa de atividades, uma iniciativa, "Ao Alcance de Todos", que visa estreitar a relação das pessoas com deficiência com a Música. Esta iniciativa iniciou-se em 2007 e, desde então, tem vindo desenvolver projetos musicais de inclusão de elevado valor.

P&S - Será que sem uma formação académica os músicos com deficiência podem aspirar à profissionalização e inserção no mercado de trabalho?

PJ - À semelhança do que acontece, atualmente, com as pessoas sem deficiência, as pessoas com deficiência têm também um enorme entrave no que respeita à inserção no mercado de trabalho. A conjuntura atual não é propícia à fomentação do emprego. O que era, já por si, uma dificuldade, exacerbou-se nos últimos tempos.

Relativamente à profissionalização, a questão agrava-se com a inexistência de respostas por parte das instituições públicas. Estas não se encontram preparadas para integrar nos seus cursos pessoas com deficiência (na componente física da acessibilidade assim como na preparação de técnicos especializados). Existem, no entanto, alguns casos pontuais que contrariam a generalidade, estabelecendo projetos de formação para pessoas com deficiência dentro de instituições públicas, visando assim uma futura profissionalização.

São escassos os casos de sucesso nesta área. Em Portugal, talvez o caso mais flagrante seja o do compositor Emanuel Nunes (pessoa com paralisia cerebral) que se destacou profissionalmente e de forma grandiosa no panorama artístico nacional.



Mais sobre a ANACED

A Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência (ANACED) divulga e promove anualmente iniciativas de inclusão que dão visibilidade às reais capacidades das pessoas com deficiência criando-lhes oportunidades para que se manifestem socialmente, chamando a atenção dos responsáveis e público em geral para as suas potencialidades e direitos. Visa, também, contribuir para o alcance de uma sociedade na qual todos se sintam respeitados e reconhecidos nas suas diferenças.

Sessão de Grupo de Pais e os métodos de Terapia Sistémica



APEE Autismo – Associação de Pais e Encarregados de Educação de Alunos com Perturbação do Espectro do Autismo

A 23 de janeiro o Centro de Recursos em Matosinhos recebeu a 1ª Sessão de Grupo de Pais organizada pela APEE Autismo - Associação de Pais e Encarregados de Educação de Alunos com Perturbações do Espectro do Autismo recorrendo à utilização de métodos de Terapia Sistémica. Uma terapia que assenta na importância das relações que constituem um indivíduo, dando especial atenção ao núcleo familiar como elemento estabilizador, neste caso dos comportamentos das crianças autistas. Segundo a responsável pela orientação da sessão, a psicoterapeuta familiar, Sara Nascimento, o balanço desta primeira reunião é positivo porque têm “observado



Os terapeutas que utilizam esta metodologia, respeitem o que é um sistema, pois isso reflete-se na forma como intervimos, como o compreendemos e como nos relacionamos com ele. Deve existir um “encaixe” entre as histórias do sistema de cada um dos membros do grupo e o terapeuta”, esclarece Sara Nascimento.

uma boa aceitação por parte dos pais”. A também mestre em Psiquiatria e Saúde Mental afirma que nestas sessões “deve existir partilha mas também é um lugar de reflexão e tomadas de consciência sobre estratégias de funcionamento”.

Mas ainda é muito cedo para conseguir avaliar esta sessão e as que se seguem ao ritmo de uma por mês, a próxima é já dia 9 de março, às 15h00. Sara Nascimento explica que “o grupo é como uma fechadura e o terapeuta deve ajustar-lhes as chaves, ou seja, a fechadura determina as chaves que abrem”. Ainda assim, se os meios adotados pelo terapeuta nestas sessões de pais são diferentes, os objetivos ou seja os fins são sempre os mesmos: “melhorar a comunicação e troca de informação, estruturar o estado emocional e expressão do sentimento, aumentar a coesão e sentimentos de pertença, definir fronteiras e limites e encontrar estratégias de resolução dos problemas do quotidiano”. A intenção das sessões do grupo de pais é “perturbar o sistema” para “provocar uma nova compreensão do problema” que contribua para “a evolução desse sistema (grupo)”. “Será neste sentido que o grupo de pais irá ser organizado”, afirma a psicoterapeuta familiar. “De acordo com o grupo, elabora-se um plano, onde se formula uma hipótese explicativa e criam-se objetivos para se cumprir com a terapia, que deve ser contextualizada com os padrões de funcionamento do grupo. Cada grupo deverá ter um programa”, remata.

Mais sobre a psicoterapia sistémica

Plural&Singular (P&S) - Quais são os princípios fundamentais da psicoterapia sistémica?

Sara Nascimento (SN) - A psicoterapia sistémica baseia-se na teoria do pensamento sistémico e entende que o indivíduo está imerso em relações e é constituído por estas relações. A família enquanto sistema tem a tendência a manter a estabilidade e a homeostasia, ou seja, o equilíbrio de papéis e funções entre todos os membros que compõem o sistema familiar. As pessoas são produtos de seu contexto e os seus comportamentos influenciados pelas interações, principalmente com outros membros da família, mas também com as demais pessoas de seu convívio. Em qualquer relacionamento, o comportamento de uma pessoa está ligado ao da outra. A complementaridade nos relacionamentos reforça a influência mútua que ambos sofrem. Outro conceito importante na teoria sistémica é o da causalidade circular, em que os factos, os acontecimentos e as características das pessoas não pertencem a uma relação causa-efeito, mas faz parte de circuitos de feedback contínuos e circulares. A causalidade circular sugere que os problemas são sustentados por uma série contínua de ações e reações e não por um facto isolado pelo qual existe um “culpado” responsável. O terapeuta vai além da “queixa” apresentada e entende que um sintoma pode possuir uma função estabilizadora na família e acabar por desviar o foco, deixando o problema que deve ser solucionado de lado.

P&S - Em que situações se aplica?

SN - A metodologia sistémica aplica-se principalmente na intervenção familiar. Lidar com crianças/jovens com autismo requer atenção constante. Estas crianças/jovens tendem a agir de maneiras inadequadas quando não estão a realizar tarefas/atividades. Quanto mais tempo se passa na companhia da criança/jovem, ensinando-a, melhores serão os resultados no seu comportamento. Os pais podem ajudar, conhecendo e aplicando princípios básicos sobre o comportamento e técnicas para lidar com seus filhos. A ajuda dos pais às crianças em situações do quotidiano tem como objetivo tornar os filhos mais independentes e a lidarem melhor com situações sociais e de relacionamento interpessoal. A família necessita, por vezes de uma reorientação ou auxílio na resolução no seu funcionamento. São grupos de pais, onde o “problema” é comum e o objetivo é deixar de pensar no “problema” como uma dificuldade e procurar soluções para o funcionamento familiar ser equilibrado.

AMOVIDA, quando o conforto é uma necessidade

A almofada para cadeiras de rodas Amovida mantém a temperatura constante a 30°, graças ao gel fluído de alta qualidade com equalizador de temperatura. Esta tecnologia assegura uma ideal distribuição do peso, evitando o aparecimento de escaras.

Texto: Sofia Pires

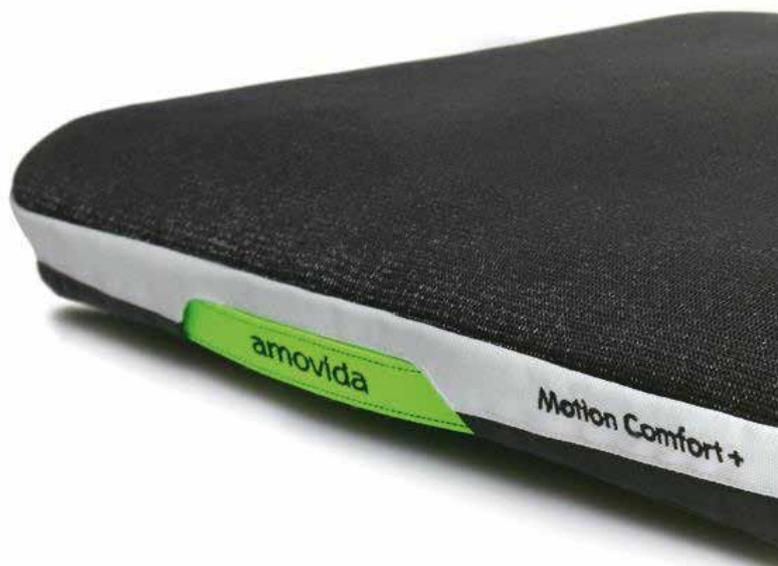
Fotos: Gentilmente cedidas por Alexander Klinger

O Amovida Motion Comfort + é uma almofada de alta qualidade, projetada para distribuir o peso uniformemente, prevenindo as úlceras de pressão típicas em quem passa muito tempo sentado na cadeira de rodas. A base de espuma, combinada com o gel fluído da Amovida light, fornece um apoio perfeito para um assento estável que absorve os choques e as vibrações do solo e da cadeira de rodas, protegendo as costas e a coluna vertebral do utilizador.

A superfície da almofada contém uma camada de malha 3D, para garantir a circulação de ar, ajudando a regular a temperatura e prevenindo a acumulação da humidade. E, para além de garantir o conforto, frescura, equilíbrio e absorção de choques, a almofada é fácil de usar, já que não necessita de encaixes ou ajustes, estando pronta para o uso imediato.

“Essas almofadas são de primeira qualidade, projetadas para distribuir o peso uniformemente, evitando pontos de pressão que podem levar ao desconforto, má circulação sanguínea e úlceras de pressão”, explica o diretor geral da Amovida, Alexander Klinger.

As almofadas Amovida foram colocadas à disposição dos usuários mais rigorosos para a avaliação: os atletas de cadeira de rodas. Os testes efetuados demonstraram que a almofada Amovida reduz significativamente a pressão máxima na área onde se podem desenvolver úlceras de pressão (conhecida como a área de tuberosidade isquiática), comparando com uma almofada standard de seis centímetros para cadeira de rodas.





“Foi crucial receber o feedback dos utilizadores em todos os estágios de desenvolvimento da Amovida. O ritmo acelerado e a adrenalina, de parar o coração, do basquetebol de cadeira de rodas é sem dúvida um dos campos de testes mais rigorosos”, confessa Alexander Klinger.

“Nós sabemos que o alívio da pressão e a manutenção do equilíbrio da humidade natural da pele são os fatores externos mais importantes na prevenção de úlceras em utilizadores de cadeiras de rodas. Trabalhar com os próprios usuários significou que poderíamos desenvolver uma combinação única Amovida de soluções de alta tecnologia para atender a essas necessidades da vida real.” Diretor geral da Amovida, Alexander Klinger

Detrás deste produto está a experiência da Amoena, empresa de renome internacional de próteses mamárias que aplica o conhecimento em tecnologias de silicone e no desenvolvimento de produtos inovadores às almofadas para cadeiras de rodas.

A gama exclusiva de almofadas que a Amoena trouxe para o mercado “oferece conforto e bem-estar combinados com os mais recentes avanços médicos, tecnologia de ponta e design”, enumera o diretor geral da Amovida.

As almofadas Amovida para cadeira de rodas estão disponíveis em todo o mundo. Mais informações em www.amovida.com



Fernanda Filipe *, Elsa Marques
Médicas especialistas no Colégio da
Especialidade de Medicina Física e de
Reabilitação

Incontinência Urinária - O Papel da Medicina Física e de Reabilitação

Segundo a International Continence Society (2002), a incontinência urinária (IU) é qualquer perda involuntária de urina, quer seja apenas referida pelo doente, ou seja visualizada pelo profissional de saúde.

A IU afeta maioritariamente as mulheres, em qualquer idade e é um problema cada vez mais frequente (com uma prevalência que varia entre 10 e 40%, aumentando para cerca de 84% em pessoas dependentes de um cuidador), embora ainda muito “escondido”. No entanto, verifica-se que, uma vez disponibilizadas consultas específicas com equipas adequadas e que estabeleçam uma relação de confiança com as utentes, estas mulheres falam abertamente sobre a IU e estão disponíveis para participarem ativamente no tratamento.

Qualquer que seja a causa/deficiência (fraqueza dos músculos que sustentam os órgãos pélvicos, alterações do automatismo da micção), destas situações resulta uma incapacidade, a incontinência urinária, que pode limitar a pessoa na sua atividade física e vida sexual, com sentimentos de angústia e desconforto em vez de prazer e satisfação. Estes problemas urológicos vão também interferir nas atividades de vida diária, na imagem corporal, no bem-estar psicológico e nas relações interpessoais com consequências a nível da sua participação em programas sociais, profissionais, familiares, tendo assim repercussões na qualidade de vida.

A avaliação da qualidade de vida por parte dos médicos que tratam este problema é importante para decidir que doentes devem ser tratados – aqueles cuja repercussão é marcada e que podem não ser os mais incontinentes. Para uma mulher ativa e que faça desporto regularmente pode ser muito incapacitante perder algumas gotas de urina e ter de usar um protetor diário, enquanto para outras mulheres, reduzir o nº de pensos diários de 4 para 2 é um sucesso terapêutico.

A IU classifica-se em de esforço, de urgência ou mista. Os principais fatores de risco são a idade, múltiplos partos, traumatismos do parto, lesões adquiridas da bexiga ou da uretra, obstipação, tabagismo, álcool, café, excesso de peso, entre outros.

O controlo do enchimento e esvaziamento correto e coordenados da bexiga está também alterado em muitas outras doenças, nomeadamente doenças neurológicas como a esclerose múltipla, a doença de Parkinson, após Acidente Vascular Cerebral, nas lesões da medula, etc.

A avaliação médica das pessoas com IU baseia-se nos dados que o médico recolhe na conversa com o seu doente, na sua observação física (onde se poderão visualizar ou não as perdas urinárias) e eventualmente no pedido de alguns exames auxiliares de diagnóstico que poderão orientar o tratamento.

Devem ser tratadas todas as pessoas que necessitem, ou seja, tal como já referido anteriormente, todas as pessoas que se sentem limitadas nas suas atividades de vida diária e com diminuição da sua qualidade de vida. Além disso, que se sintam motivadas para dedicar tempo e esforço à sua recuperação.

O tratamento conservador da IU exige tempo, nomeadamente em cada consulta e sessão de tratamentos e um relacionamento de plena confiança entre médico e doente. Sabe-se que o tratamento combinado, ou seja, envolvendo várias abordagens é mais eficaz que um tratamento isolado.

Este tratamento, por excelência da área de intervenção da Medicina Física e de Reabilitação (MFR), engloba a reeducação dos músculos do pavimento pélvico, técnicas comportamentais, treino da bexiga, uso de sistemas absorventes e anti-incontinência e medicamentos, sendo o tratamento personalizado para cada doente.

A abordagem pela MFR é a 1ª linha de tratamento da IU de esforço, urgência ou mista, nomeadamente em mulheres com IU ligeira a moderada, em mulheres que não podem ser operadas por terem outras doenças e em mulheres que estejam a aguardar cirurgia. Na realidade, podemos afirmar que a grande maioria dos doentes com IU, independentemente da causa, beneficia em ser avaliado e tratado em MFR, atendendo ao vasto leque de opções de tratamento que esta especialidade dispõe e à particular sensibilidade que as equipas possuem em relação à abordagem deste tema.



Jorge Cardoso
 Psicólogo Clínico/Sexólogo, Professor Universitário
 jorgecardoso.psi@gmail.com

Sexo, Mentiras e Preconceito

Quer na literatura quer no cinema, é frequente o homem deficiente, muitas vezes cristalizado na figura do veterano de guerra, conformar-se com a perda da masculinidade através da deficiência, sendo este facto simbolizado no contexto da impotência sexual.

Em *O Amante de Lady Chatterley*, D. H. Lawrence fala-nos de um paraplégico da I Guerra Mundial, descrito como sexualmente impotente. O cenário de vazio criado na relação entre Lord e Lady Chatterley – porque deixou de haver sexualidade e porque ele ficou numa situação de dependência em relação à mulher e sobretudo em relação a uma governanta – ilustra uma problemática que foi de facto sequela de guerra, num momento histórico em que os casais jovens, principalmente das classes mais abastadas, eram particularmente pressionados para produzir herdeiros para os seus bens. D. H. Lawrence, respeitável poeta e romancista, provavelmente desconhecendo que nem todos os sujeitos traumatizados vertebro-medulares se tornam impotentes e que a incapacidade erétil não é sinónimo de ausência de sexualidade, contribuiu para a construção de uma imagem de inadequação sexual, largamente difundida. A perceção social, incluindo a de muitos técnicos de saúde, referente às capacidades sexuais dos portadores de uma lesão vertebro-medular, assenta não em dados científicos mas sim nesta fonte literária.

Também Luís Rosa, num livro sobre a guerra colonial portuguesa intitulado *Depois da Guerra*, demonstra a contradição envolvida no par deficiência/masculinidade, quando um soldado diz, para o alferes que o visita no Hospital de Bissau, que nunca mais será homem.

Numa perspetiva mais romancizada, Victor Hugo, na obra *Nossa Senhora de Paris*, situa-nos na Idade Média e introduz-nos um personagem fisicamente repelente – Quasimodo. Este, embora de aspeto monstruoso, revela elevados princípios morais. Apaixona-se pela bela

Esmeralda, protegendo-a de tudo e de todos, enquanto os outros personagens masculinos apenas pretendiam desfrutar da sua feminilidade. Renunciando à efetivação desse amor impossível em vida, em virtude da sua condição física, acaba por o consumir após a morte – quando a deficiência já não representa impedimento – sendo os esqueletos de Quasimodo e Esmeralda encontrados abraçados.

No plano cinematográfico, filmes como *Nascido a 4 de Julho*, *Forest Gump* e *Waterdance* centram-se nas dificuldades de adaptação face à deficiência, que nos respetivos protagonistas são reforçadas pela ausência recorrente de atividade sexual, devido a disfunção erétil. Um outro filme – *Perfume de Mulher* – mostra-nos Al Pacino, na pele de um militar de carreira que se tornou invisual, a programar um fim-de-semana que contemplasse, entre outras ‘mordomias’, ter relações sexuais com uma ‘mulher de primeira’, após o que colocaria fim, através do suicídio, a uma vida já sem sentido. Uma vez mais, a sexualidade é retratada como uma ausência, que no entanto é percecionada como fortemente desejada, ao ponto de fazer parte, neste filme, da curta listagem de ‘últimos desejos’.

A negação do desejo sexual das pessoas deficientes, associada aos estereótipos sobre aparência física desejável, beleza e sexualidade, tornam muito difícil a internalização da ideia, por parte dos deficientes, de que um corpo a que falta controlo e que se encontra, eventualmente, dependente de cuidados de terceiros, de aparelhos e de auxiliares, possa ser sexualmente desejável.

No âmbito da sexualidade, importa reforçar a ideia de que toda e qualquer pessoa tem um potencial afetivo-sexual que, na eventualidade de exigir uma redefinição nas suas formas de expressão, não significa uma inadequação, ou, pior, uma ausência.



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE
TERAPEUTAS OCUPACIONAIS

TERAPIA OCUPACIONAL - uma profissão de presente e para futuro



A Terapia Ocupacional é uma profissão relativamente recente em todo o mundo e no nosso país, os primeiros profissionais formaram-se em 1959. Embora existam relatos anteriores sobre a importância da Ocupação no processo terapêutico, foi em 1786 que o médico francês Philippe Pinel iniciou uma reforma com implicações profundas no tratamento dos doentes mentais valorizando a importância da ocupação. Na Europa, particularmente nos países mais afetados pela 2ª Guerra Mundial (1939-1945), criaram-se novos departamentos de Terapia Ocupacional na área da reabilitação física. A intervenção dos terapeutas ocupacionais tinha um papel relevante na reabilitação e integração dos soldados, nomeadamente através da reaprendizagem de tarefas de vida diária e aprendizagem de atividades artesanais. Tendo em conta que todo o ser humano tem uma natureza ocupacional e a ocupação pode ser usada como meio de tratamento surge, na década de oitenta, a Ciência Ocupacional produzindo conhecimento acerca da forma, função e significado da ocupação. Entende-se por ocupação tudo aquilo que a pessoa realiza com o intuito de cuidar de si própria (autocuidados), desfrutar da vida (lazer) ou contribuir para o desenvolvimento da sua comunidade (produtividade). Estas ocupações podem ser tão elementares como alimentar-se ou vestir-se ou tão elaboradas como conduzir um carro, escrever

um documento ou desempenhar uma atividade laboral. A intervenção dos terapeutas ocupacionais é centrada na pessoa e utiliza as atividades significativas, como meio ou como objetivo final, para restaurar o desempenho ocupacional alterado podendo intervir diretamente na atividade ou através da estimulação de competências sensoriomotoras, cognitivas e de interação. Como profissionais de saúde podem intervir em todas as faixas etárias, em variadas patologias do foro físico ou psicossocial e nas diversas tipologias de estabelecimentos de saúde e respostas sociais (hospitais, centros de saúde, centros de dia, lares residenciais, clínicas), ensino, pesquisa e até mesmo em empresas ou organismos públicos. Todo o trabalho que desenvolvem visa a melhoria da participação, promovendo a independência, a funcionalidade, a autonomia e o envolvimento em atividades significativas para a pessoa. O terapeuta ocupacional estuda os fatores que influenciam a ocupação humana, nas situações que coloquem em risco um desempenho ocupacional satisfatório e, conseqüentemente, restrinjam a sua atividade e participação. Na sua abordagem, avalia e intervém ao nível da pessoa, da ocupação e do ambiente. Intervém na pessoa para desenvolver competências, restaurar funções perdidas, prevenir disfunções ou compensar funções, através do uso de técnicas e



Figura 1 – Síntese da Intervenção do terapeuta ocupacional

procedimentos específicos bem como da utilização de ajudas técnicas ou produtos de apoio. Na ocupação, analisa quais as exigências da mesma ao nível físico, cognitivo, afetivo e social. Intervém adaptando a ocupação, através de procedimentos e equipamentos específicos, de forma a adequá-la às necessidades da pessoa. No ambiente avalia de que forma o mesmo pode contribuir para a função ou disfunção ocupacional, facilitando ou inibindo o envolvimento da pessoa nas ocupações. Para tal, identifica os fatores do ambiente (espaços, equipamentos, pessoas e cultura) que influenciam o desempenho das ocupações. Intervém nos ambientes físico e social, de forma a remover barreiras e fomentar os aspetos facilitadores da participação em ocupações. Pode, também, intervir ao nível da conceção e adaptação de espaços sejam eles habitacionais, institucionais, comunitários ou urbanos. Pode, ainda ao nível conceptual, participar no planeamento e gestão de pessoal, material, equipamentos e políticas de desenvolvimento, na organização onde se encontre integrado.

Só os profissionais licenciados em Terapia Ocupacional e detentores a cédula profissional emitida pelo ministério da saúde estão habilitados a exercer a profissão de terapeuta ocupacional. Quer seja um utente ou uma entidade empregadora, pode e deve zelar pela qualidade

do serviço que irá obter confirmando se está a contratar um profissional qualificado para exercer Terapia Ocupacional. Solicite sempre a cédula profissional. Em caso de dúvida contate a Associação Portuguesa de Terapeutas Ocupacionais - apto.portugal@gmail.com. Com a crescente importância que se dá ao bem-estar, saúde, aprendizagem e participação ativa do individuo na sociedade, não temos dúvida que o Terapeuta Ocupacional é um profissional com um papel fundamental no desenvolvimento e participação ocupacional das pessoas que tenham limitações e ordem física, mental ou de interação. Caso necessite, não hesite, procure um Terapeuta Ocupacional.

Referências bibliográficas:

- American Occupational Therapists Association (2002). Occupational Therapy Practice Framework. Domain and Process. Bethesda: AOTA, Inc.
- Canadian Association of Occupational Therapists (1998). Enabling occupation: An Occupational Therapy perspective. Toronto: CAOT.
- World Federation of Occupational Therapists (2002). Minimum Standards for the education of occupational therapists. Forrest field: WFOT.
- World Health Organization. (2002). International Classification of Functioning and Disability. Geneva: WHO.

Guimarães Cidade (Inclusiva) Europeia do Desporto 2013



Foto: José Caldeira

Feito o balanço pode-se mesmo adicionar a palavra 'inclusiva' ao título que Guimarães vai carregar durante o ano de 2013. O desporto adaptado sarapinta aqui e acolá o calendário de eventos programados em homenagem ao desporto local, nacional e internacional. "Guimarães não para!" também em relação ao desporto para pessoas com deficiência...

Texto: Sofia Pires e Paula Fernandes Teixeira

Fotos: Gentilmente cedidas

O programa de Guimarães Cidade Europeia do Desporto 2013 (CED 2013) revela-se inclusivo graças a um conjunto de iniciativas pensadas para as pessoas com deficiência. "Nós queremos que este seja um ano inclusivo e tivemos uma preocupação geral em termos de programação, claramente, para integrar eventos ligados ao desporto adaptado", assume o responsável pelos eventos desportivos, Luís Rodrigues.

Guimarães 2013, que visa celebrar o desporto europeu, nacional e local, tem, também, espaço para o desporto adaptado. "Queremos que a Cidade Europeia do Desporto seja uma cidade inclusiva, em que todos possam participar", afirmou o presidente da comissão executiva, Amadeu Portilha, em declarações à Plural&Singular por ocasião da conferência de imprensa para apresentação do programa geral da CED 2013.



Foto:José Caldeira

O, também, vereador do desporto da Câmara Municipal de Guimarães (CMG) referiu, ainda, que é preciso incluir competições de desporto adaptado sempre que existam grandes competições. “Em todas as atividades vamos tentar incorporar o desporto adaptado, não é um apêndice, não é um acrescento é uma coisa espontânea, natural”, garantiu.

Para o fazer, a organização da CED 2013 “convocou” para a sua equipa o treinador de Boccia da Associação de Paralisia Cerebral de Guimarães (APCG), Tiago Moura, que ficará inteiramente dedicado à área do desporto adaptado. “O facto de querermos integrar uma pessoa como o Tiago nesta estrutura demonstra a nossa preocupação e o cuidado que temos que ter a lidar com este público-alvo. Não queremos que seja discriminado, queremos sim que participem, colaborem e tenham as



condições necessárias”, explicou Luís Rodrigues.

A começar pelo apoio e a colaboração na CED 2013 de instituições vimaranenses que dão cartas no desporto para pessoas com deficiência, como é o caso da Associação de Paralisia Cerebral de Guimarães (APCG) e da Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados do Concelho de Guimarães, CRL (CerciGui). Estas instituições vimaranenses são “chamadas ao palco”, juntamente com a delegação de Braga da Associação Portuguesa de Deficientes, a Paralisia Cerebral - Associação Nacional de Desporto (PCAND), a ANDDI-PORTUGAL – Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Intelectual e o Comité Paralímpico de Portugal (CPP). Todos eles “são parceiros de referência e ligação deste projeto e destas atividades”, acrescentou Luís Rodrigues



“Guimarães não para!”: cerimónia de abertura

Na cerimónia de abertura de Guimarães Cidade Europeia do Desporto 2013, o secretário de estado do desporto e juventude, depois de dar os parabéns pelo programa, sublinhou, precisamente, o dinamismo do movimento associativo vimaranense. “Este movimento, em que hoje se dá o primeiro passo, é exemplo para todos os que em Portugal lutam pelo mesmo desígnio: que todos tenham direito ao desporto”, disse Alexandre Mestre.

E quem diz direito ao desporto diz também direito em participar na festa ao desporto. A cerimónia de abertura da CED 2013 contou com a participação de alguns atletas de desporto adaptado “que fizeram a simbiose perfeita com os atletas das outras competições”, considerou Amadeu Portilha.

Esta cerimónia contou com mais de 600 pessoas em

palco num espetáculo de fusão para animar os cerca de quatro mil espetadores presentes no pavilhão Multiusos. Crianças, jovens, adultos, atletas, performers, ginastas, desportistas de alta competição, informais e do desporto adaptado “deram conta do recado” e levaram a plateia numa viagem pelo fascinante mundo do desporto. Este “desafio coletivo” apela, tal como em 2012 com a Capital Europeia da Cultura, à participação “de todos que desejem fazer parte deste projeto e deste desafio”, acrescentou o presidente da comissão executiva. Amadeu Portilha prometeu ainda, “um ano diferente”, “um ano com um forte envolvimento da comunidade desportiva” e “um ano cheio de emoções fortes”.

“Guimarães não para!” deu o mote ao espetáculo com direção artística de Sandra Traquino e Ana Sofia Azevedo e serve de slogan “para um ano de intensa atividade desportiva”.



Foto: José Caldeira



Foto: José Caldeira



Foto: José Caldeira



Foto: José Caldeira



Foto: José Caldeira

“Guimarães não para!”: calendário

Em números serão mais de 50 modalidades, 45 clubes desportivos, 10 federações, 16 associações desportivas regionais, seis universidades, 20 escolas e serão utilizadas mais de 50 instalações desportivas e equipamentos públicos. Passarão pela Cidade Berço mais de 20 mil atletas, treinadores e dirigentes, apoiados por mais de sete mil horas de voluntariado.

Da programação geral dividida em cinco grandes áreas – “Investigação e Conhecimento”, “Eventos Desportivos”, “Formação e Qualificação”, “Desporto e Cultura” e “Desporto para Todos” – encontram-se alguns eventos de desporto adaptado espalhados pelo calendário.

Amadeu Portilha nomeou a realização de algumas atividades inclusivas previstas ao longo do ano. É o caso do

Campeonato Europeu de Boccia, “o evento mais alto em termos de competição de desporto adaptado”, agendado para junho e a 16 e 17 de fevereiro, o Campeonato Nacional de Boccia da Zona Norte. A 27 de abril realiza-se o Campeonato de Judo Adaptado e a 12 de junho uma demonstração de Andebol Adaptado depois do jogo de apuramento entre Portugal e Espanha para o Campeonato da Europa de Andebol, a realizar na Dinamarca em 2014. A 22 de setembro está agendada uma caminhada, uma minimaratona e uma corrida em cadeira de rodas e ao longo do ano haverá ainda quatro Conferências Motivacionais afetas ao tema “Nada é Impossível” que contam com os testemunhos de pessoas com deficiência ligadas ao desporto.



Foto:José Caldeira



Foto:José Caldeira



Foto:José Caldeira



Foto:José Caldeira



Foto: José Caldeira

Campeonato Europeu de Boccia

O presidente da direção da Paralisia Cerebral - Associação Nacional de Desporto (PCAND), Joaquim Viegas, elogiou a “qualidade e a entrega” com que este grupo de pessoas os “recebeu e desenvolveu durante todo o tempo” durante o Campeonato Nacional de Boccia da zona Norte da categoria individuais BC3.

Este evento, que decorreu nos dias 16 e 17 de fevereiro, serviu para testar as condições do pavilhão Multiusos de Guimarães para o Campeonato Europeu de Boccia que necessita “de um piso com condições muito especiais. Tem de ser completamente liso e sem nenhum desnível e desvio, sem falha, lasca”, analisou Joaquim Viegas. Assim em junho, os 12 campos serão feitos “em vinil autocolan-

te de uma cor que dá um aspeto visual espetacular e uma visibilidade melhor e uma apresentação de muita mais qualidade”, conforme revelou o presidente da PCAND. “Desse ponto de vista vamos ter aqui uns excelentes jogos. Temos expectativas muito positivas e muito boas. Guimarães tem condições fantásticas”, rematou. Também o presidente do Comité Paralímpico de Portugal (CPP), Humberto Santos, mostrou-se expectante em relação ao Campeonato Europeu de Boccia. “Acho que vai ser um bom evento e já tive oportunidade de assistir em Portugal a outros campeonatos da Europa e do Mundo e acho que Guimarães vai ter aqui momentos de excelência em termos de Boccia”, assumiu.



Foto: José Caldeira

Humberto Santos frisou que a média etária dos atletas paralímpicos é muito elevada, 32,7 anos e por isso estes eventos são necessários para chamar a atenção da opinião pública em geral e para funcionarem como um elemento difusor e propulsor para aparecerem novos rostos, novas vontades de participar. “Para quando chegarmos ao Rio 2016 possamos levar a experiência dos mais veteranos associada aquilo que é a dinâmica e a capacidade desportiva daqueles que poderão chegar nestes quatro anos. Esperamos que a CED dê-nos também esta ajuda de podermos divulgar o desporto adaptado”, comentou o presidente do CPP.

Por sua vez, o presidente da PCAND constatou que “os responsáveis pela CED estão sensibilizados para o desporto adaptado”, acrescentando que “esta organização está apostada nesta vertente”. Tudo porque o desafio inicial era organizar um evento nacional de Boccia mas rapidamente foi substituído por uma competição internacional. “Porque sendo cidade europeia fazia todo o sentido ter uma competição no âmbito europeu. E tendo estas condições, não há muitas pelo país fora com esta qualidade, mais sentido ainda faria”.

Um evento com uma envergadura “especial” considerando a logística necessária para instalar 132 atletas com deficiência, “um record de atletas nesta modalidade num campeonato de qualquer região do mundo”, afirmou Joaquim Viegas. Falta ainda juntar os técnicos e assistentes pessoais dos atletas, o que perfaz um total de 320 pessoas. Uma organização e gestão de meios assumidamente mais difícil, dadas as limitações existentes em relação ao transporte, alojamento e outras questões que estão a ser, minuciosamente, estudadas para serem, devidamente, contornadas.

“Estão 21 países inscritos, dos quais dois vêm pela primeira vez. Os restantes são países que já vieram a outras competições, entre eles a Rússia, os países escandinavos, a França, Inglaterra, Alemanha, Holanda e Espanha. Vamos ter aqui 26 árbitros internacionais, sete classificadores internacionais – médicos fisioterapeutas e técnicos desportivos que avaliam os atletas para os colocar na respetiva classe conforme o seu perfil funcional - um delegado técnico da federação internacional e voluntários, fazendo um total de 450 pessoas”, enumerou o presidente da PCAND.



Foto:José Caldeira



Foto:José Caldeira



Foto:José Caldeira



Foto: José Caldeira

“

O Boccia tem sido um bom cartão-de-visita do desporto paralímpico em Portugal. Tem sido uma das modalidades que mais medalhas tem trazido para o país”, sublinhou Humberto Santos do CPP.



Foto: José Caldeira

Resumo do Campeonato Nacional de Boccia da zona Norte da categoria individuais BC3

José Carlos Macedo, do Sporting Clube de Braga, foi o vencedor do Campeonato Nacional de Boccia, zona norte, na categoria de Individuais BC3. Em 2.º lugar ficou Armando Costa (ARDA – Porto), enquanto Carlos Paiva da AFDA (Vila da Feira) conquistou a 3.ª posição. Mário Peixoto e Eunice Raimundo, do Sporting Clube de Braga, ficaram no 5.º e 6.º lugares, respetivamente. “Durante todo o dia foram feitos jogos em simultâneo, uns melhores que outros. Nós temos nas finais quatro jogadores a discutir as medalhas, desses quatro, três são os elementos que recentemente estiveram nos Jogos Paralímpicos 2013, em Londres, e portanto podemos dizer que decorreu com normalidade”, avaliou o presidente da PCAND, Joaquim Viegas.

O balanço da competição é positivo, não só pelo índice competitivo entre os atletas, mas também pela interação organizativa entre a Guimarães 2013, a PCAND, e a APCG e a otimização dos recursos utilizados, nomeadamente os recursos humanos e espaciais, com as capacidades, as características e as competências necessárias para o Campeonato Europeu de Boccia 2013, que decorrerá na Cidade Berço entre 15 e 23 de junho.

Plural&Singular - No Boccia os atletas portugueses estão ao nível dos melhores?

Joaquim Viegas - Neste momento sim. É a modalidade que mais se aproxima do topo do ranking mundial, e da qualidade de jogo. Nós tivemos uma medalha de prata em pares, em Londres, uma de bronze individual nesta divisão (BC3) e estivemos mais perto de ter mais medalhas o que quer dizer que estamos mesmo dentro dos melhores.

Já nas outras classes notou-se, não um decréscimo da qualidade, mas uma subida na qualidade de uma série de países com muito melhores condições de trabalho. Nós somos o país que mais medalhas conquistou desde que existe esta modalidade não só em Jogos Paralímpicos mas em Campeonatos da Europa e do Mundo ou seja em campeonatos oficiais. Temos 114 medalhas conquistadas desde 1984. De todos os estudos que fizemos não conseguimos ver ninguém que tenha tido melhores resultados. Ora isso, é um orgulho mas não nos serve de alimento para o futuro. É uma herança que devemos procurar alimentar e saber honrar mas temos consciência que durante todos estes anos grande parte dos países não estavam a apostar muito anteriormente, como o agora fazem e a forma como o fazem é igual à dos atletas olímpicos com as mesmas condições. Condições essas que são muito melhores que as condições dos atletas olímpicos do nosso país. Nunca poderemos chegar a esse patamar de apoio. Quando se fala em apoio fala-se em condições de trabalho. Mas isso não nos impede de seguir os nossos sonhos e objetivos e procurar ter as melhores condições dentro daquilo que for possível para conseguir acompanhar até onde conseguirmos aquilo que os outros países fazem.





Conferências Motivacionais

Afetos ao tema “Nada é Impossível” as Conferências Motivacionais são, na opinião de Amadeu Portilha, “um grande contributo que damos para que as pessoas olhem para o desporto adaptado de uma forma completamente diferente”. Marcadas para 28 de fevereiro, 9 de maio, 19 de setembro e 28 de novembro, as Conferências Motivacionais dão a palavra a atletas paralímpicos e de desporto adaptado, que hoje são verdadeiros campeões.

“Vamos ter em Guimarães a presença de quatro atletas que num período da sua vida tiveram uma infelicidade que os condicionou em termos físicos mas que não lhes retirou a coragem, a ousadia, não lhes retirou a capacidade de superação e hoje são atletas de alto nível, atletas paralímpicos, pessoas de referência na nossa sociedade. Teremos aqui quatro conferências, que acho que podem ser quatro momentos marcantes do ano em termos de desporto adaptado”, descreveu, à Plural&Singular, o vereador do desporto da CMG.

Uma conferência por trimestre, num total de quatro, e a primeira decorria aquando do fecho da 2.ª edição da Plural&Singular, a 28 de fevereiro. Ainda assim conseguimos falar com o primeiro orador convidado, João Correia, que acredita, acima de tudo, que “o desporto pode ser inclusivo, sem barreiras e que no momento já não é uma utopia”.

João Correia abre este ciclo de Conferências Motivacionais, com o seu testemunho como praticante de atletismo adaptado por causa da mobilidade reduzida provocada por um atropelamento aos dois anos. “Durante vários

anos andei em sessões intensivas de fisioterapia e ao verificar que não existiam melhoras, assumi a condição, as limitações motoras, e lancei-me numa nova etapa”, contou o ex-atleta.

Esta nova fase da vida de João Correia tornou-se uma paixão que cresceu com o passar do tempo. Aos dez anos de idade começou a praticar atletismo em cadeira de rodas como amador. Mal sabia na altura que nesta modalidade iria alcançar excelentes resultados nacionais e internacionais, elevando o nome de Portugal pelo mundo desportivo.

Aos 16 anos, na participação do seu primeiro Meeting conseguindo ficar a meio segundo dos mínimos para o Campeonato de Europa de 2001 na Suíça, mesmo sem o material de competição adequado para provas de velocidade.

Em 2002 lançou-se na Alta Competição, ao realizar os mínimos para o Campeonato Europeu de Atletismo em Assen, na Holanda onde viria, em 2003, e ao conquistar a primeira medalha portuguesa do atletismo em cadeira de rodas no âmbito de um importante evento desportivo Internacional. Arrecadou a medalha de prata, a mesma que conquistou em 2005 no Campeonato Europeu de Atletismo na Finlândia na distância de 200 metros.

“A nível nacional, fui dominador absoluto das distâncias dos 100, 200 e dos 400 metros, sendo campeão nacional durante vários anos consecutivos. Possuo ainda os recordes nacionais dos 100, 200 e 400 metros pista”, afirmou João Correia.

Devido a uma lesão deixou de competir na modalidade desde 2006. “Agora, curiosamente do lado de fora das pistas, o meu trabalho é o de tentar que outros sigam este mesmo exemplo de perseverança e amor ao desporto”, revela o ex-atleta. Talvez por isso João Correia queira deixar uma mensagem aos milhares de cidadãos com deficiência e suas famílias: “Não se deixem ficar dentro de quatro paredes a lamentar o que se passou, porque o tempo passa e as oportunidades também. Aos pais deixo a mensagem para deixarem os sonhos dos seus filhos voar. Não tenham vergonha de os exporem à sociedade, porque todos nós fazemos parte dela! Quando estiverem prestes a baixar os braços, pensem nas pessoas que estão numa condição bem pior, e que dariam tudo para estarem no seu lugar. Independente da condição física lute por aquilo que sonha. Nunca desistam!”



O desporto é uma lufada de ar fresco. Para lá de fazer bem ao corpo, ajuda-nos a esquecer por algum tempo tudo o que nos rodeia. Ao longo dos anos o desporto foi a forma de dizer ao mundo “ouçam, estou vivo”! Mesmo não sendo escutado pela sociedade a maior parte das vezes, soube sempre “tolerar” essa ignorância, facto que me ajudou a crescer por dentro e por fora.

A próxima Conferência Motivacional tem como orador o ex-veleizador paralímpico e campeão do mundo de Vela Adaptada, retirado da competição após Pequim 2008, Bento Amaral, e está agendada para 9 de maio, às 21h30, no Centro Cultural Vila Flor

Plural&Singular (P&S) - Como avalia a adesão ao “Atletismo em cadeira de rodas” em Portugal?

João Correia (JC) - Enquanto atual responsável pela gestão da modalidade em Portugal, a adesão não é de todo aquela de que gostaríamos, muito devido aos apoios quase nulos. Para que se fique com uma ideia da atual situação, disponho para captar e formar novos atletas de pouco mais de 500 euros por ano. Tendo em conta que para iniciar a modalidade um atleta necessita de investir cerca de 4.000 euros numa cadeira, como poderemos captar assim novos atletas? Entendo que esta é a forma mais simpática de responder à questão colocada.

P&S - O que tem a dizer do apoio dos organismos formais ao desporto adaptado?

JC - Com a criação do Comité Paralímpico de Portugal (CPP), em setembro de 2008, o desporto adaptado em Portugal inevitavelmente mudou. Na minha ótica, enquanto dirigente e ex-atleta, será importante refletir se algumas das estruturas existentes, fazem sentido continuarem em funcionamento.

P&S - E sobre a prestação dos atletas portugueses?

JC - Neste momento, temos apenas dois atletas que possuem o estatuto de alto rendimento. Estes atletas apesar de terem já boas cadeiras, precisam de apoio para custear as elevadas despesas inerentes à sua preparação. Ir a provas internacionais para poderem evoluir neste momento é algo que não podem fazer, porque não existem

verbas. Nesta modalidade, para se estar “ao nível dos melhores” teriam que receber os mesmos apoios que “os melhores” possuem. A profissionalização é fundamental para que pudessem evoluir e ter a cabeça apenas no treino sem se preocuparem com a parte económica. O desporto adaptado ao mais alto nível “lá fora” em nada pode ser comparado a esta nossa realidade. Por exemplo, ao nível da biomecânica apenas agora se começam a dar os primeiros passos na área do desporto adaptado. Enquanto as medalhas iam aparecendo nos Jogos Paralímpicos, Campeonatos do Mundo e de Europa, nunca se deu a devida importância a outras áreas da deficiência. A motora por ser aquela que implica um maior investimento terá muita dificuldade em conseguir afirmar-se internacionalmente num futuro próximo, até porque formar um atleta na modalidade de atletismo demora no mínimo um ciclo olímpico/paralímpico.

P&S - Qual a importância da Guimarães 2013 para a promoção do desporto em geral e do desporto adaptado em particular?

JC - Tenho conhecimento, que em parceria com diversas entidades locais, regionais, nacionais e internacionais, Guimarães 2013 desenvolverá um ambicioso programa de promoção da ética desportiva e de realização de eventos desportivos de e para todos. O desporto deve ser acima de tudo um momento de celebração de valores – o valor do esforço, os valores do fairplay e o valor do belo. Este é, para mim, o principal legado do fenómeno desportivo e o seu mais relevante contributo para o desenvolvimento humano.



Campeonato Nacional de Judo Adaptado

Outro dos eventos que assume relevância, no âmbito do Desporto Adaptado, na CED-Guimarães 2013, é o Campeonato Nacional de Judo Adaptado, agendado para 27 de abril.

À Plural&Singular, um dos responsáveis pelo projeto de Judo Adaptado da cidade de Guimarães, o mestre Mário Emídio, falou da importância da modalidade como “veículo de inclusão” de atletas deficientes.

Mário Emídio, após um torneio não competitivo que decorreu no pavilhão do INATEL, em Guimarães, a 16 de fevereiro (ver peça na página 88), “projetou” o Campeonato Nacional de Judo Adaptado dando nota de que a organização tem recebido muitos pedidos de clubes “estrangeiros” na modalidade para marcarem presença em abril.

“Vai ser uma atividade semelhante a esta [Torneio “Judo para Todos”], ainda que um pouco mais estruturada porque é um campeonato nacional de Judo Adaptado. Existem muitas pessoas ligadas ao Judo que querem integrar o nosso projeto desportivo”, contou Mário Emídio. Também durante o torneio não competitivo de fev-

eiro, que serviu de “teste” para o Campeonato Nacional de Judo Adaptado de abril, Costa Pereira, dirigente da ANDDI referiu mesmo que o judoca José Alberto Rocha, embaixador da CED, é o “grande impulsionador” do Judo Adaptado em Portugal, mostrando-se confiante no sucesso do Campeonato de abril. Assim, questionado sobre como pode a CED ser importante na divulgação do Judo Adaptado para deficientes, Costa Pereira referiu que “já está a ser”: “Só o facto de hoje estar tanta gente num torneio não competitivo e do campeonato de abril ter essa marca, a da ‘Cidade Europeia’, faz com que a modalidade se projete”.

O Campeonato Nacional agendado para abril terá duas componentes: grupos de deficiência intelectual normal e síndromes de down.

Por sua vez, o presidente de um dos clubes vimaranenses que marcará presença no Campeonato Nacional de Judo Adaptado, o Clube Desportivo da CerciGui, Rui Leite, disse que “com a candidatura a Cidade Europeia de Desporto, Guimarães ganha uma visibilidade que clubes que tenham bons projetos têm de saber aproveitar”.



“Caminhada da Igualdade” e a Meia Maratona “Pessoas Diferentes, Direitos Iguais”

22 de setembro é um dia marcado no calendário da CED, mas de há uns anos para cá, sete anos para ser mais precisa, este dia está reservado no calendário da Associação de Paralisia Cerebral de Guimarães (APCG) para a realização da “Caminhada da Igualdade” de quatro quilómetros e a Mini Maratona “Pessoas Diferentes, Direitos Iguais” com oito quilómetros. A APCG promove este evento com o objetivo de sensibilizar a opinião pública para o direito à igualdade e à não-discriminação, mas este ano a Mini Maratona é “ampliada” para uma Meia Maratona, graças ao apoio da CED. Esta é a iniciativa da APCG “que está mais projetada na comunidade porque já tem à volta de 3500 pessoas a caminhar”. Mas o presidente da instituição de solidariedade social vimaranense, Joaquim Oliveira, espera aumentar este ano para cinco mil participantes graças à visibilidade que Guimarães 2013 dará à já tão afamada iniciativa.

“Essa caminhada tem dado alguma notoriedade ao desporto adaptado em Guimarães”, admitiu Tiago Moura referindo ainda que “em 2012 este evento da APCG contou com o apoio da CEC (Capital Europeia da Cultura) e isso é uma ligação que também se vai estender em 2013”. “Este ano a caminhada será integrada na programação da CED e paralelamente à caminhada também existirá uma corrida em cadeira de rodas”, explicou o responsável pelos eventos desportivos, Luís Rodrigues. Ou seja, a VII Mini-Maratona “Pessoas Diferentes, Direitos Iguais” e a “Caminhada da Igualdade”, um percurso de cadeira de rodas, atividades de lazer e promoção da saúde terão início no Campo de São Mamede e chegada na Pista de Atletismo Gémeos Castro onde decorrerá a corrida de cadeira de rodas de 660 metros. O dia 22 de setembro de 2013 é, garantidamente, um dia inclusivo na cidade berço. A participação é aberta a todos os interessados.



“Guimarães não para!”: o evento para lá de 2013

A reter: Guimarães foi a primeira cidade portuguesa a ser distinguida como Cidade Europeia do Desporto. E o ano de 2013 pretende ser um ano inclusivo, uma garantia da organização para o evento que além de integrar um conjunto vasto de modalidades pretende também chegar a vários targets, vários públicos-alvo: crianças, seniores e pessoas com deficiência. Luís Rodrigues sublinhou, mais uma vez, que “esta é uma das grandes preocupações no âmbito da programação da CED”.

O desporto adaptado estará presente em eventos que por norma trazem grandes massas, como é exemplo o jogo de apuramento para o Campeonato da Europa de Andebol, a 12 de junho e os Jogos do Eixo Atlântico de 30 de junho a 4 de julho. “Esta lógica estará sempre presente nas atividades que vamos fazer”, garante Amadeu Portilha. “Este cuidado que temos passa também por aproveitar o impacto que a CED terá não só na comunidade mas também a nível nacional”, completou o responsável da comissão organizadora pelos eventos desportivos.

Humberto Santos acredita “que se vão criar condições

para que no futuro novas dinâmicas possam surgir”. O presidente do CPP está confiante que as autarquias no seu todo vão encontrar mecanismos de apoio complementar aos clubes que apoiem o desporto adaptado. Ou seja elementos de motivação adicional para que os clubes, independentemente da modalidade, abram as portas a este universo de cidadãos e que tenham de facto este reconhecimento do apoio para que tal se verifique. “No final de 2013 o concelho de Guimarães, e não só, vai ficar com uma abordagem diferente sobre esta realidade” e a falta de apoio que o desporto adaptado tem sentido será menorizada.

“Vai ser um momento de grande projeção de sensibilidades, não só para eles enquanto organizadores, mas para toda a cidade que, de um modo geral, tem a oportunidade de ver um grupo com deficiência a competir ao mais alto nível”, acrescentou Joaquim Viegas, da PCAND.

Desta forma, feito um longo périplo pelo que está a ser, e ainda promete vir a ser, a Cidade Europeia do Desporto, ao longo de 2013, certo é que no que diz respeito ao Desporto Adaptado, este evento promete juntar à Cidade Europeia do Desporto a palavra “inclusiva”.

José Alberto Rocha é sinónimo de “alma de judoca”

À conversa com o embaixador de Desporto Adaptado da Guimarães Cidade Europeia do Desporto, 2013...

Texto: Paula Fernandes Teixeira

Fotos: Gentilmente cedidas



Pratica judo há seis anos, tempo suficiente para obter um terceiro lugar nos Global Games, na República Checa, em 2009, ganhar uma medalha de bronze na categoria de - 66kg no Campeonato da Europa de Judo INAS-FID, em 2010, e sagrar-se campeão nacional absoluto Elite Masculinos (Divisão 1) nas épocas 2009/2010, 2010/2011 e 2011/2012. José Alberto Rocha é o primeiro representante português de sempre na modalidade de judo adaptado em competições internacionais e é embaixador da Cidade Europeia do Desporto (CED).

“É um orgulho e também uma enorme responsabilidade”, disse o judoca, analisando o convite dos responsáveis da CED. O facto de ser de Guimarães, a tal cidade que “nunca para”, conforme diz o slogan e

conforme referiu José Alberto Rocha, motivaram-no a aceitar o convite... “Se no ano passado fiz parte da cultura [em alusão à Capital Europeia da Cultura que também decorreu em Guimarães em 2012 com o lema “Fazemos Parte”], porque é que não haveria de voltar a participar agora e logo em desporto e a representar o judo que é onde me sinto bem”, disse, aproveitando para pedir “mais apoio para os praticantes de judo da cidade”.

“Com estes eventos, Guimarães não para, mas também é preciso que ajudem as instituições e os atletas a não parar. A Câmara Municipal pode dar visibilidade ao desporto, aproveitando quem o pratica com vontade. Mas também deve apoiar, incentivar...”.

O judoca que representa o Clube Desportivo da

CerciGui e o Vitória Sport Clube (VSC), volta a falar em “orgulho” para descrever como se sente quando representa as cores de Portugal – “ter a bandeira de Portugal ao peito é especial” – mas é mesmo para o judo que guarda as palavras de maior carinho. “O judo é social. O judo é uma paixão. O judo é uma felicidade”, considerou. E porquê? “No judo podem estar pessoas normais e pessoas com deficiência. Hoje [dia do torneio “Judo para Todos”] estão aqui cegos. Estou cá eu que pratico judo normal e judo adaptado. Estão meninos da CerciGui que sorriem tanto ao fazer um combate. Adoro ver as crianças a fazer judo comigo. Formamos assim uma enorme roda e começamos a praticar. É social por isso, percebe? O contacto físico torna o judo também um jogo de afeto... No judo nem é preciso falar. Eu estive em Itália e num dia sem provas brinquei com um grupo de crianças que me viam treinar. Notava-se que queriam experimentar. Eu não falo italiano, não falo inglês, e eles não falavam português, mas o judo é contacto... Quando eles ‘deram por ela’, eu já os tinha trazido para o mundo do judo. E ficamos amigos... Durou umas horas... Mas sei que somos amigos... A amizade transmite-se pelo contacto não é verdade? E o judo é contacto. Contacto é afeto, certo?”, interrogou, numa retórica de quem não aceita que do judo se diga menos do que “maravilhas”. E continuou... “Sabe que o judo começou no Japão? E no Japão não existe judo e judo adaptado. É tudo judo”.

José Alberto Rocha é, nas palavras do presidente do Clube Desportivo da CerciGui, “um daqueles casos que estão no ‘limbo’ entre a deficiência intelectual e a normalidade”. O dirigente Rui Leite considera-o “um potencial caso de estudo” e dedica-lhe grandes elogios, lembrando que “num universo de mais de 200 atletas, em 2009, nos Global Games, José Alberto Rocha ficou em terceiro lugar, tendo sido essa a sua primeira experiência competitiva”.

“E se não fosse a primeira? E se colocassem mais os olhos neste atleta? E se dessem mais apoios e reconhecessem mais o seu valor?”, questionou Rui Leite, completando: “Onde é que ele irá parar...”.

Já um dos responsáveis da organização da CED, Luís Rodrigues, explicou o porquê da escolha de José Alberto Rocha para embaixador na categoria de desporto adaptado, contando que em primeiro lugar foi dada prioridade “a atletas vimaranenses e que se tivessem destacado”.

“O José Rocha foi o primeiro na modalidade de judo adaptado, está ligado ao clube de judo da CercGui, reúne todas as características necessárias para ser considerado uma referência embaixadora da CED”, concluiu.

De volta ao diálogo com o judoca, surgem pistas sobre o que José Alberto Rocha gostaria de fazer no futuro: “Dar aulas, lutar pelo objetivo de ver o judo como

obrigatório no desporto escolar para crianças do primeiro ao quarto ano porque é nessa fase complicada da criança que a podemos transformar apostando na sua postura, dando disciplina, respeito...”.

O embaixador da CED contou, ainda, que já chorou com a bandeira portuguesa ao peito ou com os emblemas do VSC ou do clube da CerciGui por “boas e más razões”: “Chorei porque perdi. Chorei porque vi sorrisos grandes nas bocas das crianças. Ganhei experiência ao perder e ganhei muito mais com as crianças... Vê-los sair do tapete de grande sorriso. Se as pessoas estiverem com atenção descobrem como estes meninos [apontando para uma turma de praticantes com síndrome de down] têm grandes capacidades. E não se escondem. E não têm medos...”.

De regresso, para concluir, ao tema dos apoios e da visibilidade que a CED pode dar quer à modalidade, quer a Guimarães... “Temos as portas abertas a todos. Hoje nem se paga para entrar. Exatamente porque está na hora de conhecerem o judo e deixarem de ligar tanto à bola. Cada tapete destes custa 100 euros. Mas cada sorriso vale muito mais. Se a CED servir para isso, ora que bom”, finalizou.



Tal como a CED, a CerciGui também não para!

Com várias valências que vão da componente formadora à inclusão no mercado de trabalho, passando pela cultura e recreio, a Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados do Concelho de Guimarães aposta, também no desporto.

Texto: Paula Fernandes Teixeira

Fotos: Gentilmente cedidas



Com várias centenas de utentes, a Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados do Concelho de Guimarães, CRL (CerciGui), através do seu Clube Desportivo (CDC), também tem um papel importante na Cidade Europeia do Desporto (CED) que este ano se vive no concelho vimezanense.

À conversa com a presidente desta instituição, Jacinta Kellen, com o responsável do CDC, Rui Leite, e com um dos treinadores da CerciGui, Mário Emídio, a Plural&Singular pode perceber como os atletas da CerciGui se têm envolvido nas iniciativas da cidade, preparando-se para marcar presença em vários eventos como o Campeonato Nacional de Judo Adaptado agendado para abril (ver peça na página 88).

“É fundamental incluir estes jovens nessas iniciativas. A força de vontade e as capacidades que eles demonstram são inspiradoras. É tudo afetos. Tudo paixão. Através das suas várias modalidades, o CDC vai, e já está a marcar aliás, presença em eventos integrados na CED”, referiu a presidente da CerciGui.

Fundada em 1977, a CerciGui é uma instituição vimezanense que atua em vários tipos de deficiência – tem utentes com multideficiência, desde paralisia cerebral, deficiência intelectual, deficientes motores, síndromes

de down – e em várias valências: Unidade Educacional, Centro de Reabilitação e Formação Profissional, Centro de Atividades Ocupacionais (CAO), Serviço de Apoio Domiciliário (SAD), Lar Residencial e Centro de Recursos para a Inclusão (CRI).

A CerciGui tem, atualmente, dois lares residenciais, o mais recente é o de S. João de Ponte, com 12 utentes, existindo ainda o de Rendufe que alberga nove pessoas. Não se tratam de lares de transitabilidade, conforme explicou a presidente da CerciGui: “À partida vivem nestes lares utentes, cujos pais, por estarem, envelhecidos, já não podem ter os filhos consigo”. “Já temos gente em lar com 50 e tal anos”, exemplificou. Os números de alunos do CRI variam conforme as necessidades educativas e as idas para estágio. A CerciGui “apoia” o projeto CRI, através de um protocolo com os Agrupamentos de Escolas que visam os jovens para transição da vida ativa, jovens com 15, 16 e 17 anos, e todas as pessoas que têm necessidades educativas especiais. Feita uma candidatura ao Ministério da Educação, a CerciGui passa a ser responsável por recrutar a equipa que vai trabalhar no CRI, uma equipa que Jacinta Kellen descreve como “multidisciplinar” pois integra psicólogos, terapeutas da fala, entre out-

ros profissionais que são contratados especificamente para este projeto, “sabendo de antemão qual a durabilidade do projeto”.

Afetos ao CAO estão quase uma centena de utentes, divididos por dois grupos, um com 48 e outro com 49. Do SAD beneficiam 17 pessoas.

Questionada sobre projetos para o futuro, Jacinta Kellen, que é presidente há 12 anos mas está ligada a esta instituição desde a sua fundação, uma vez que foi aqui destacada pelo Ministério da Educação, disse preferir falar “em sustentabilidade em vez de sonhos”.

“É que sonhar é fácil, concretizar é que é mais difícil. Ainda estamos a pagar o Lar de Ponte. Concorremos ao PARES e inauguramos o lar em 2010, mas sabe que o Estado paga um determinado valor, mas as instituições pagam 30 por cento... E as instituições não têm dinheiros guardados... Tivemos de fazer um empréstimo... Já o de Rendufe foi feito com donativos. É necessário pagar este primeiro e só depois partir para um seguinte. Cada resposta social acarreta mais funcionários e isso significa mais salários ao fim do mês... Gostaríamos de fazer mais e até de dar mais empregos a várias pessoas mas é necessário pensar numa coisa de cada vez”, analisou a dirigente associativa.

E por falar em emprego, futuro e sustentabilidade... Muitos são os casos de sucesso da CerciGui após a formação. Jacinta Kellen contou que vários jovens que

fizeram formação nesta instituição estão já integrados no mercado de trabalho e até constituíram família. Só mesmo a falta de emprego generalizada é que “trava” outros casos a avançarem com sucesso.

“Há falta de emprego para tudo e na área da deficiência ainda mais. Mas se um empregador nos disser que quer um jovem para a informática, nós temos esse jovem e é o Instituto de Emprego e Formação Profissional que tem a tarefa de preparar o posto de trabalho para a pessoa com deficiência que for acolhida. O próprio Instituto Nacional de Reabilitação dá uma ajuda. Às vezes a arquitetura dos edifícios da empresa é que não permite isso, infelizmente. Ou seja, a partir do momento em que os empresários mostram vontade em acolher uma pessoa com deficiência podem procurar-nos pois temos muita resposta”, garantiu Jacinta Kellen.

E ainda a propósito de planos e de sustentabilidade... Um dado que orgulha a CerciGui é o facto dos seus edifícios estarem a caminhar “lado a lado” com as questões ecológicas e ambientais. O Lar de Rendufe e o Lar de S. João de Ponte estão incluídos num plano de energia solar. Na sede faz-se recolha de óleos alimentares para venda. A verba angariada serve para investir em projetos da instituição que, também faz recolha de tampinhas e tem vindo a apostar em candidaturas junto de parceiros sociais como a EDP, ou a Fundação Calouste Gulbenkian.



Jovens e professores, uma só mensagem: “Inclusão” Ora, abordadas as palavras “sustentabilidade”, “formação”, “sonho”, e “afeto”, eis que nas salas de aulas da CerciGui encontramos quem nos sintetizasse todos estes termos num só: “inclusão”.

Pedro Soares, de 18 anos, está a aprender, segundo contou à Plural&Singular, a fazer muros e a montar andaimes, entre outras coisas, mas também arruma o armazém e participa em várias atividades. O que gosta mesmo de fazer é de pintar paredes, algo que aprendeu com o professor João Pereira na aula de Construção Civil.

João Pereira dá aulas na CerciGui há 18 anos: “É muito gratificante e até útil para as instalações porque são muitas vezes estes jovens que fazem as reparações necessárias aos edifícios. Estamos a prepará-los para a vida ativa, para a inclusão em sociedade”.

E quem está de partida para estágio é o André Teixeira, de 16 anos, que vive em Braga, e o Abílio Silva, bem como o Pedro Martins (20 anos), todos da área de serralharia. “Gostamos muito deste trabalho. Estamos a preparar-nos para ir para o estágio e para estarmos numa empresa ou oficina que nos veja como iguais”, disseram.

João Matos é o responsável pela carpintaria da CerciGui há mais de 25 anos. Já teve para ir embora mas “os miúdos não deixaram”... “Os miúdos e a direção”,

contou. Faz, com os seus alunos, móveis, prateleiras, peças de decoração, restauros... Grande parte do material serve para mobilar as salas da instituição e as encomendas também são muitas.

Outro departamento onde existem muitas encomendas é o de “Operador de Informática”, da responsabilidade da professora Rute Ferreira. Na manhã da visita da Plural&Singular, os alunos (a maioria com deficiência física de nascença ou adquirida com idades de frequência do 9.º ao 12.º anos) estavam a fazer flyers para um restaurante, mas também já tiveram de fazer cartões-de-visita, entre outros produtos com “design próprio e criativo”. Ao lado a turma de Hélder Marques, professor de informática, aprendia a usar o computador.

“O objetivo destas aulas é que estejam preparados para estágio que é o principal veículo de inclusão na vida ativa. Estou convicto que é, também, a par das atividades lúdicas e desportivas, através da aprendizagem e da profissionalização que estes jovens podem vir a evidenciar-se”, disse Hélder Marques.

Por fim, conhecemos a turma de António Figueiredo, professor de Formação Complementar, onde a Bruna Silva (27 anos), que vai para estágio na área de hotelaria, e o Carlos Ferreira (19 anos) que se prepara para estagiar em carpintaria, estavam a aprender a fazer um currículo, entre outras dicas.





Clube Desportivo da CerciGui

O Clube Desportivo da CerciGui (CDC) foi constituído, em 1997, “com o objetivo de proporcionar a jovens com deficiência a prática da atividade desportiva”.

Estando inscrito na Associação Nacional do Desporto para a Deficiência Intelectual (ANDDI), esta associação participa em numerosas atividades ao longo de um calendário anual de eventos desportivos, nacionais e internacionais, fazendo-se representar em diferentes modalidades: andebol, futebol, atletismo e Judo.

Trata-se de um clube que, ao longo da sua existência, “tem vindo a colecionar vitórias em campeonatos distritais, tendo atingido o seu ponto alto com vitórias em campeonatos nacionais”, conforme resume a apresentação que consta da página oficial da CerciGui na Internet.

E o sucesso do CDC já levou à convocação de alguns dos seus atletas para as seleções nacionais. Alguns marcaram mesmo presença em campeonatos da Europa, do Mundo, Global Games e Jogos Paralímpicos.

Presidente deste clube vimaranense desde 2007/08, Rui Leite, tem acompanhado todas estas conquistas com entusiasmo, coibindo-se de destacar algum atleta de um leque vasto de verdadeiros heróis.

O CDC tem um universo de mais de meia centena de atletas, quase todos da cidade de Guimarães. O CDC é, eventualmente, um dos mais pequenos da cidade vimaranense, no entanto é, também, um dos principais “fazedores” de campeões, tendo ganho vários troféus e várias medalhas através do empenho de atletas que têm em comum a deficiência e a paixão pelo desporto, sendo que a paixão supera a deficiência, quase que anulando-a no que diz respeito ao desporto.

“São meninos e meninas, crianças, adultos, que se entregam por completo e de uma forma muito saudável. É fantástico conviver com a paixão deles. Demonstam mais garra que os ditos ‘normais’. Dão enormes lições de vida aos ‘normais’. É um trabalho que vale a pena”, disse Rui Leite.

Sobre o futuro do CDC, o dirigente defendeu que a “sustentabilidade dos clubes mais pequenos passa pelo estabelecimento de parcerias”.

APCG faz parte da CED 2013

A Associação de Paralisia Cerebral de Guimarães (APCG) este ano soma ao seu calendário de iniciativas a parceria com a PCAND E A CED 2013 na organização do Campeonato Europeu de Boccia e “cede” ao calendário à Guimarães 2013 a sua maratona e caminhada solidária anual.

Texto: Sofia Pires

Fotos: Gentilmente cedidas pela APCG



Com piscina própria a APCG tem 39 crianças com idades compreendidas entre os 12 meses e os 15 anos a frequentar as sessões de hidroterapia. Cada tratamento tem duração de 30 minutos e frequência de uma sessão semanal. Os utentes de CAO e Lar Residencial usufruem igualmente deste tipo de apoio.

A APCG tem vindo a investir no Boccia, uma modalidade que está intimamente relacionada com a paralisia cerebral, e têm competido por equipas e individualmente uma vez por ano. “Se tivermos a sorte ou a capacidade de nos apurarmos vamos também competir no campeonato nacional em que já engloba todas as zonas do país: sul, norte e centro”, descreveu o treinador, Tiago Moura.

José Ângelo Pimenta, Avelino Gonçalves, Paula Meireles e Ricardo Barbosa treinam quatro vezes por semana, uma rotina que a instituição, apesar da falta de apoios, pretende garantir aos seus jogadores. “Os nossos atletas são o nosso motor de arranque, por eles não desistimos, porque pela envolvimento toda se calhar já teríamos desistido, mas por eles não”, frisou a coordenadora do CAO e do Lar da APCG, Cláudia Esteves. “Nós somos intitulados Clube da APCG, mas não somos propriamente um clube desportivo”, confessou. “Se há profissionais do Boccia e amadores nós somos super amadores”, acrescentou o presidente da APCG, Joaquim Oliveira, que deseja apenas que os utentes da instituição joguem e se divirtam. “Gastamos bastante dinheiro num ano e não temos apoio de ninguém”. O clube da APCG é federado pela PCAND em BC1, BC2 e BC4. “Não temos o BC3 porque não temos dinheiro para andar com as calhas porque é tudo muito caro e não temos apoio de ninguém”, queixou-se Joaquim Oliveira. “É tudo à nossa conta: equipamentos, bolas, deslocações, alimentação, dormidas, treinador”, sublinhou Cláudia Esteves. Talvez para



o próximo ano desportivo consigam arrancar com o BC3 já que têm alguns atletas interessados.

A APCG soma já quase 20 anos a fazer face à carência de respostas existente em Guimarães, Vizela, Felgueiras, Fafe, Cabeceiras e Celorico de Basto no apoio a pessoas com Paralisia Cerebral e Perturbações Neurológicas. O atual presidente, Joaquim Oliveira, em funções há sete anos, ao relembrar o percurso desta instituição de solidariedade social chega a um dos maiores problemas que enfrenta: “Ela (APCG) começou com umas instalações provisórias junto ao Hospital de Guimarães, depois, em 2004, veio para estas instalações que são novas e já são pequenas, considerando as listas de espera enormes a que não damos resposta”.

O Centro de Reabilitação que conta neste momento com quatro equipas técnicas constituídas, cada uma, por um técnico de Terapia da Fala, Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Psicologia e Serviço Social apoia diariamente cerca de 150 crianças e jovens até aos 16 anos, mas juntando o acompanhamento em Observações Periódicas fica com um total de 300 utentes. O Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) é uma estrutura que visa integrar jovens maiores de 16 anos após a conclusão da escolaridade mínima obrigatória, proporcionando-lhes atividades como a Hidroterapia, a Música e Movimento, o Ioga, Reciclagem, Trabalhos Manuais, Jardinagem e Treino de Atividades da Vida Diária.



O Centro de Reabilitação que conta neste momento com quatro equipas técnicas constituídas, cada uma, por um técnico de Terapia da Fala, Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Psicologia e Serviço Social apoia diariamente cerca de 150 crianças e jovens até aos 16 anos, mas juntando o acompanhamento em Observações Periódicas fica com um total de 300 utentes. O Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) é uma estrutura que visa integrar jovens maiores de 16 anos após a conclusão da escolaridade mínima obrigatória, proporcionando-lhes atividades como a Hidroterapia, a Música e Movimento, o Ioga, Reciclagem, Trabalhos Manuais, Jardinagem e Treino de Atividades da Vida Diária.

O Lar Residencial acolhe 12 pessoas com deficiência que, por questões de falta de retaguarda familiar, ficam alojadas na APCG. “Estamos a falar de famílias com alguma dificuldade em termos de trabalho que precisam de um sítio para pôr os filhos para irem trabalhar”, explicou Cláudia Esteves.

Em lista de espera têm o triplo dos utentes que apoiam. “Temos uma série de situações em lista de espera que são graves. E nós não temos forma de dar resposta e ficamos muito desiludidos”, rematou.

A solução da APCG para esta situação há muito foi apresentada. “Tivemos um projeto aprovado pela Segurança Social, pela Câmara Municipal de Guimarães e depois no POPH (Programa Operacional Potencial Humano) em Bruxelas, por devermos dinheiro destas instalações e termos o terreno hipotecado, foi anulado”, revelou Joaquim Oliveira. E não há perspetivas de outro tipo de ajudas a solicitar, principalmente dada a conjuntura económica do país. “Na altura que esta-

mos... eu sei que poderia vir uma parte da Câmara Municipal de Guimarães, uma parte da Segurança Social, uma parte do Fundo do Socorro Social e uma parte nossa para fazermos um edifício para termos mais de 40 camas”, confessou o presidente da APCG. Enquanto esperam por “novos ventos” vão dando continuidade ao trabalho que têm vindo a fazer. Enfrentam a crise de frente, a mesma que “tolhe” os donativos das empresas, adia a revisão dos orçamentos da segurança social e acarreta para 2013 um saldo negativo de 70 mil euros para a APCG. “Por isso o nosso objetivo é maximizar os recursos, procurar novos fornecedores para mantermos a mesma qualidade mas com preços mais competitivos. Pretendemos reduzir às despesas sem reduzir à qualidade do serviço prestado”, explicou Cláudia Esteves. Para desassombrar este cenário apenas “a felicidade dos tribunais deixaram que as coimas sejam pagas às instituições e, por isso, desde 2011 se tem conseguido alguns apoios” a juntar às restantes fontes de rendimento da APCG: mensalidades dos utentes, os donativos, o artesanato que vendem e as festas que promovem.

No âmbito da responsabilidade social da instituição em maio, ainda sem data prevista, realizam-se as III Jornadas Científicas dirigidas a técnicos e familiares. A APCG participa na feira de Artesanato e na feira da Terra em S. Torcato, uma freguesia de Guimarães. Organiza em setembro a VII Mini Maratona “Pessoas Diferentes, Direitos Iguais” e a Caminhada da Igualdade”, o evento com mais visibilidade e agora integrado no calendário da CED, e participam no Acampamento Nacional das APC.





Fernando Fontes
Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
fernando@ces.uc.pt

Deficiência e opressão social: modelos, conceitos e usos hegemónicos

Alicerçada numa determinada cultura ideológica, a forma como a deficiência é definida resulta de concepções socialmente aceites e reproduzidas (Oliver, 1990). Neste sentido a perspetiva utilizada para entender a deficiência influencia determinantemente os direitos e as vidas daqueles/as a quem é atribuída ou imputada esta condição. De forma semelhante, também não é irrelevante o modo como nos referimos às pessoas culturalmente incluídas neste grupo. Enquanto cientista social a trabalhar na área dos Estudos da Deficiência, este constitui para mim um dilema linguístico estrutural nesta área de investigação científica, que urge discutir de forma a alcançar um consenso teórico e político mais alargado. As implicações culturais extravasam o imediatismo das palavras. Tal como refere Boaventura de Sousa Santos “Não importa os nomes que pomos às coisas, mas as coisas que pomos nos nomes”. Mas para tal, importa estabilizar aquilo que entendemos por cada conceito que escolhemos utilizar, bem como as razões subjacentes à escolha.

Em Portugal expressões como ‘pessoas com deficiência’, ou ‘pessoas portadoras de deficiência’ ganharam alguma hegemonia ao longo dos últimos anos face à denominação ‘deficientes’ ou denominações arcaicas, mas presentes em documentos legais até quase ao final do Estado Novo, como ‘anormais’, ‘atrasados’ ou ‘diminuídos’. Se o distanciamento feito face a estas últimas nomenclaturas se afigura consensual, as novas denominações colocam algumas questões teóricas e políticas que carecem reflexão.

Analisemos pois os termos ‘deficiência’ e ‘deficiente’. Não obstante partilharem uma mesma origem etimológica, derivada do latim *deficientia* que significa enfraquecimento, estas duas palavras são completamente distintas em termos de género gramatical. Se no caso da primeira - ‘deficiência’ - se trata de um substantivo e, portanto, algo que nomeia ou designa a pessoa, no caso da segunda - ‘deficiente’ - trata-se de um adjetivo, isto é algo que dá um atributo ao substantivo, melhor dizendo, aquilo que qualifica o que somos. As diferentes

denominações estão assim longe de serem neutras na forma como se referem às pessoas. As denominações mais comumente utilizadas - ‘pessoas com deficiência’ ou ‘pessoas portadoras de deficiência’ - constituem pois uma forma de transformar a ‘deficiência’ na essência das pessoas assim encaradas. A denominação ‘deficientes’, que caiu em desuso no nosso contexto geográfico, sobretudo a partir da 4ª Revisão Constitucional de 1997 que substitui este termo pela designação ‘portadores de deficiência’, constitui uma forma de qualificar a pessoa e, portanto, apresenta-se como algo social e culturalmente construído.

Em face deste dilema linguístico, creio ser necessário proceder a um duplo exercício hermenêutico. A nível académico e institucional, importa repensar estas formas de diferenciar e referenciar ‘o outro’ de forma a ‘des-essencializar’ as suas vidas, afastando concepções marcadamente médicas e individualizadoras. A nível associativo, é necessário que o movimento social representativo deste grupo da sociedade portuguesa reflecta sobre a carga e implicações de cada uma destas denominações, e que, à semelhança de outros grupos socialmente marginalizados, se aproprie do seu estigma, politizando-o e transformando-o na sua bandeira de luta contra a discriminação e a opressão social de que são alvo na sociedade portuguesa.

Isto mesmo foi o que fez o movimento social de deficientes no Reino Unido a partir da década de 1970 afirmando, em primeiro lugar, que a deficiência é uma construção cultural e política e, em segundo lugar, que esta deve ser entendida como uma forma de opressão social. Tal como definida pelo Union of Physical Impaired Against Segregation (UPIAS) em Inglaterra em 1976, a deficiência deve ser entendida como a desvantagem ou a restrição de atividade criada pelas instituições sociais, sendo que a não consideração das necessidades das pessoas com incapacidade impede a sua participação na sociedade e nas actividades sociais habituais para qualquer outro/a cidadão/ã (UPIAS, 1976). Desta forma, as situações de privação e de exclusão social vivenciadas

pelos indivíduos com alguma incapacidade decorrem do modo como a deficiência é construída socialmente e das barreiras físicas e psicológicas (preconceitos e ideias preconcebidas) levantadas em torno da deficiência (UPIAS, 1976). Esta nova abordagem da deficiência, posteriormente designada por modelo social da deficiência (Oliver, 1990), emerge como alternativa às concepções tradicionais propostas pelo modelo médico.

O desenvolvimento da medicina moderna no mundo ocidental produziu mudanças significativas no entendimento social da saúde e da doença e na forma como a sociedade lida com estes temas (Giddens, 1993). Em resultado, assistimos ao desenvolvimento de um diagnóstico médico cientificamente alicerçado que apresenta a ‘cura’ como principal objetivo (Giddens, 1993); ao desenvolvimento de uma classe de profissionais de saúde que adquiriram o poder de “determinar as fronteiras entre o que são pessoas ‘normais’ e ‘anormais’, ‘sãs’ e ‘loucas’, saudáveis e doentes.” (Barnes and Mercer, 2010: 18). A deficiência acabou assim reduzida às anormalidades e incapacidades do corpo (Barnes, 1997, 2000; Sticker, 1999) que teve como resultado, por um lado, a sua individualização e medicalização (Stone, 1984; Oliver, 1990) e, por outro, a institucionalização e segregação das pessoas medicamente definidas como deficientes (Finkelstein, 1980; Goffman, 1987; Hughes, 2001). Contrariamente a esta visão da deficiência que se centra nas ideias de ‘anormalidade’, diferença e incapacidade, e em que as barreiras e limitações enfrentadas pelas pessoas derivam diretamente das suas incapacidades reais ou imputadas, a nova visão proposta pelo movimento social de deficientes conseguiu recentrar na sociedade – i.e. em valores, instituições, ideologias – a responsabilidade pela sua contínua exclusão. O novo modelo social conseguiu ainda transformar a deficiência numa questão social e política, mais do que um problema médico e individual (Oliver, 1990). A deficiência não é, desta forma, criada pela incapacidade, mas sim pela sociedade que deficienteza as pessoas com incapacidades (Oliver, 1996). Estas diferentes formas de encarar a deficiência e de representar o outro apresentam potenciais emancipatórios distintos. Urge pois repensar a utilização que fazemos

das diversas concepções a nível nacional, refletindo sobre as suas implicações sociais e políticas, e afirmar a deficiência não como parte da essência da pessoa mas sim como algo de exterior ao indivíduo, social e culturalmente construído, e cujo resultado é a exclusão e opressão da diferença.

Referências:

- Barnes, Colin (1997), “A Legacy of oppression: A history of disability in Western culture”, in Len Barton e Michael Oliver (orgs.), *Disability studies: Past present and future*. Leeds: The Disability Press, 3-24.
- Barnes, Colin (2000 [1991]), *Disabled People in Britain and Discrimination – A Case for Anti-Discrimination Legislation*. 3rd Edition. London: Hurst & Company.
- Barnes, Colin; Mercer, Geof (2010), *Exploring Disability*. Cambridge: Polity Press.
- Finkelstein, Vic (1980), *Attitudes and Disabled People: Issues for Discussion*. New York: World Rehabilitation Fund / International Exchange of Information on Rehabilitation.
- Giddens, Anthony (1993), *Sociology*. Cambridge: Polity.
- Goffman, Erving (1987[1961]), *Asylums: essays on the social situation of mental patients and other inmates*. Harmondsworth: Penguin.
- Hughes, Bill (2001), “Disability and the constitution of dependency”, in Len Barton (org.), *Disability, Politics & the Struggle for Change*. London: David Fulton Publishers, 24-33.
- Oliver, Michael (1990), *The Politics of disablement*. London: Macmillan.
- Oliver, Michael (1996), *Understanding disability: From theory to practice*. London: Macmillan.
- Striker, Henri-Jacques (1999), *A history of disability*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Stone, Deborah (1984), *The Disabled State*. Philadelphia: Temple University Press.
- UPIAS – Union of the Physically Impaired Against Segregation; Disability Alliance (1976), *Fundamental principles of disability*. London: UPIAS. Versão eletrónica, consultada a 12.01.2013, em <http://www.leeds.ac.uk/disability-studies/archiveuk/UPIAS/fundamental%20principles.pdf>.



MÉDIA & DEFICIÊNCIA

Sérgio Gomes da Silva
Coordenação Grupo de Reflexão Média e Deficiência
www.facebook.com/mediaedeficiencia

O círculo virtuoso da Inclusão

Uma rapariga fica grávida e o namorado abandona-a. Durante a gestação a rapariga descobre que está grávida de gémeos. O parto corre mal, ela acaba por morrer mas as crianças sobrevivem. Ambas são saudáveis, no entanto, são-lhe traçados logo na maternidade destinos diferentes. O menino é acolhido pelos avós maternos, um casal de classe média alta que vive numa zona chique da cidade, enquanto a menina é rejeitada pela avó porque tem Síndrome Down e é adotada pela médica que assistiu o parto.

Um rapaz tem 19 anos, sente que está na altura de encontrar emprego e deixar de viver às custas da família. A mãe opõe-se à ideia mas o pai, a irmã e o irmão incentivam-no a procurar trabalho, ajudam-no a consegui-lo e o rapaz torna-se vigilante no hospital onde a mãe é enfermeira. O rapaz tem trissomia 21 e por isso a mãe tem muita dificuldade em aceitar que ele é capaz de se autonomizar, mas o restante contexto familiar e profissional vão ajudá-lo nesse caminho.

Estas duas histórias não são reais mas são tão bem contadas que poderiam ser. A primeira é a história de Clarinha, personagem da telenovela Páginas da Vida que faz parte do núcleo principal da narrativa e pode ser vista na SIC. A segunda é a história de Rodrigo, personagem da série portuguesa Sinais de Vida no ar desde janeiro de 2013 na RTP. Estas duas histórias entram nas casas portuguesas quase todos os dias da semana e em horário nobre. Que diferença fazem? Será que ajudam à inclusão plena na sociedade das pessoas com deficiência? São só ficções, que efeitos podem ter na percepção da deficiência por parte da sociedade?

No Grupo de Reflexão Média e Deficiência, que coordeno desde a sua formação em março de 2011, acreditamos que fazem toda a diferença. O grupo é

plural (junta vários organismos do Estado, diversas universidades, organizações que trabalham na área da deficiência, meios de comunicação e profissionais de áreas relacionadas) e por isso mesmo tem opiniões variadas no seu seio, em diversos assuntos, mas concordamos todos que a inclusão de pessoas com deficiência, retratadas de forma realista, nos produtos da comunicação social é uma forma ímpar de acelerar o processo de inclusão das pessoas com deficiência na sociedade.

Essa inclusão nas narrativas mediáticas é, de facto, um dos objetivos orientadores do Média e Deficiência desde a sua constituição. Outros, não menos importantes, que se registaram nessa reunião fundadora são a) trazer para a agenda pública a temática Média e Deficiência; b) contribuir para a eliminação de estereótipos associados à imagem mediática das pessoas com deficiência; c) participar ativamente nos processos tecnológicos que garantem uma melhor acessibilidade das pessoas com deficiência aos Média (novos e tradicionais); d) promover a reflexão e debate alargados sobre as questões que cruzam os universos dos Média e da Deficiência; e) desempenhar um papel interventivo em processos de adoção de Boas Práticas, quer por parte dos Média, quer por parte das pessoas com deficiência e suas organizações; f) sinalizar conteúdos apresentados pelos média que abordam questões relacionadas com a problemática da deficiência (adequada ou inadequadamente); g) listar projetos na área dos Média concebidos tendo em consideração as necessidades especiais de comunidades específicas de cidadãos; h) identificar os requisitos técnicos para a acessibilidade das pessoas com deficiência aos meios de comunicação social.

Estes objetivos têm sido perseguidos, alargados e progressivamente concretizados por um grupo ativo, multifacetado e que se vem compondo cada vez mais de membros da sociedade civil. Se no primeiro encontro cinco dos seis fundadores eram de organismos do Estado, as empresas de comunicação social, as ONGs, os investigadores académicos, os jornalistas e os indivíduos com deficiência compõem hoje a maioria do grupo (no total de 20 entidades). Quando concretizamos alguns dos objetivos, como a sinalização de conteúdos que vimos fazendo e que esteve particularmente ativa a propósito dos Paralímpicos de Londres, surgem-nos no caminho novas metas. As audições que fazemos aos nossos convidados em cada reunião contribuem não apenas para o contacto com uma nova área (como pode ser a produção de uma campanha de sensibilização ou a descrição de uma carreira radiofónica de uma pessoa cega) mas para a intervenção em áreas que descobrimos importantes. Foi o caso de uma audição realizada no início de 2012 em que foi mostrada a necessidade da capacitação das organizações que trabalham com a deficiência para se relacionarem com os Media. Nessa audição descobrimos que uma das dificuldades que o assunto deficiência tem para entrar na agenda mediática radica na forma pouco profissional e pouco assertiva como a informação chega às redações. Foi por causa dessa audição que concretizámos o workshop “Como comunicar com os jornalistas”, em novembro passado, reunindo um distinto grupo de jornalistas e agentes de comunicação que se dispôs a dar formação, inteiramente pro-bono, durante dois dias, à ONG que se inscreveram, perfazendo um total de 40 participantes. Esta capacitação não vai parar por aqui e prevemos para breve a realização de um novo workshop para que as ONGs possam comunicar melhor através dos meios próprios como sites e redes sociais. Como referia acima, quando concretizamos um objetivo, descobrimos novas metas e agimos no sentido da sua melhor concretização, seja de forma direta, seja pela influência que tentamos exercer a diversos níveis, mas

não nos esquecemos dos objetivos maiores do Media e Deficiência. A inclusão das pessoas com deficiência nas narrativas mediáticas ainda está por cumprir, mesmo se em horário nobre dois canais de televisão de sinal aberto colocam no ar séries cujo enredo anda em torno de personagens com deficiência.

Nós queremos mais. Queremos personagens adultas na ficção, queremos histórias de vida realistas nos blocos informativos, queremos apresentadores em talk shows, queremos comentadores de política que tenham deficiência mas que não se limitem a aparecer quando a temática é a deficiência. Queremos que estejam presentes no palco mediático.

Respondo agora às perguntas: Que diferença faz? Será que ajudam à inclusão plena na sociedade das pessoas com deficiência? São só ficções e realidades virtuais, que efeitos podem ter na perceção da deficiência por parte da sociedade? Os Media podem ter um papel decisivo na construção de uma nova perceção da deficiência porque podem ampliar os conceitos que estão na ordem do dia: a incapacidade e a funcionalidade alterando, no mundo mais mediatizado de sempre, as mentalidades de forma mais rápida, mudando o espectro da deficiência incapacitante para a capacidade.

Queremos que as pessoas com deficiência estejam mais presentes no palco mediático, para que estejam mais presentes no espaço público. Quando a Clara e o Rodrigo são personagens construídas não em torno da deficiência mas em torno do preconceito da avó, no primeiro caso, e da capacidade de trabalho e de independência, no segundo caso, essas histórias de ficção geram nos espectadores sentimentos positivos. Estas histórias vão contribuir para que esses espectadores reformulem os seus próprios preconceitos e a sua perceção do mundo, contribuindo definitivamente para a mudança de mentalidades. Quando as temáticas da deficiência forem amplamente expostas, os espaços de intervenção, os decisores, os mercados não vão fechar as portas à inclusão de todos na sociedade. É nesse sentido que trabalhamos.

TECNOLOGIA E INOVAÇÃO



Um novo conceito
de vestuário infantil

Um novo conceito de vestuário infantil

A designer de moda, Ângela Pires, criou uma linha de “roupas funcionais, interativas e personalizáveis que promove o conforto e o desenvolvimento sensório-motor de todas as crianças”. Com esta ideia venceu o Prémio SIM’12, um galardão de indústrias criativas no valor de 25 mil euros, e apostou no concurso, ainda a decorrer, “IdeaMove: Da Ideia ao Negócio”, promovido pelo Programa de Empreendedorismo Tecnológico.

Texto: Sofia Pires

Fotos: Gentilmente cedidas por Ângela Pires

A ideia já tem alguns anos. Surgiu em 2008 quando Ângela Pires fez a tese de Mestrado em Design de Moda na Universidade da Beira Interior. O desafio a que se impôs, foi o de “criar um conceito de vestuário que pudesse, de alguma forma, contribuir para a melhoria da qualidade de vida de um segmento da população”. Com a evolução das ideias, a criadora de moda com 27 anos chegou “a este conceito de vestuário infantil, particularmente pensado para crianças com atrasos de desenvolvimento psicomotor”. Desta forma, os miúdos, em particular os que têm limitações motoras e têm dificuldades em vestir-se sozinhos, encontram nesta linha de roupa a possibilidade de serem mais autónomos.

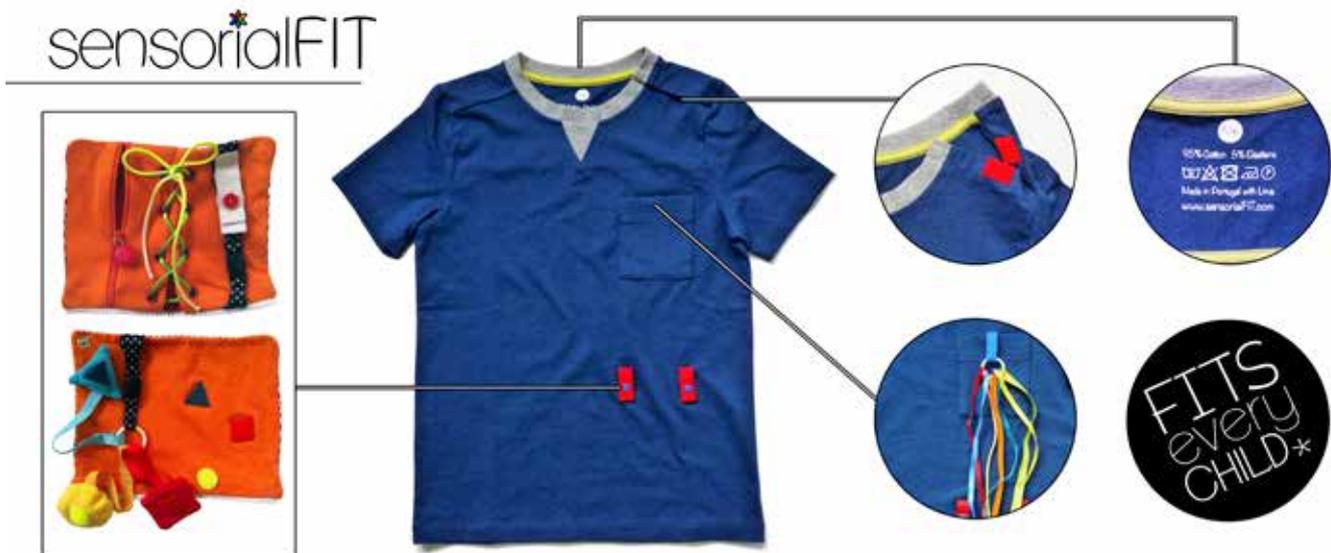
O conceito sensorialFIT faz com que vestir ou despir deixe de ser uma batalha diária e passe a ser um divertimento graças aos materiais usados com diferentes texturas, cores, sons, luzes e aromas, sob a forma de jogos ou “bonecos”. São roupas funcionais, confortáveis e práticas que têm, por outro lado, uma componente interativa e terapêutica. “Serão criados acessórios modulares para anexar à roupa, que têm como objetivo desenvolver áreas como a motricidade fina, cognição

e promover uma forte estimulação sensorial”, explica Ângela Pires.

São transportados para o vestuário muitos dos estímulos que, geralmente, estas crianças têm acesso nas sessões terapêuticas. E este é um dos aspetos inovadores do projeto. A introdução desta componente lúdica interativa e terapêutica nas peças de roupa “incentiva a interação das crianças com o vestuário e promove também a própria interação com outras crianças”.

A possibilidade de customização por parte do consumidor também é uma boa novidade para os pais ou as próprias instituições. “Ou seja, o facto de se tratarem de acessórios modulares, vai permitir que cada consumidor possa adquirir os acessórios em função das necessidades de cada criança e também em função do valor que pretende pagar, uma vez que serão criados acessórios com diferentes patamares de preços”, explica a designer de moda.

Outro fator de diferenciação é a, já referida, preocupação com a vestibilidade e o conforto. “Será criada uma linha chamada “Soft”, especialmente pensada para crianças com hipersensibilidade, com peças sem costuras, com materiais macios, de fibras naturais e cores suaves. Em



contrapartida, será criada também a linha “Texture”, com peças mais coloridas, com mais diversidade de materiais e texturas, estampados e bordados, para crianças com um nível de sensibilidade dito “normal” ou com hipossensibilidade”, adianta Ângela Pires.

A designer, para já, está a desenvolver coleções de partes de cima (t-shirts, tops, camisolas, etc.) para crianças dos dois aos 14 anos mas pondera alargar o conceito sensorialFIT a outro tipo de peças, criando coleções completas, ou até mesmo uma linha para adultos com as mesmas preocupações funcionais.

Depois de quatro anos a trabalhar na indústria da moda, Ângela Pires decidiu retomar esta ideia, em 2012, e tem vindo a trabalhá-la enquanto projeto empresarial, através do IdeaMove, uma competição de empreendedorismo no âmbito do programa Tec Empreende, promovido pela Anje em parceria com o INESCPorto. Esta participação no IdeaMove “está a ser fundamental para estabelecer a estratégia de implementação do projeto”. A designer avança que “neste momento estão a perceber de que forma vai ser feita a produção e distribuição do produto”.

No dia 28 de novembro Ângela Pires ficou a saber que o

projeto sensorialFIT foi o grande vencedor da edição de 2012 do Prémio SIM. “Foi uma sensação ótima!”, assume a criadora de moda. Receber o galardão que pretende “distinguir o potencial criativo que fervilha em todo o país”, para além do valor do prémio para alavancar o projeto, foi, para a designer, como uma injeção de motivação extra pelo “voto de confiança do júri nesta ideia”. A visibilidade depois de receber este prémio também aumentou. “Tive um feedback muito positivo por parte de pais, terapeutas e instituições, que me deram os parabéns e se mostraram muito interessados no projeto, confirmando a pertinência do mesmo. Este reconhecimento das pessoas que realmente constituem o meu target é muito importante e dá-me uma motivação extra”, confessa.

Ângela Pires espera poder colocar os primeiros produtos, brevemente, à venda. “Neste momento estou a tentar estabelecer algumas parcerias para lançar o produto no mercado e depois internacionalizar o projeto”, conta.



Foi fundamental fazer uma grande pesquisa sobre os diferentes tipos de deficiências/ atrasos de desenvolvimento e contactar com terapeutas, médicos, professoras de educação especial, pais e as próprias crianças. Fiz um levantamento, através de inquéritos e entrevistas, das maiores dificuldades das crianças e das suas preferências em relação ao vestuário, do tipo de estímulos que costumam ser utilizados... Este trabalho de pesquisa e contacto com as pessoas que lidam diariamente com as crianças foi e continuará a ser fundamental para perceber de que forma posso melhorar a sua qualidade de vida através do vestuário". Ângela Pires

Mais sobre Ângela Pires

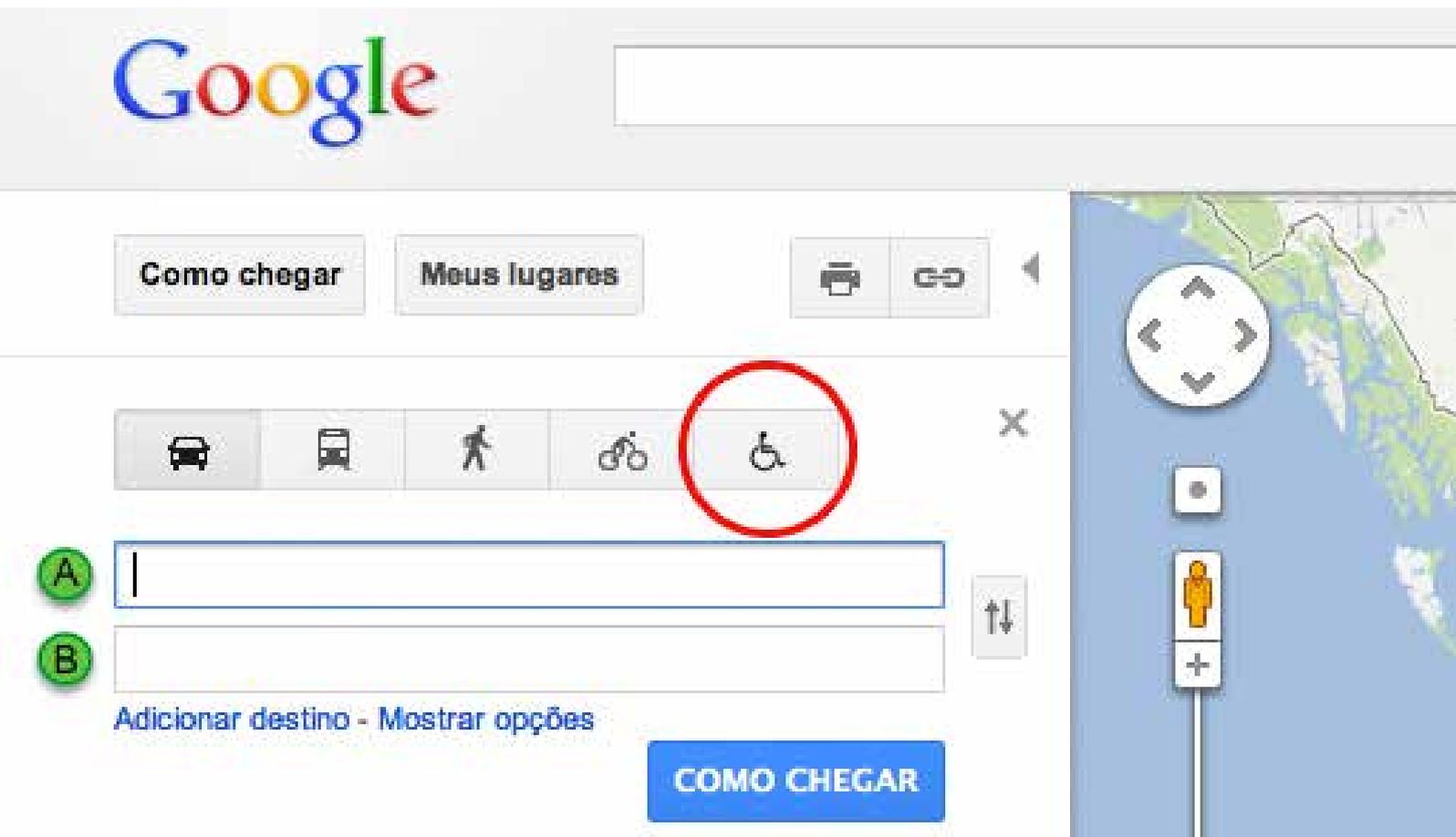
Natural da Covilhã mas residente em Vila do Conde a criadora de moda licenciou-se em Design Têxtil e do Vestuário e fez o Mestrado em Design de Moda na Universidade da Beira Interior. Em 2007 venceu o concurso "Jovens Criadores" da 30.ª Edição do Modtíssimo. Entretanto esteve a trabalhar durante os últimos cinco anos na criação de coleções para várias marcas. Neste momento trabalha como designer de moda freelancer e criou a empresa Creative Lab, com o intuito de desenvolver o projeto sensorialFIT. Mais informações em: www.facebook.com/sensorialFIT

“Accessibility View” vence prêmio da Google

O Google Maps já traça rotas para ir de carro, a pé ou de transportes públicos. E se traçasse rotas acessíveis a pessoas com deficiência motora? Foi nisso que pensou Eduardo Juca Battiston e, no meio de mais de 4500 ideias apresentadas no Creative Sandbox Brief, sobressaiu a deste criativo da Agência Click Isobar vencendo a edição brasileira deste concurso promovido pela Google.

Texto: Sofia Pires

Fotos: Gentilmente cedidas por Eduardo J. Battiston



Como se pode usar a criatividade e a tecnologia para melhorar a vida das pessoas? Era a pergunta que, no fundo, o concurso lançado pela Google pretendia responder.

A partir do briefing proposto, Eduardo Juca Battiston idealizou um street view estático que logo se converteu numa aplicação de informação de acessibilidades em tempo real e gerada pela comunidade através do Google Maps. O criativo idealizou um mapeamento das ruas apontando as acessibilidades para pessoas com deficiência.

“O mapeamento gera mobilização mas é uma coisa que não vai ser tão útil, então evoluímos a ideia para ter um aplicativo Waze, um aplicativo de trânsito colaborativo”, explica o criativo da Agência Click Isobar, em São Paulo.

Ou seja, a lógica da ideia do “Accessibility View” criado por Eduardo assenta no conceito das redes sociais. “Está em permanente atualização e o melhor disso é que não está a ser atualizado por uma equipa, mas pelas próprias pessoas que ou têm deficiência física ou querem simplesmente ajudar”, sublinha. Em prol do “bem comum”, esta ideia fará, também o recálculo automático da rota de acordo com as mudanças de condições de acessibilidades, tanto para melhor, como para pior. Apesar do ponto de partida para o “Accessibility View” de Eduardo Juca Battiston ter sido o briefing do Creative Sandbox, o criativo já estava, de alguma maneira, sensibilizado para esta questão das acessibilidades. “Em 2009 fiz um projeto com a Associação de Assistência à Criança Deficiente, em São Paulo, muito inspirador.

Passei vários dias lá, conheci as crianças e aproximei-me bastante desse universo”, confessa. Além disso, ter amigos “cadeirantes” também ajudou a ficar mais sensível ao tema. “Outra coisa que influenciou bastante essa ideia é que eu acabei de chegar de Madrid e andava muito de skate pelas ruas da cidade e aqui em São Paulo quando voltei, senti muitas dificuldades em andar de skate”, revela Eduardo Juca Battiston.

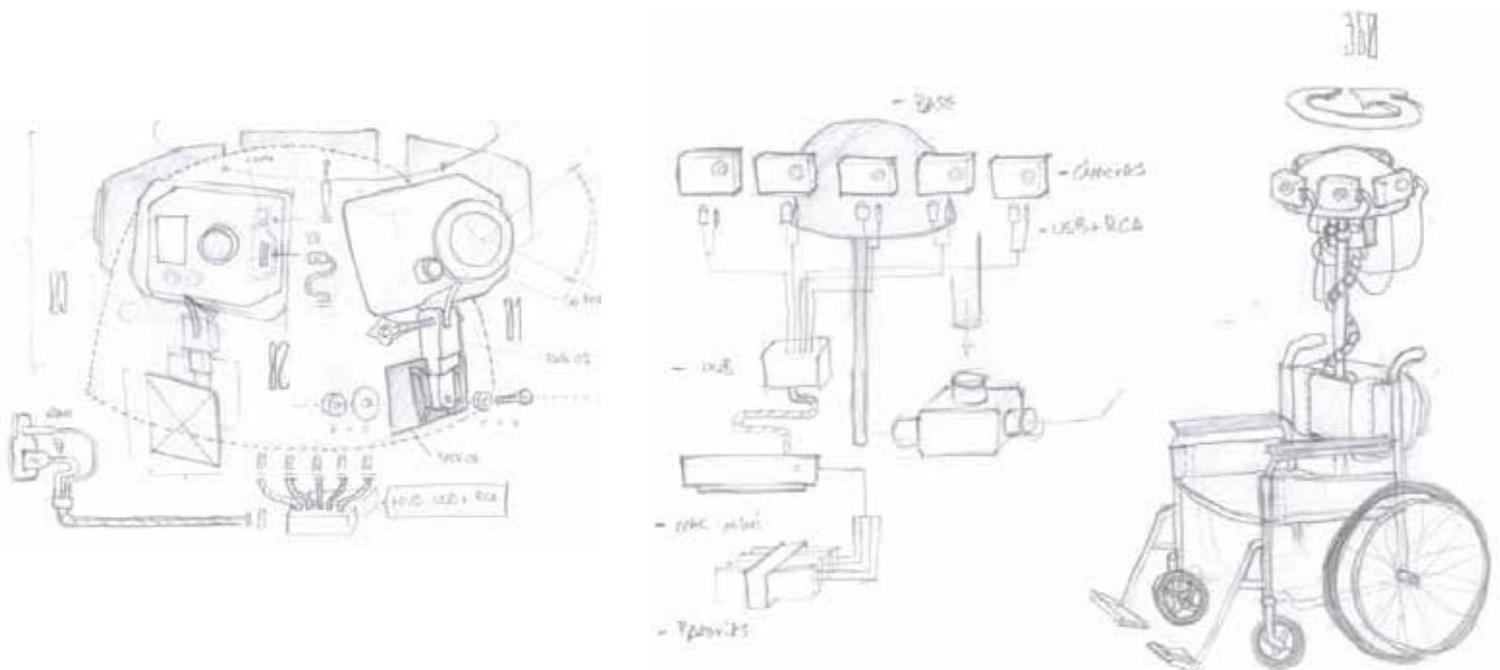
Para concretizar este conceito foi necessário equipar com câmaras um grupo de pessoas em cadeira de roda. A cidade de São Paulo já está mapeada numa espécie de street view gerado por pessoas com necessidades especiais mas a intenção do mentor é ir mais longe e, para tal, conta com a colaboração da Google. A próxima etapa é viajar para a Suíça, onde estão os engenheiros do Google Maps, e negociar a possibilidade da ideia ganhar uma escala global e conquistar o financiamento da Google. “Agora o próximo passo da ideia é provar para a Google que isso é um problema mundial, é uma ferramenta que pode ajudar as cidades, mesmo as que já estão com um grau de desenvolvimento melhor”.

Se a Google não quiser, por algum motivo, “entrar nessa escala global”, já existem empresas brasileiras interessadas em investir na ideia que arrecadou o primeiro prémio no concurso Creative Sandbox. “A Google vai apoiar de qualquer maneira, mas se não quiser fazer a nível global, nós vamos fazer a nível local”. Se a empresa que começou por ser um motor de buscar e agora fornece um leque variado de produtos e serviços “entrar na história”, o processo vai ser mais longo do que se for independente dela, mas a escala também vai ser maior. Se não entrar espera-se que a plataforma independente possa ser colocada no ar ainda esse ano”. Tudo vai depender dessa conversa: saber se só vai apoiar ou se vão adotar o projeto para eles.

De momento, o conceito está apenas pensado para pessoas com deficiência motora. Apesar do mentor do projeto assumir que ainda não tem como acoplar alternativas para pessoas cegas ou com baixa visão, não põe de lado essa hipótese de levar ao Google Maps a capacidade de traçar caminhos acessíveis a todas as pessoas com deficiência, seja ela qual for.

“Muita gente, pessoas que eu nem conhecia têm-se colocado à disposição para ajudar. A receptividade tem sido boa. Demos entrevistas em várias televisões, revistas, jornais, enfim. A ideia está a tomar corpo e notoriedade e acho que isso vai ser bom. Conseguimos colocar mais gente, voluntários que possam ajudar. É um projeto que é feito para as pessoas e as pessoas também têm interesse em participar”.

Eduardo Juca Battiston



Wi-Go, projeto nacional na Imagine Cup 2012 da Microsoft

Ir às compras ou outras tarefas do dia-a-dia, em breve, poderão deixar de ser batalhas a travar para as pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida graças ao projeto wi-GO. Este dispositivo autónomo está a ser desenvolvido para seguir uma pessoa para onde quer que se desloque transportando objetos de forma autónoma e segura.

Texto: Sofia Pires

Fotos: Gentilmente cedidas por Luís de Matos



“Estamos habituados a um conceito de ter que empurrar sempre alguma coisa quando vamos às compras. Ou empurramos um carrinho convencional, ou puxamos o cesto ou trazemo-lo debaixo do braço. Nós invertemos um pouco o paradigma”, explica Luís de Matos, o mentor desta ideia. O wi-GO não é para empurrar nem para puxar. O carrinho segue a pessoa, tudo graças à tecnologia avançada de reconhecimento de imagem que utiliza e, por isso, não precisa de ter nada com ela: nenhum sensor, nenhuma roupa especial, nem nenhum telemóvel que comunique com o carrinho. “Nós utilizamos tecnologia da Microsoft, o sensor Kinect que reconhece pessoas”, revela Luís de Matos.

Este sensor foi, inicialmente, criado para a indústria dos jogos, para as consolas Xbox, como se fosse a Nintendo Wii ou a Playstation Move. “Só que a Wii e a Move têm comandos para interagirmos com a televisão e a consola. O Kinect não tem comando nenhum, consegue reconhecer os movimentos e as pessoas”, explica o mentor do wi-GO que acrescenta “retiramos esse aparelho da consola e ligamos a um computador e é com base nisto que vamos reconhecer as pessoas e que as vamos seguir”. A partir daí a pessoa passa a estar, virtualmente, ligada ao wi-GO e não precisa de se preocupar com mais nada. “Apenas precisa de se colocar à frente do carrinho, clicar no botão play e é como dizer «Olá, eu quero que me sigas»”, adianta Luís de Matos. No final das compras, deixa-se o wi-GO onde se deixa um carrinho de compras convencional, sendo apenas necessário voltar a carregar no botão e o carrinho fica pronto a receber outra pessoa.

“O wi-GO é único e pode ser utilizado em aeroportos, centros comerciais, hospitais, lojas, nas casas das pessoas e até mesmo em ambientes de espaço aberto assim como na indústria que necessite de uma solução para transporte de objetos”, pode ler-se no site do projeto, www.is2you.eu.

O projeto nasceu no início de 2012 e a ideia surgiu de uma necessidade pessoal. “Como eu estou em cadeira de rodas, tenho dificuldade em ir às compras e como sou da área das tecnologias de informática decidi criar um sistema que me auxiliasse nessa tarefa”, explica o mentor do projeto wi-GO. E foi daí que nasceu o conceito, aplicado, inicialmente na tese final do curso em Engenharia Informática pela Universidade da Beira Interior (UBI) mas que tem sido desenvolvido no âmbito da IS2you, empresa spin-off que Luís de Matos fundou e da qual é diretor geral. “A primeira fase foi a fase da investigação e da tese que eu desenvolvi. Construí o primeiro protótipo que era em ferro e, essencialmente, foi uma fase para testar a tecnologia”, recorda o mentor do projeto. A tecnologia funcionou e na segunda fase concentraram os esforços na adaptação da tecnologia ao carrinho de compras. “Já era um protótipo mais compacto, mais ergonómico, mais real”, descreve Luís de Mota, assumindo que “foi aí que começamos a ganhar prémios, verificamos que a ideia tinha mais valor comercial para além do valor prático que já estava comprovado e que iria ter”.

O projeto wi-GO recebeu uma menção honrosa na ISCTE-IUL MIT Portugal Venture Competition 2011 e ficou em primeiro lugar no prémio de empreendedorismo WinUBI2011, no Do Something” na categoria “Melhor Uso da Tecnologia e no concurso de ideias, planos de negócio e provas de conceito, “Arrisca C” 2011 na categoria INOV C. Mais recentemente, o wi-GO foi o projeto vencedor na final nacional do Imagine Cup 2012 da Microsoft e obteve o terceiro lugar na final mundial, entre quase uma centena de concorrentes.

A equipa da IS2you tem vindo a crescer, à medida que o projeto se foi desenvolvendo. Inicialmente eram três pessoas, agora já são dez, responsáveis pela parte técnica e uma equipa focada no design, gestão, marketing, publicidade e relações públicas. “Todos os nossos elementos, de alguma forma, estão ligados à universidade. A grande maioria é da Covilhã e os que não são estudam cá. Essa é uma prática que gostávamos de manter, promover o empreendedorismo e que a equipa fosse sempre constituída por elementos da zona e da UBI. É a nossa filosofia”, confessa Luís de Matos.

“As coisas têm evoluído muito rápido, somos obrigados a dar resposta. Somos alunos que agora viraram empresários”. Luís de Matos



Neste momento a IS2you trabalha na fase final do desenvolvimento do wi-GO. Nesta última etapa apura-se o design do carrinho para que seja completamente ergonómico tanto para uma pessoa em cadeira de rodas, que está sentada, como para uma pessoa que está de pé. “Esta é a fase final de design e otimização da parte tecnológica software e hardware”, reitera o diretor geral da IS2you.

Luís de Matos espera que daqui a quatro meses tenha a primeira versão do produto final disponível para colocar em vários pontos do país e pronto a ser testado. “Vamos receber o feedback das pessoas e depois numa outra fase vamos desenvolver o produto final. Claro que estas fases só serão possíveis se conseguirmos arranjar financiamento e investimento, que ainda não conseguimos”, revela.

Arranjando o dinheiro para avançar com o projeto, entre 150 a 300 mil euros para um ano de desenvolvimento, o produto fica pronto para ser comercializado para qualquer parte do mundo. “É um produto que não existe, temos patentes internacionais já submetidas, agora é só uma questão de financiamento para alavancar o produto, para criar uma equipa mais estável, para lhes dar condições de trabalho e para comprarmos o hardware que é necessário para produzir essas unidades para colocarmos nas várias superfícies comerciais”, explica Luís de Matos.

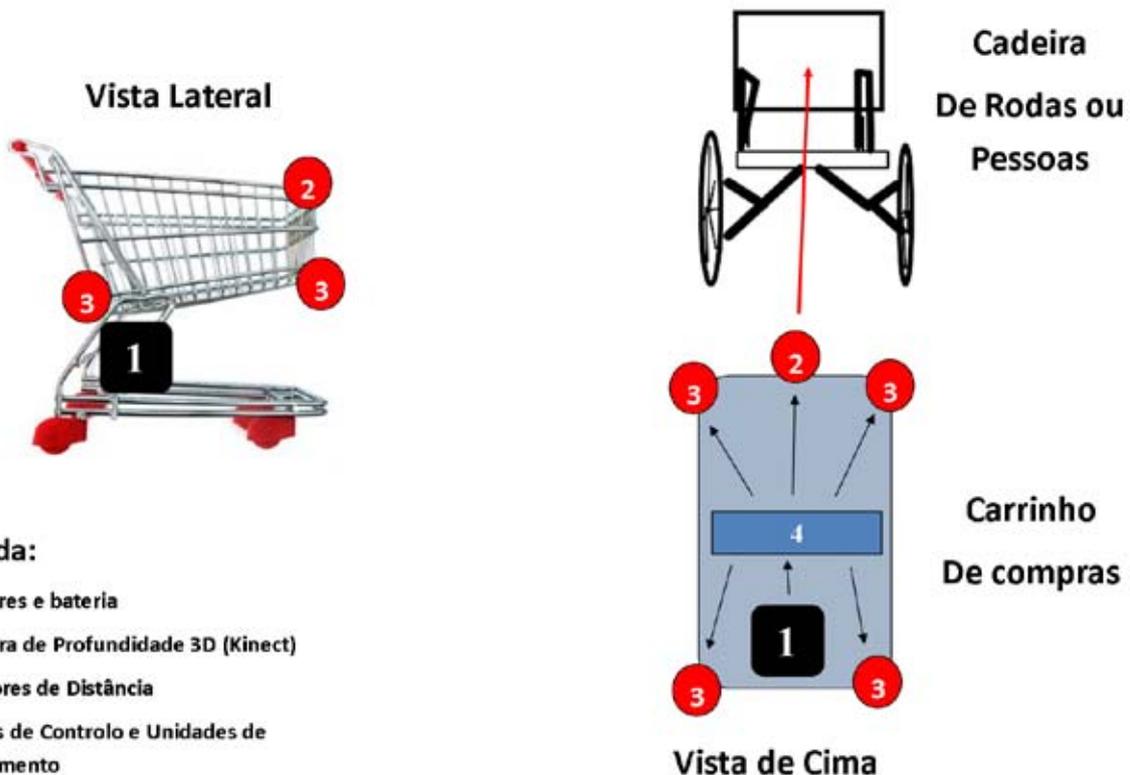
“É um produto que em termos tecnológicos pode ser aplicado em aeroportos para transporte de bagagens, em residências, num ambiente mais industrial... hospitalar. Há uma série de aplicações que pode ter, o que muda é só a parte física porque a parte tecnológica que estamos a desenvolver agora é portátil para todos, é replicável”, esclarece Luís de Matos.



Assim que este produto entre no mercado, a internacionalização está na rota de comercialização do wi-GO porque o mercado português é muito pequeno. “Já estamos a prepará-la (internacionalização), muitos dos concursos em que estamos a participar agora já contemplam essa questão”. Mesmo a participação em concursos tem em vista a internacionalização. Neste momento a equipa da IS2you está a concorrer a mais alguns muito focados para o mercado americano e brasileiro e, à procura de encaixe financeiro para investir no projeto wi-GO, também desenvolve outros projetos. “Uma área em que estamos a entrar agora é a publicidade interativa. Queremos retirar o touch dos mupis, televisões e o conteúdo reagir de acordo com o movimento da pessoa”, revela o diretor geral da IS2you. Ainda sem adiantar muito, Luís de Matos diz que têm um projeto paralelo em fase de desenvolvimento que usa a mesma tecnologia, mas desta vez aplicada à área da saúde. “Quando o wi-Go estiver pronto, já temos este projeto na área da fisioterapia terminado a fase inicial de desenvolvimento para depois dar seguimento e ser colocado no mercado”, anuncia Luís de Matos o mentor do projeto wi-GO.

Torna-se mais fácil criar um projeto a partir da própria necessidade?

A partir do momento em que sentimos uma dificuldade é mais fácil resolvê-la. Eu sabia que tinha aquela dificuldade e sabia como me sentia confortável a resolvê-la. Ou seja como é que o produto final vai ter que ser para eu o utilizar. Se eu não gostar daquela tecnologia para resolver este problema, mais ninguém vai gostar dela. A partir do momento que qualquer pessoa tenha um problema e o vá tentar resolver é sempre mais fácil do que alguém que nunca teve o problema. A nossa percepção real do problema acaba por nos dar uma vantagem. Sem dúvida alguma.



A Língua Portuguesa em gestos

Autora do primeiro Dicionário de Língua Gestual Portuguesa, Ana Bela Baltazar é, também, intérprete oficial da RTP e da Associação de Surdos do Porto, multiplicando-se em atividades e iniciativas para poder levar a “palavra” à Comunidade Surda, pela qual se sente “apaixonada”.

Texto: Paula Fernandes Teixeira
Fotos: Gentilmente cedidas



Foto: Carlos Ramos

O seu interesse pela Língua Gestual Portuguesa (LGP) surgiu de uma forma “espontânea” e “inesperada”, uma vez que Ana Bela Baltazar não tinha – até ao dia em que, a convite de uma amiga, visitou a então Delegação do Porto da Associação Portuguesa de Surdos (ASP), hoje Associação de Surdos do Porto – ainda contactado com pessoas surdas e/ou com a LGP.

E foi “amor à primeira vista”... “Amor” pela língua e “amor” pela Comunidade Surda. Desde esse dia, Ana Bela Baltazar não conseguiu mais desligar-se de ambos (da LGP e das pessoas surdas). “Fui aceite de braços abertos pelas pessoas surdas que integravam aquela associação”, conta.

E assim, sem saber ao certo se por fruto da sua juventude e inexperiência característica da idade, ou se pela “paixão mútua” entre Ana Bela Baltazar e a Comunidade Surda, a autora do primeiro dicionário de LGP decidiu

abdicar do Curso de Turismo que tinha em mente e enveredou pela aprendizagem da LGP.

“Essa aprendizagem numa fase inicial foi essencialmente de contacto direto e informal, só mais tarde passando a ter um caráter formal através da frequência de um Curso de Intérprete de LGP. Daí a fazer parte dos quadros da Associação como intérprete foi um breve passo”, continua a contar.

Formada em psicologia clínica, Ana Bela Baltazar é, também, professora. As suas experiências de trabalho e académicas contribuíram, de alguma forma, para se sentir sensibilizada para a área da deficiência, ainda que a intérprete de LGP considere que “a sensibilização” para determinadas questões parta, essencialmente, de “vivências próprias” junto da “realidade em causa”.

Ana Bela Baltazar é, também, presidente do Centro de Tradutores e Intérpretes de Língua Gestual (CTILG), um

organismo que surgiu, conforme descreve a autora do Dicionário de LGP, ainda numa fase em que esta classe profissional, a Norte do País, estava a dar os primeiros passos em termos organizativos.

“Trata-se de uma entidade que visa defender a classe profissional, a sua promoção e conseqüentemente a divulgação da LGP. Como tal desde o primeiro momento que o CTILG desenvolve as suas atividades de forma muito próxima da Comunidade Surda, nomeadamente da ASP. Pois somos apologistas de que essa proximidade proporciona mais conhecimento, partilha e enriquecimento mútuo”, defende, congratulando-se com o facto de atualmente as associações de e para intérpretes de LGP proliferarem um pouco por todo o país, consequência da formação “em massa” destes profissionais.

Quando fala no plural, Ana Bela Baltazar, refere-se à equipa com a qual trabalha. É sócia gerente da CTILG, que surgiu da “necessidade de criação de uma entidade com carácter mais empresarial”, isto em 2005.

Era hora de “ver o intérprete de LGP como um profissional e a sua atividade sob uma perspetiva mais formal”. A constituição da empresa ajudou neste objetivo. No objetivo de “deixar de lado a ideia de que se trata de pessoas de boa vontade que realizam uns gestos com as mãos de forma mais ou menos aleatória e que dão uma ‘ajudinha’ em fazer perceber os surdos”.

A Ana Bela Baltazar poderia mesmo dar-se o título de “mulher dos sete ofícios”, uma vez que acumula com a experiência de docente e de autora literária, a de a intérprete oficial da Rádio Televisão Portuguesa (RTP) e da ASP.

Na ASP, as funções de Ana Bela Baltazar sempre foram “multifacetadas”, pois nunca se cingiu, apenas, à realização de traduções. “Exemplo disso é termos acedido ao convite para integrarmos a anterior direção da instituição. Podemos dizer que vivemos a dinâmica daquela associação lutando ao lado da Comunidade Surda por melhores condições. Por outro lado desenvolvemos



também a nossa atividade na área da psicologia apoiando a própria organização, os seus utentes e familiares”, descreve.

Já na RTP, depois de outras colaborações anteriores, oficialmente a sua equipa passou a realizar traduções diárias a partir de janeiro de 2009 no programa Praça da Alegria, e com a reestruturação ocorrida este ano na estação pública portuguesa, foram propostos novos programas, na área do entretenimento, por exemplo, com o “Sociedade Civil”, “Aqui Portugal”, entre outros, e na área da informação com o Jornal das 24 horas.

“Se nos reportarmos apenas à tradução em LGP, podemos perceber que as dinâmicas quando comparadas (ASP e RTP) são completamente distintas, mas ambas muito enriquecedoras e profundamente gratificantes”, resume Ana Bela Baltazar.

Outro dos projetos que esta profissional integrou, desta feita em Angola e em 2011, foi uma Comissão para a divulgação e promoção da Língua Gestual. Foi convidada como “formadora e intérprete”, no âmbito de um programa de cooperação entre o país angolano e Portugal... Para dar corpo a este projeto a equipa de Ana Bela Baltazar deslocou-se e permaneceu em Luanda, capital de Angola, durante um período de tempo onde desenvolveu trabalho de campo com vista a realizar o levantamento das necessidades e perceber a realidade do país. “Era nosso objetivo levar a cabo um projeto delineado para três anos de forma a criar ferramentas, estruturas e métodos para desenvolvimento da Língua Gestual Angolana. Infelizmente com muita pena minha o projeto não avançou (alegadamente por falta de financiamento). Infelizmente, pelo que sei, não foi alcançada ainda uma organização que permita atingir os objetivos por nós propostos, no sentido de promover uma investigação linguística e cultural profunda de forma a culminar na criação de bases para uma verdadeira Língua Gestual”, lamenta.

Mas a experiência em Angola foi “enriquecedora” e teve os seus frutos... “Apesar de se tratar de um País PALOP, a implementação e difusão da Língua Gestual naquele país, tão distinto do nosso em termos históricos, ambientais e culturais, nada terá a ver com a Língua Gestual Portuguesa, podendo apenas pontualmente sofrer influências desta”, explica.

Ainda sobre a “causa” da Língua Gestual, acrescenta-se que a licenciatura e posterior mestrado em Psicologia

Clinica e da Saúde, de Ana Bela Baltazar, surgiu também em sequência de toda esta envolvência e trabalho de anos que a intérprete, docente, empresária, autora, tradutora, tem vindo a desenvolver com a Comunidade Surda.

“Pelos inúmeras experiências tive oportunidade de verificar as dificuldades da pessoa surda em aceder aos serviços de Psicologia pela barreira da comunicação e pela ineficácia resultante da presença de um terceiro elemento (o intérprete de LG) em contexto de consulta quando as questões são profundamente pessoais”, conclui Ana Bela Baltazar que, por meio de gestos, através das mãos, chega onde a palavra, a fala, não consegue alcançar, podendo, ou mesmo devendo, ser considerada uma das principais “impulsionadoras” da LGP em Portugal.



Plural&Singular (P&S): Porque decidiu avançar com o lançamento do primeiro Dicionário de LGP? Sente que existia uma lacuna nesta área em Portugal?

Ana Bela Baltazar (ABB): O Dicionário de LGP surge de uma vontade minha pessoal e da necessidade que eu própria vivenciava no dia-a-dia, quer por parte dos ouvintes que denotavam interesse em aprender ou aprofundar conhecimentos em LGP, quer por parte da própria Comunidade Surda. Este projeto teve por base dois grandes “alvos”. A sociedade ouvinte no geral que se interessa por esta área, e, por outro lado os indivíduos surdos, que tendo muitas dificuldades em interpretar o português escrito encontram grandes limitações quando necessitam de consultar o vulgar dicionário de português-português. Esta obra permite-lhes perceber o significado de determinado vocábulo na sua própria língua (através da observação da sequência de imagens explicativas do gesto correspondente). É uma aposta ganha em dois sentidos: a divulgação da LGP e o incremento do português entre a Comunidade Surda.

Plural&Singular (P&S): Outros projetos? Algum pensado para desenvolver no futuro?

Ana Bela Baltazar (ABB): Muitos são os projetos... Sendo que em Portugal esta é uma área pouco trabalhada ainda. No entanto ganhei consciência de que é um investimento muito, muito, grande. O Dicionário foi realizado durante quatro longos anos, obrigando-nos a abdicar de muitas outras situações e por vezes até de vida própria. Foi um projeto criado por nós de raiz, desde a seleção dos vocábulos, passando pela investigação de gestos junto da Comunidade Surda e seleção dos mesmos de acordo com a sua aplicação, pela realização de registos de provas fotográficas, todo o trabalho execução em LGP para recolha de imagem em estúdio até à parte final de correção e aprovação do material. No entanto e apesar de tudo tenho em mente novos projetos... Vamos ver...

Plural&Singular (P&S): Considera que é preciso “coragem” para abraçar esta área, a da Língua Gestual, como principal área de trabalho?

Ana Bela Baltazar (ABB): “Coragem” e “paixão pelo que se faz”. Quando comunico em Língua Gestual tenho a oportunidade de sentir e vivenciar uma língua única no que toca à envolvimento do corpo e da mente. Sendo

uma Língua tridimensional que obriga ao uso do gesto, do movimento, da expressão facial e corporal sinto-a como desinibidora/libertadora, levando-me à abstração de qualquer tipo de constrangimento. Por outro lado, depois de ganhar amigos e familiares entre a Comunidade Surda, penso que seria impensável dissociar-me desta área. Apesar de ter tido muitas das vezes necessidade de “desconstruir” ideias preconcebidas, erróneas e mesmo preconceituosas por parte da sociedade de uma forma geral em relação à surdez, à própria LGP e à minha profissão como Intérprete de Língua Gestual, sinto que o meu trajeto não foi em vão e que atualmente existem frutos do meu trabalho entre a comunidade surda e ouvinte.



DESPORTO



Emanuel Gonçalves, uma
“jovem promessa”

Lenine Cunha abre o “1.º Torneio Internacional de Bilhar dos Dragões da TAP”



O atleta Paralímpico Lenine Cunha foi convidado pela associação “Dragões da TAP” para dar a tacada inicial do “1.º Torneio Internacional de Bilhar dos Dragões da TAP” que se realizou a 23 e 24 de fevereiro, em pleno aeroporto de Sá Carneiro, no Porto e contou com 160 inscritos. Lenine Cunha, atleta paralímpico medalhado da edição dos Jogos de Londres 2012, subiu ao pódio para receber o bronze no salto em comprimento F20 (deficiência intelectual) deu a tacada inicial do torneio em representação do Comité Paralímpico de Portugal.

Comité Paralímpico de Portugal reclama mais apoios para Jogos Rio2016



O aumento do nível competitivo, as condições de treino e falta de aposta na formação de novos atletas são algumas das causas apontadas no relatório da missão paralímpica portuguesa para uma das participações “menos bem conseguida de sempre”, tornado público pelo Comité Paralímpico de Portugal (CPP) no início de dezembro de 2012, sobre a prestação da comitiva lusa nos Jogos de Londres.

“Portugal, ao conquistar três medalhas, posicionando-se no 63.º lugar do medalheiro, sai de Londres com uma das menos bem conseguidas participações em Jogos Paralímpicos”, refere o relatório da missão paralímpica Londres2012.

No documento, o chefe de missão, Carlos Lopes, destaca “a aposta crescente de inúmeros países no desporto paralímpico” que “fez aumentar significativamente o nível competitivo das provas” e deixa sugestões para o futuro do desporto paralímpico português.

Carlos Lopes considera “urgente apostar no recrutamento e na formação de novos atletas em diferentes modalidades” e defende a necessidade de melhorar as condições de treino e de competição ao longo de todo o ciclo paralímpico.

O chefe da missão, que integrou 30 atletas, com uma média de idades de 32,7 anos, sugere a integração de um psicólogo em futuras equipas olímpicas, de forma a acompanhar “áreas a descoberto e que, reconhecidamente, são hoje mais-valias significativas na prestação desportiva”. Carlos Lopes defende, ainda, “a necessidade, num esforço conjunto de quantos intervêm na preparação desportiva dos atletas, de evitar ou minimizar constrangimentos ou situações preocupantes [aludindo, por exemplo, aos atrasos no pagamento de bolsas] que acabam por perturbar a preparação dos atletas e os seus momentos de competição”. “Todos os atletas deram o seu melhor, procurando, com as condições

Federação Internacional de Boccia iniciou funções em janeiro



que lhes foram disponibilizadas, alcançar as melhores classificações, representando com dignidade o país”, é, no entanto, uma das convicções do relatório.

Nos Jogos Paralímpicos Londres2012, Portugal esteve representado em cinco modalidades, tendo conquistado três medalhas: uma de prata e duas de bronze, nas modalidades de boccia e de atletismo.

Nas análises dos coordenadores técnicos de modalidade, anexadas ao relatório, é também destacado o aumento do nível competitivo dos Jogos Paralímpicos e a necessidade de maior investimento na preparação.

Recorde-se que a verba disponibilizada por Portugal para a preparação dos Paralímpicos Londres2012 rondou os dois milhões de euros, sendo que o CPP já apresentou uma proposta para os Jogos Paralímpicos Rio2016 que aumenta para os cerca de 3,5 milhões de euros. O principal objetivo futuro é aumentar as bolsas a atribuir aos atletas.



A Federação Internacional de Boccia – BISFed iniciou funções no início de 2013 enquadrada com objetivos específicos que visam alterar e desenvolver a modalidade. Por um lado surge com o intuito de promover, melhorar e apoiar o Boccia e por outro regulamentar a modalidade para aumentar a competitividade. A BISFed pretende criar uma rede de membros e indivíduos que promova o contacto e a troca de ideias e experiências relativamente à modalidade e a federação pretende funcionar, também, como um grupo de pressão e de representação dos interesses dos seus associados juntos dos decisores desportivos, auxiliando a promoção e implementação de atividades

A aposta na regulamentação, a nível internacional, da modalidade de Boccia através, entre outros aspetos, da definição de regras, sistema de classificação e uma estrutura internacional de competições já é visível no site da federação, www.bisfed.com, que publicou, recentemente, as regras de Boccia que entram em vigor, a nível nacional, a partir do dia 1 de abril de 2013, ou seja, a partir do Campeonato Nacional de Boccia – Fase Final.

Nas provas de âmbito internacional também serão já implementadas, incluindo no Campeonato da Europa que se realizará na cidade de Guimarães no mês de junho.

O atleta Bruno Leitão bate recorde do mundo de Marcha



Bruno Leitão, atleta da APPACDM-Santarém e capitão da Seleção Nacional de Atletismo Síndrome de Down da ANDDI-Portugal, bateu no dia 9 de fevereiro no Campeonato Nacional de Pista Coberta, em Braga, o recorde do mundo da sua classe T21 nos 800m Marcha ao terminar a prova com o tempo de 5.25.53.

O anterior máximo mundial pertencia ao italiano Gabriele Festa, desde 19 de maio 2012 com 5.31.44, conseguido em Angra do Heroísmo nos Açores, durante o 2.º Campeonato do Mundo da IAADS (Federação Internacional de Atletismo para Pessoas com Síndrome de Down).

Prémios de Obtenção de Resultados e Mérito



No dia 18 de fevereiro foram entregues os Prémios de Obtenção de Resultados de Mérito Desportivo 2012 atribuídos pelo Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ, I.P.).

Mais de 20 atletas que ocuparam os três primeiros lugares em Jogos Olímpicos e Paralímpicos 2012 e em campeonatos europeus e mundiais da modalidade foram distinguidos na cerimónia presidida pelo Secretário de Estado do Desporto e Juventude – Alexandre Mestre que decorreu no auditório do Centro de Medicina Desportiva, em Lisboa. No Desporto para pessoas com deficiência foram premiados, no atletismo, Lenine Cunha, medalha de bronze nos Jogos Paralímpicos Londres 2012, salto em comprimento F20 e terceiro lugar, salto em comprimento, F20, no campeonato Europeu 2012; três atletas da estafeta 4x100m T11/T13 – Firmino Baptista, Gabriel Potra, e José Rodolfo Alves, que conquistaram o segundo lugar nos Jogos Mundiais IBSA 2011; e José Monteiro, premiado pelo segundo lugar nos 800m T46 nos Jogos Mundiais da IWAS 2011. No Boccia foram premiados o atleta José Macedo, terceiro lugar em competições individuais BC3, nos Jogos Paralímpicos Londres 2012 e o par BC3 composto por Armando Marques, José Macedo e Luís Silva, que conquistou o segundo lugar nos Jogos Paralímpicos Londres 2012.

Pauleta visita a Associação de Pais e Amigos Deficientes do Arquipélago dos Açores



Por ocasião da quadra natalícia, Pedro Pauleta visitou uma vez mais a sede da Associação de Pais e Amigos Deficientes do Arquipélago dos Açores para entregar alguns presentes aos mais de 80 utentes desta instituição.

Todos viveram momentos de euforia graças à presença do antigo avançado do Paris Saint Germain e da Seleção Nacional e atual diretor da Federação Portuguesa de Futebol e momentos de entusiasmo na hora de desembulhar os presentes. Esta alegria contagiou os restantes acompanhantes de Pauleta nesta visita, nomeadamente o jornalista José Silva, Vítor Simas, diretor técnico da Escola de Futebol Pauleta e o secretário administrativo da Fundação Pauleta, Bruno Almeida. Recorde-se que a Escola de Futebol Pauleta foi criada em 2004 e desde essa altura se mantém em funcionamento na ilha de São Miguel uma escola de futebol frequentar por 160 iniciados com idades entre os cinco e os 13 anos, tem desenvolvido nos últimos anos ações de carácter social como a entrega de donativos e brinquedos a instituições e crianças na época de Natal.



Federação de Desportos de Inverno de Portugal aposta no desporto adaptado

Através de uma candidatura ao contrato programa com o Instituto Português do Desporto e Juventude, a Federação de Desportos de Inverno de Portugal (FDIP) vai apostar na próxima época no desporto adaptado. A ideia passa pela compra de equipamento adaptado para pessoas com deficientes que queiram praticar esqui.

Um colaborador da FDIP, Carlos Santos, deficiente motor e praticante de esqui, é o responsável pela implementação deste projeto, que passará a permitir a pessoas com deficiência praticarem a modalidade na estância da Serra da Estrela.

O dirigente, que atualmente se vê obrigado a deslocar-se para fora de Portugal para praticar este desporto de inverno, terá a função de identificar o que é preciso fazer.

Ainda a propósito dos projetos da FDIP, apresentados durante um jantar comemorativo dos 20 anos da federação, realizado em meados de dezembro de 2012, onde estavam

presentes, entre outros, o secretário de Estado do Desporto e Juventude, Alexandre Mestre, e o presidente do Comité Paralímpico de Portugal, Humberto Santos, bem como representantes da Confederação do Desporto de Portugal, e do Comité Olímpico de Portugal, entidades junto das quais a FDIP espera obter financiamento, tal como junto da Federação Internacional de Esqui, foi anunciada a intenção de construir um Centro de Treino em Altitude nas Penhas da Saúde, Serra da Estrela.

A estrutura está planeada para uma área superior a três mil metros quadrados, em instalações atualmente do Clube Nacional de Montanhismo, a 1.200 metros de altitude. O Centro de Treino em Altitude, projetado com a colaboração de “técnicos de diversas áreas”, nomeadamente do desporto e saúde, tem previsto espaço de treino e equipamento com vista a acelerar a recuperação de atletas.

Desporto adaptado – que alicerces para o sucesso?

Integrado num ciclo de colóquios “Desporto & Companhia” da Porto Lazer, estava agendado para dia 28 de Fevereiro, no Auditório da Biblioteca Almeida Garrett, no Porto, uma conferência sobre desporto adaptado, estando prevista a presença de especialistas, atletas e docentes ligados a esta área.

Para promover o desporto adaptado e refletir sobre o futuro de várias modalidades, Maria João Andrade,

médica fisiatra, chefe de serviço do Centro Hospitalar do Porto, Rui Corredeira, professor auxiliar da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, João Pedro Bártolo, jornalista e atleta de basquetebol em cadeira de rodas, e Luís Vaz, engenheiro do ambiente e atleta de rugby em cadeira de rodas, foram os convidados de um “mesa redonda” do colóquio “Desporto Adaptado – que alicerces para o sucesso?”.

Humberto Santos é candidato único às eleições do CPP



De acordo com nota publicada no site do Comité Paralímpico de Portugal (CPP), o atual presidente do CPP, Humberto Santos, é o único candidato à presidência do Comité Paralímpico de Portugal para o ciclo 2013/16. As eleições estão agendadas para dia 19 de março.

“No processo eleitoral não haverá concorrentes à lista encabeçada por Humberto Santos, sendo que até ao dia 20 do corrente esta deverá ser apresentada pelo presidente do CPP aos membros ordinários e extraordinários, e aos titulares dos órgãos do CPP”, refere um comunicado publicado no site do CPP, a 11 de fevereiro.

Ainda segundo a mesma nota, o atual presidente do Comité Olímpico de Portugal, Vicente Moura, é o mandatário de campanha de Humberto Santos por considerar que a candidatura “configura uma mais-valia e um novo passo em frente na reforma do sistema e das políticas para o setor desportivo”.

O caderno de candidatura apresentado pela lista de Humberto Santos realça três eixos principais que visam “pautar a ação durante o ciclo 2013/16”. “A afirmação e o desenvolvimento institucional”, bem como “o programa de desenvolvimento desportivo”, e ainda “a definição e implementação de um ‘Plano Estratégico’ são os pilares da candidatura”.

Judo para Todos

Uma modalidade onde as palavras “afeto”, “amizade” e “contacto” anulam a força da “competição” porque não existem Judocas “normais” e “deficientes”, apenas “alma de Judoca”..

Texto: Paula Fernandes Teixeira

Fotos: Gentilmente cedidas por ANDDI e pela organização do torneio



Com a presença de 180 atletas, sendo que perto de meia centena eram praticantes de Judo Adaptado, decorreu, a 16 de fevereiro, no pavilhão do INATEL, em Guimarães, o torneio “Judo para Todos” que foi exatamente o que o nome indica: uma iniciativa desportiva com o objetivo de divulgar o Judo como uma modalidade onde todos, atletas com e sem deficiência, têm lugar.

Da responsabilidade da secção de Judo do Vitória Sport Clube, da secção de Judo Casa do Povo de Ronfe, do Clube Desportivo CERCIGUI (CDC) e da secção de Judo ARCAP – Academia Recreativa dos Amigos de Ponte, e com o apoio da Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Intelectual (ANDDI), este torneio acabou por servir também para “projetar” e “preparar” o Campeonato Nacional de Judo Adaptado que vai decor-

rer, no pavilhão Multiusos vimezanense, a 27 de abril, uma iniciativa integrada na programação da Cidade Europeia do Desporto (CED) (ver peça na página 53), que tem vindo a receber muitas “solicitações”, contou um dos responsáveis da organização, mestre Mário Emídio. “Existem muitas pessoas ligadas ao Judo que querem integrar o nosso projeto desportivo”, disse o também treinador de Judo.

É que é à cidade de Guimarães que é atribuída a “paternidade” do “sucesso” do Judo Adaptado em Portugal, sobretudo nas vertentes de Judo Adaptado para deficientes intelectuais e portadores de síndrome de down, aliás Costa Pereira, dirigente da ANDDI apontou o nome do judoca José Alberto Rocha, embaixador da CED, atleta do Clube Desportivo da CerciGui, do Vitória de Guima-





rães, e da Seleção Nacional, como “impulsionador” do Judo Adaptado em Portugal.

E para projetar o Judo como uma modalidade “inclusiva” e que visa a “melhoria dos gestos, capacidades, contacto e ações de pessoas com deficiência”, a ANDDI anseia, segundo contou Costa Pereira, partir para a realização de Opens Internacionais nesta modalidade. O dirigente tem esperança de vir a conseguir estabelecer mais parcerias, nomeadamente com a Federação Portuguesa de Judocas, bem como com a sua homóloga Internacional.

Mas no “Judo para Todos”, torneio não competitivo que decorreu em fevereiro no INATEL de Guimarães, não participaram apenas portadores de deficiência intelectual e síndrome de down. Estiveram junto judocas com e

sem deficiência, deficiências visuais, entre outras, crianças e adultos, mestres e iniciantes...

“O balanço é muito positivo. Todos saíram muito satisfeitos com a oportunidade que tiveram de partilhar, de aprender e de ensinar... Foi um momento de conhecimento entre atletas que são diferentes mas têm todos direitos iguais”, referiu Mário Emídio, contando que o projeto de Judo Adaptado foi começado pelo mestre Carlos Fontes na Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados do Concelho de Guimarães (CerciGui).

“Ele começou a trabalhar o grupo, a fazer algo nunca feito antes. Eu cheguei ao grupo um pouco mais tarde... O grande sentido deste trabalho é mostrar que o Judo é ‘Judo para Todos’. Quem é judoca é atleta. Não há



condição nem restrição. A minha experiência diz-me que, e trabalho já em vários grupos, o Judo faz com que descubram as suas capacidades cognitivas e de gestos... Naturalmente as evoluções são diferentes. Mas o Judo é uma satisfação geral porque todos chegam a fazer coisas que nunca pensaram fazer... Todos realizam gestos e atitudes que nunca pensaram que poderiam algum dia fazer”, referiu Mário Emídio, lançando o repto a outros clubes para que façam o mesmo que o clube da CerciGui e, posteriormente, outros clubes de Guimarães... “Este projeto pode e deve se abraçado por outros clubes, pela comunidade, pelas famílias, pelas instituições”... Mário Emídio descreveu, até, que, ainda que o clube da CerciGui possa ser considerado o “pioneiro”, este é o primeiro a promover “a integração em outros clubes”: “Ensinamos a base, o Judo, os valores e depois dizemos... ‘Agora vais para o Ronfe, para o Pevidém, para o Vitória, e a integração continua aí... Estamos a falar de cidadãos com direitos iguais integrados na sociedade que tem obrigação de olhar para todos como iguais”. O treinador defendeu que um clube que tenha por exemplo, 50 atletas, se dez forem de desporto Adaptado, se estará perante “um clube com visão, com ambição, com

vontade”, caso não tenha, Mário Emídio, não o considera um “clube completo” porque falta uma aposta na “formação global”.

Questionado sobre o apoio, ou a falta dele, na divulgação deste projeto, o mestre de Judo disse preferir falar de “oportunidades” e não de “dificuldades”. “Hoje [16 de fevereiro] foi uma grande oportunidade. Foi a oportunidade de dizer à sociedade e à comunidade que o Judo está presente para ajudar a comunidade e para ajudar as suas crianças e os seus jovens a tornarem-se adultos melhores. Hoje vimos atletas invisuais, deficientes intelectuais, atletas com paralisia e os chamados normais, mas o que se viu mais foi a alma do judoca, a vontade de querer, a força de continuar, a coragem. O Judo é uma educação para a vida. E os princípios que aplicamos no Judo são os princípios que aplicamos na rua: a disciplina, a honra, a modéstia... É esta filosofia, aliada à prática desportiva, que faz do Judo diferente”, descreveu Mário Emídio.

No torneio “Judo para Todos” participaram quatro clubes de Guimarães, mas tratando-se de uma iniciativa nacional, merece nota a participação de clubes do Porto, Lisboa, Barcelos e Braga.



Clube Judo Total

Entre as centenas de participantes no “Judo para Todos”, destaque, também, para a participação dos atletas do clube lisboeta Judo Total.

Adriano Delgado, 24 anos, é cego. Pratica Judo porque “gosta”, porque considera este desporto “apaixonante” e uma “lição de vida”. Natural de Cabo Verde, está em Portugal há 13 anos. Diz ter encontrado no Judo, desporto ao qual se dedica três vezes por semana “no mínimo”, “uma forma de ser exatamente como todos os outros”. Aprendeu “normalmente”. Gosta da “precisão” e da “atenção” que o Judo lhe impõe.

Para os praticantes invisuais, a única diferença do Judo é que começa com a “pega”, ou seja o combate inicia-se logo com contacto físico para que o atleta que não tem visão passe a “reconhecer” o seu adversário, a “presentir” e a antecipar” os seus movimentos.

Também do clube Judo Total, Miguel Vieira (27 anos) é um dos “craques”. Treina, aliás, com a seleção portuguesa de juniores. O facto de ser invisual não faz com que este angolano que está em Portugal desde os 17 anos, deixe de combater com atletas que têm visão.

Ao Miguel Vieira está reservado um grande projeto

do Clube Judo Total: “Se tivermos verba, vai participar no Open da Alemanha, em Abril”, contou o treinador Fernando Seabra. Segundo o mestre deste clube de Lisboa “falta de verbas” é o pior “entrave” à progressão de atletas invisuais ou com outras deficiências que, garantiu, teriam “muito potencial para evoluir e dar alegrias desportivas ao país”.

“Este é o desporto ideal para mim. Não encontro as vantagens do Judo em outro desporto. O Open da Alemanha? Estou ansioso. Estou com um ferver na barriga. Nunca participei numa competição do género. Espero, caso vá, defender o melhor possível as cores do país”, disse Miguel Vieira.

O Clube Judo Total conta com 60 atletas, sendo que cerca de duas dezenas são deficientes. Praticam Judo neste clube atletas invisuais ou com baixa percentagem de visão, portadores de paralisia cerebral, deficientes intelectuais, surdos e surdos-mudos-cegos.

O projeto do Clube Judo Total começou em 2006, num estágio internacional que integrou Judocas estrangeiros de Judo Adaptado.

Mais sobre o Clube Judo Total em <http://www.Judototal.com/>



Emanuel Gonçalves, uma “jovem promessa”

Depois de ter ficado a um pequeno passo de voar para Londres para integrar a comitiva portuguesa dos Paralímpicos de 2012, participar nos Jogos do Rio de Janeiro, em 2016, é o grande objetivo de Emanuel Gonçalves.

Texto: Paula Fernandes Teixeira
Fotos: Gentilmente cedidas

Madeirense, 23 anos, portador de síndrome de Guillain-Barré, nadador, ex-recordista mundial dos 1500 metros livres, vice-campeão europeu e vice-campeão mundial dos 5000 metros em águas abertas – assim se resume, em menos palavras do que as horas semanais que despende no treino, o perfil de Emanuel Gonçalves.

Em novembro viu o seu esforço reconhecido pela Confederação do Desporto de Portugal ao vencer, na gala que distingue os “Desportistas do ano”, a distinção na categoria de “Jovem Promessa”, tendo derrotado Diogo Lopes (canoagem), Miguel Oliveira (motociclismo), Patrícia Mamona (atletismo) e Rui Silva (andebol).

Emanuel Gonçalves, que conquistou a medalha de prata no Europeu de Natação do International Paralympic Committee (IPC) 2011, foi também atleta do projeto de preparação Londres2012, mas não chegou a competir nos Jogos Paralímpicos. Esta foi a segunda vez em que o “sonho” ficou adiado, já que em 2008 o nadador madeirense também tinha atingido os mínimos para

Resumo curricular

- Campeão do Mundo Natação IPC, 2006 Durban, África do Sul, 3.º lugar - Bronze- 5km, Aguas Abertas;
- Eurowaves European Cup 2007 Bronze – Republica Checa, 3.º lugar - Bronze, 100m mariposa;
- Camp. Europeu de Natação IPC, 2010, Berlim – 2.º lugar - Prata - 5 km Aguas Abertas;
- Camp. Europeu de Natação IPC 2011, Eindhoven – 2.º lugar - Prata, 5km Aguas Abertas.

disputar os Jogos de Pequim, mas devido à escassez de vagas atribuídas pelo Comité Paralímpico Internacional à natação portuguesa, não seguiu com a comitiva. Foram atribuídas apenas três vagas para seis atletas com mínimos de diferentes categorias.

“De alguma forma foi injusto, pois os critérios para escolher quem ia integrar essas vagas, apenas tiveram em conta quem, dentro das suas respetivas categorias, estava melhor classificado. A minha principal prova, os 5km Águas Abertas (onde já obtive medalhas a nível internacional) ainda não faz parte do calendário olímpico, sendo assim os 400m Livres, os 200m Estilos e os 100m Mariposa as únicas provas que contavam para a classificação. No ranking mundial, aos 400m Livres, estava classificado em 13.º em centenas de atletas, mas em Portugal existiam outros colegas que estavam ligeiramente melhor classificados que eu, nomeadamente o João Martins, atleta da classe mais baixa da Natação Adaptada (S1) que estava classificado em 4.º num ranking total de sete pessoas em todo o mundo da sua respetiva categoria... Foi uma grande frustração para mim, e talvez nunca ninguém perceberá o quanto difícil é lutar por um objetivo todos os dias, com 100 por cento de empenho e dedicação para no final ser posto de ‘fora’ e quase ‘desvalorizado’ pelos nossos Comités ou Federações”, descreveu, com um misto de resignação e de tristeza, Emanuel Gonçalves.

Emanuel Gonçalves faz entre nove a dez treinos de água, e três sessões de ginásio por semana, num total aproximado de cinco horas por dia... “Nunca imaginei quantos quilómetros já fiz na minha carreira, mas





suponho que qualquer dia já dei a volta ao mundo...”, brincou o nadador que quer atravessar o Atlântico para participar nos Paralímpicos do Rio de Janeiro. Para o nadador madeirense que já representou o Clube Sport Marítimo e o Clube Naval do Funchal, e agora defende as cores do Clube Desportivo Nacional, “a natação não é apenas um Desporto”, é sim “um modo de vida” onde consegue explorar o seu corpo e “levá-lo aos limites”: “Dá-me muita autoconfiança, vontade de competir, ambição e muita garra”, contou. E representar Portugal é descrito pelo atleta “Jovem Promessa” como “honroso” e sinal de “responsabilidade”, ainda que Emanuel Gonçalves lamente que nem sempre o país revele total “consideração” pelos atletas paralímpicos.

“O desporto adaptado em Portugal não é tão bem visto como o desporto dito ‘normal’. Infelizmente ainda existem muitas lacunas na mentalidade dos nossos cidadãos... Notícias que saem diariamente... Fazem sempre muito mais referência, por exemplo, a um jogador de futebol que comprou um veículo da marca x, que tem a mulher y, que foi de férias para um sítio qualquer e esquecem o atleta paralímpico que conquistou um título mundial ou até mesmo um bom resultado numa prova internacional...”, lamentou. Mas ainda assim existem alguns momentos de valorização como o prémio da Confederação do Desporto de Portugal que Emanuel Gonçalves viu como “um pequeno reconhecimento pelo trabalho feito” e um “grande incentivo para um novo ciclo”.



Emanuel Gonçalves em discurso direto...

O início: “Desde muito cedo, tive a oportunidade de poder vivenciar um vasto leque de modalidades desportivas, sejam elas praticadas nas aulas de Educação Física ainda no ensino primário ou no recreio pré-escolar ou até mesmo em casa com os meus amigos mais próximos, a necessidade de descobrir e explorar o nosso corpo sempre deu asas à minha imaginação “voar” e começar a ter os meus primeiros sonhos, de um dia chegar ao nível de um ‘Luís Figo’ ou que um ‘Ian Thorpe’.

Sempre me interessei por qualquer modalidade competitiva que fosse transmitida pelos nossos canais de televisão, e nunca nada me chamou tanto à atenção como os primeiros Jogos Olímpicos que assisti, os de Atlanta 1996.

Ainda muito novo, não sei se o destino assim o quis, tinha ainda cinco anos de idade quando me foi diagnosticado o Síndrome do Guillain-Barré que afetou os sistemas nervoso/muscular, deixando-me completamente paralisado no Centro Hospitalar do Funchal por um período de três meses.

Foi então que por indicação médica, já com seis anos de idade, iniciei a minha prática da natação como meio de reabilitação e aprendi a nadar”

O destaque: “A minha primeira medalha num Campeonato do Mundo, em Durban 2006 na prova dos 5000 metros Águas Abertas. Eu estava a realizar o meu primeiro Campeonato do Mundo, tinha apenas 16 anos de idade e nesse mesmo Campeonato tinha já batido vários recordes nacionais nas provas dos 100 metros Livres, 100 metros Mariposa, 200 metros Estilos e com todas essas provas, estava já com algum cansaço acumulado dos dias de competição, chegando a minha prova principal em piscina, os 400 metros Livres e fazendo um tempo um pouco aquém do que eu estava preparado para fazer, fiquei muito desapontado e triste. No último dia de competição, então a prova dos 5000 metros Águas Abertas, consegui algo que ainda levei algum tempo acreditar, a medalha de Bronze entre os cerca de 50 concorrentes muitos deles bem mais experientes e mais fortes que eu”

A meta: “Participar nos Jogos Olímpicos. É ainda um sonho, que está para deixar de o ser, e espero que finalmente passe a ser realidade. Confesso que ainda estou a digerir um pouco a ‘mágoa’ de não ter participado nestes últimos e tentar encarar todas as injustiças que enfrentei e que ainda hoje muitos me questionam como foi possível. Mas sim, estou já a treinar com muito empenho e dedicação para este próximo Campeonato do Mundo ainda este ano no Canadá. Os Jogos do Rio 2016 são sem dúvida aquilo que mais quero atingir na minha carreira, terei 26 anos de idade, e para as provas de longa distância que nado, a partir dessa idade muito provavelmente será complicado ainda treinar com a mesma intensidade para elas... Por isso, como diz o velho ditado português, à terceira é de vez”





Nome: Emanuel Gonçalves

Idade: 23 anos

Naturalidade: Funchal

Modalidade: Natação

Clube: Clube Desportivo Nacional

Referência: Michael Phelps

Principal ambição: Participar nos Jogos Paralímpicos

Passatempo de eleição: pescar

Provas em que compete (das que fazem parte do calendário Paralímpico): 100 metros Mariposa; 200 metros Estilos; 400 metros Livres

Provas em que compete (fora do calendário Paralímpico):

800 metros Livres, 1500m Livres, 200m Mariposa, 400m Estilos, 5000 metros Águas Abertas.

“

O Emanuel já alcançou resultados que o levam a um patamar que só os grandes atletas conseguem atingir. Vice-Campeão Mundial de 5000 metros não é um título nada fácil de atingir. Muitos quilómetros, muitas braçadas, muitos sacrifícios, muita vontade e também muita alegria ele teve de pôr para ver os seus resultados atingidos. O Emanuel é conhecido pela sua determinação e vontade de querer. Gosta de trabalhar e acredita no trabalho árduo. Sem esta sua característica não tinha alcançado metade do que já fez. É com esta característica que ainda vai ter muito para dar” – Nuno Franco, treinador

Uma questão de reconhecimento!

Decisão inédita: participação lusa nos Jogos SurdOlímpicos apoiada pelo Estado Português.



Texto: Paula Fernandes Teixeira
Fotos: Gentilmente cedidas

Pela primeira vez, atletas e treinadores nos Jogos SurdOlímpicos vão ser apoiados por um contrato programa que une o Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), o Instituto Nacional para a Reabilitação (INR) e o Comité Paralímpico de Portugal (CPP).

O anúncio feito em dezembro de 2012, foi recebido com entusiasmo pelos desportistas ligados a estas provas que, à Plural& Singular, explicaram o porquê de considerarem a atribuição de verbas aos Jogos SurdOlímpicos uma prova de “reconhecimento” que “só peca por tardia”.

Assim, foi anunciado, através de um documento de desenvolvimento desportivo, que visa apoiar o suporte de despesas com a execução do Programa de Preparação SurdOlímpica no que se refere a bolsas para atletas e treinadores, que os Jogos SurdOlímpicos seriam alvo de apoio financeiro, algo inédito em vários anos de participação portuguesa. Os próximos Jogos a ser alvo de apoio são os agendados para Sófia, na Bulgária, entre os dias de 26 de julho a 4 de agosto deste ano.

Recorde-se que é português o maior praticante surdo de luta greco-romana (66 kg)... Hugo Passos (do Casa Pia Atlético Clube) é o único lutador que soma três vezes o título de campeão SurdOlímpico (Jogos Olímpicos para Surdos), a par de muitas outras conquistas e medalhas. Conquistou, também, uma medalha de bronze no estilo

de Livre Olímpica nos últimos Jogos SurdOlímpicos (Melbourn, Austrália). É bi-campeão europeu... Bi-campeão mundial...

Mas foram precisos vários anos para que os atletas e treinadores que se empenham nos Jogos SurdOlímpicos passassem a receber um tratamento igual, ou pelo menos semelhante, ao da comitiva paralímpica que integra, igualmente, cidadãos portadores de deficiência, através da atribuição de uma bolsa. Para não falar dos apoios atribuídos à comitiva olímpica...

De acordo com o que foi anunciado, este novo apoio contempla pelo menos 35 mil euros que serão pagos pelo INR ao CPP, organismo que apoiava, quase sem outras ajudas, a participação de portugueses nos Jogos SurdOlímpicos, através dos seus patrocinadores e do “Programa de Apoio ao Desenvolvimento e Preparação”. Nota para a ajuda do IPDJ que também já comparticipou a participação de atletas e equipas técnicas lusas em provas desta natureza.

Este anúncio foi recebido com entusiasmo. O CPP considerou que, através desta decisão governativa, o desporto SurdOlímpico passa a “ter um enquadramento legislativo sem paralelo no nosso país, tendo passado a ser formalmente reconhecida esta dimensão desportiva, inclusivamente no âmbito de atribuição do estatuto de praticantes de alto rendimento”. A nota do CPP lembrava que “o desporto SurdOlímpico tem desde



há muito a participação de praticantes portugueses nos Jogos SurdOlímpicos, nos quais se têm verificado participações muito honrosas para o nosso país”. Deste modo, o CPP considerou que “o país está confrontado com a necessidade de garantir um tratamento de equidade aos praticantes de excelência”. E “este projeto tem como objetivo primordial uma melhoria qualitativa na participação portuguesa nos Jogos SurdOlímpicos, apoiando a atividade desportiva e a preparação de praticantes individuais ou seleções nacionais com reconhecido valor, conjeturando-se assim a obtenção de prestações desportivas de sucesso no referido evento desportivo”, acrescentava.

Por sua vez, contactado pela Plural&Singular, o Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P., considerou que “este significativo investimento nacional no projeto desportivo surdOlímpico de alta competição, significa, entre fatores não menos importantes, a prioridade concedida à prática desportiva, na política de reabilitação, na medida em que proporciona a visibilidade social das capacidades desportivas das Pessoas Surdas e favorece o prestígio da cultura da comunidade surda e da Língua Gestual Portuguesa”.

Artigo 30.º - Participação na vida cultural, recreação, lazer e desporto - da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU... Ponto 5:

“De modo a permitir às pessoas com deficiência participar, em condições de igualdade com as demais, em atividades recreativas, desportivas e de lazer, os Estados Partes adotam as medidas apropriadas para:

- a) Incentivar e promover a participação, na máxima medida possível, das pessoas com deficiência nas atividades desportivas comuns a todos os níveis;
- b) Assegurar que as pessoas com deficiência têm a oportunidade de organizar, desenvolver e participar em atividades desportivas e recreativas específicas para a deficiência e, para esse fim, incentivar a prestação, em condições de igualdade com as demais, de instrução, formação e recursos apropriados;
- c) Assegurar o acesso das pessoas com deficiência aos recintos desportivos, recreativos e turísticos;
- d) Assegurar que as crianças com deficiência têm, em condições de igualdade com as outras crianças, a participar em atividades lúdicas, recreativas, desportivas e de lazer, incluindo as atividades inseridas no sistema escolar;

...Outras Reações

“



Este momento é o culminar de uma série de anos em que o movimento SurdOlímpico lutou para que o Estado português reconhecesse o seu valor. Existem campeões nacionais em Portugal. Mais do que o apoio em si, boa parte da importância deste gesto está no reconhecimento que os atletas e treinadores sentem” – Pedro Silva, praticante (1984/96 – Sporting SP), árbitro da modalidade (1995/97), presidente da Direção da Associação de Lutas Amadoras de Setúbal (1997/2000), diretor Técnico Nacional da Federação Portuguesa de Lutas Amadoras (2000/12), presidente da FPLA desde janeiro de 2013

“



Sempre entendi que os atletas surdos que participam nestes jogos deveriam ter os mesmos apoios dos atletas paralímpicos. Muitos países que participam nos Jogos SurdOlímpicos têm apoios estabelecidos há muitos anos. E a verdade é que Portugal tem, e deve orgulhar-se de ter, um campeão mundial. Isto para o Hugo Passos, por exemplo, será um benefício mas já vem tarde. Mas sim, este apoio vai valorizar a modalidade e reconhecer o trabalho que tem vindo a fazer. Há muitos atletas surdos a praticar desporto em Portugal que merecem ser tratados como os ditos normais, os ouvintes, porque o seu empenho nas modalidades é igual ou mesmo, muitas vezes, superior” – David Maia, participou nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996), na modalidade de luta greco-romana, sendo o atual selecionador nacional de lutas, é, também, membro dos corpos sociais da Associação dos Atletas Olímpicos de Portugal

“



A concretização do primeiro contrato-programa de apoio para Bolsas de Preparação aos atletas com deficiência auditiva e respetivos treinadores que se encontram no processo de preparação para os Jogos Surdolímpicos, Sófia 2013, foi claramente a realização de um sonho de muitos e de há muito tempo. Tratou-se igualmente da materialização de um dos principais objetivos do Comité Paralímpico de Portugal desde a sua fundação, desta forma se vai avançando paulatinamente na concretização do seu lema: ‘Igualdade Inclusão e Excelência Desportiva’”, Humberto Santos, presidente do Comité Paralímpico de Portugal desde 2008



Quem é Susana Barroso?

A atleta feminina portuguesa mais medalhada em Jogos Paralímpicos decidiu abandonar a competição após duas décadas de carreira e muitas conquistas... Por Paula Fernandes Teixeira e Sofia Pires

“Foram muitos anos”, “é difícil analisar o passado sem que as lágrimas corram pela cara a baixo”, e “é preciso dar algum tempo para que um dia veja tudo isto como uma história bonita e não triste porque acabou” – foram as poucas mas sentidas palavras que Susana Barroso deu à Plural&Singular, em resposta ao nosso contacto a propósito do seu anúncio de final de carreira.

E quem é Susana Barroso? Uma nadadora? Uma atleta medalhada? Praticante de boccia?

Susana Barroso é a atleta feminina portuguesa mais medalhada em Jogos Paralímpicos, com uma carreira que ronda os 20 anos. Entre 1992 e 2000 representou as cores de Portugal em várias modalidades.

Nos Jogos Paralímpicos arrecadou três medalhas de prata e duas de bronze em natação. Em campeonatos do Mundo e da Europa conquistou um total de 42 medalhas, enquanto nadadora: 19 de ouro, sete de prata e 16 de bronze. Entre 1994 e 2002 bateu dez recordes do mundo. Às 42 medalhas na natação, soma mais uma, de prata, conquistada já no boccia em pares BC4 na Taça do Mundo Canadá 2007.

Numa carta enviada ao Comité Paralímpico de Portugal, no final de 2012, Susana Barroso explicou o porquê da sua decisão de abandonar a competição: “Após alguns meses de reflexão, tomei esta difícil decisão. Ao fim de 20 anos ao mais alto nível é sem dúvida para qualquer atleta uma sensação de perda”, revelou.

Fotos: Fotos: Paralisia Cerebral Associação Nacional de Desporto – Joaquim Viegas / Federação Portuguesa de Desporto Adaptado / Gentilmente cedidas por Susana Barroso





Na carta, Susana Barroso disse que “chegar ao pódio em representação de um país é uma meta que só uma pequena minoria consegue alcançar”, sem se esquecer de descrever “os sofrimentos”, “as alegrias” como “estados de espíritos indescritíveis”.

“Durante a minha carreira desportiva, penso ter contribuído, de forma positiva, para o crescimento e desenvolvimento do desporto para deficientes em Portugal”, disse, ainda, a atleta que se estreou em Jogos Paralímpicos em Barcelona. Lá, nos jogos de 1992, Susana Barroso começou da melhor maneira ao conquistar uma medalha de bronze.

Em 1996, quatro anos depois, foi a vez de chegar a Atlanta, para conquistar mais três medalhas, uma de bronze e duas de prata. Já nos Jogos de Sidney, em 2000, conquistou uma medalha de prata e em Atenas, em 2004, trouxe para Portugal a sua última medalha par-

alímpica: bronze nos 50 metros costas S3.

Já em 2012, nos Jogos Paralímpicos de Londres, Susana Barroso participou na modalidade de boccia - onde competiu com Domingos Vieira, em Pares BC4, tendo a dupla terminado no sétimo lugar -, modalidade que começou a praticar em 2005, para continuar a alimentar o seu amor pelo desporto, contrariando a doença Charcot-Marie-Tooth de que padece, uma neuropatia periférica hereditária que causa atrofia muscular e perda de sensibilidade e de movimentos nas extremidades dos membros.

Contadas as medalhas e subidas ao pódio, e tomada a decisão, fica a imagem da atleta, agora com 38 anos, residente em Lisboa, que fez izar a bandeira nacional em quatro edições de Jogos Paralímpicos, e foi porta-estandarte da Missão Portuguesa em Atenas 2004.



A opinião do presidente do Comité Paralímpico de Portugal

“É uma atleta de topo, de referência nacional e durante muitos anos foi a atleta mais medalhada na natação. Tem uma prestação ao nível da natação espetacular”, assim descreveu, à Plural&Singular, o presidente do Comité Paralímpico de Portugal (CPP), Humberto Santos, a atleta Susana Barroso.

O dirigente disse compreender a decisão da nadadora de abandonar a natação por razões da sua deficiência degenerativa, lembrando que Susana Barroso “sentia que estava a perder capacidades para se manter ao mais alto nível”.

Mas foi por essa altura que a atleta decidiu optar pelo Boccia... Humberto Santos recorda que Susana Barroso entrou ainda no ciclo de Pequim (2008) não conseguiu ser apurada, mas não desistiu e conseguiu ir a Londres (2012).

“E depois de Londres fui confrontado com a carta dela a informar-me que se ia afastar. A Susana tem sempre um espaço muito próprio, entendo eu, no contexto nacional. É uma pessoa com uma enorme experiência em termos paralímpicos e poderá sempre dar um contributo, mesmo que não como atleta, noutros domínios. Gostaria que a Susana, a curto prazo, estivesse envolvida nos

movimentos associativos na área paralímpica, porque o movimento paralímpico tem de ser reconstruído a cada dia que passa e criar sempre novas ideias, novas abordagens... Entendo que a Susana pode, de facto, contribuir muito”, defendeu Humberto Santos.

Aliás o presidente do CPP sugeriu já que Susana Barroso entre na nova comissão executiva do Comité Paralímpico, mas, para já, a nadadora não se mostrou disponível por ter em curso projetos que deseja levar a bom porto. “Eu julgo que a Susana vai ser para sempre um nome incontornável no panorama paralímpico dos atletas paralímpicos em Portugal com os quais os novos atletas, as organizações devem poder contar. O exemplo da Susana é um exemplo que tem de ser potenciado. Temos de criar condições para que a Susana possa ir às escolas, às faculdades, onde estão as pessoas e falar daquilo que foi o seu percurso de vida enquanto atleta e enquanto pessoa com deficiência que teve de superar um conjunto de dificuldades adicionais para estar ao mais alto nível”, acrescentou Humberto Santos, desejando que passado “este momento mas pesaroso”, Susana Barroso tenha “condições de se envolver e dar o seu contributo para trazer mais jovens e mais atletas ao Boccia, à natação e ao desporto em geral”.

Andebol 4 all – Loulé, 08 de Março



No âmbito das iniciativas nacionais de Andebol Adaptado, através do projeto “Andebol 4 All”, está agendado para o próximo dia 8 de março, desta vez no Algarve, em Loulé, mais uma atividade.

A ação, destinada a pessoas com deficiência motora (ACR) e para pessoas com deficiência intelectual, decorrerá no Pavilhão Municipal de Loulé, pelas 14 horas.

Os interessados deverão preencher uma ficha de inscrição e remetê-la via fax (213 626 807) ou via email (andebol@fpa.pt), até ao próximo dia 6 de março.

Canoagem que tiveram de cumprir tempos de referência para integrar o estágio.

Mais informações em <http://www.fpcanoagem.pt>

Campeonato da Europa de Paracanoagem

O primeiro estágio de preparação para o Campeonato da Europa de Paracanoagem, que se realiza de 14 a 16 de junho, ocorre ao longo das férias da Páscoa.

Entretanto realizou-se, nos dias 23 e 24 de fevereiro, o Portugal Winter Trial - NELO Winter Challenge 2013 no Centro de Alto Rendimento de Montemor-o-Velho. Esta competição incluiu uma prova de contra relógio de dois mil metros e uma prova de velocidade na distância de 200 metros. A competição de 200 metros constituiu-se numa prova seletiva para os atletas da ParaCanoagem que tiveram de cumprir tempos de referência para integrar o estágio.

Mais informações em <http://www.fpcanoagem.pt>



Eleições FPDD

No dia 8 de março entre as 10h00 e as 19h30 realiza-se a Assembleia-Geral Extraordinária e Eleitoral para a eleição dos Órgãos Sociais da Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência para o quadriénio 2013 – 2016. O ato eleitoral decorrerá na sede da FPDD.



VII Movimento Especial

A Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, da Universidade de Coimbra, organiza um encontro desportivo para pessoas com deficiências cognitivas no dia 6 de março entre as 10 e as 16 horas, no Complexo de Piscinas Rui Abreu e no Estádio Universitário de Coimbra.

Também no âmbito deste encontro, “Práticas Inclusivas em Educação Física Escolar” é o tema do curso de formação que se realiza, nos dias 10, 11, 24 e 25 de maio, no Estádio Universitário de Coimbra.

Mais informações em www.uc.pt/estadiouniversitario

3.º Jogos de Primavera

A Câmara Municipal de Odivelas, através da Divisão de Educação, e no âmbito do Programa da Atividade Física e do Desporto na Escola, vai organizar, a 16 março, pelas 10h00, os “3.º Jogos da Primavera”, na Escola Básica N.º 1 do Olival Basto. Nesta edição estarão presentes 23 escolas do 1.º ciclo, envolvendo um total de 3707 alunos. Este dia será repleto de atividades físicas, onde a Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência irá estar presente com o boccia.



FEDERAÇÃO PORTUGUESA
DE DESPORTO PARA PESSOAS
COM DEFICIÊNCIA

Um ano de desafios

A Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência para o ano de 2013 pretende que o público, isto é, pessoas com deficiência adquiram um novo comportamento face à deficiência, que visa o distanciamento do termo deficiência como sinónimo de limitação e que procurem na prática desportiva um novo estilo de vida.

Desta forma, a FPDD divide a sua estrutura em dois setores: o Alto Rendimento e o Desenvolvimento da Prática Desportiva. O primeiro abrange os atletas de alta competição, proporcionando-lhes condições de constante superação tanto a nível individual, como coletivo nas competições nacionais e internacionais. Enquanto, o Desenvolvimento da Prática Desportiva visa incentivar as outras camadas de diversas faixas etárias a praticarem desporto, evidenciando a importância que esta possui na sua reabilitação e integração social. Para tal serão desenvolvidos diversos projetos, como por exemplo:

Começar Pelo Início!

Seguindo as orientações europeias e nacionais para o incremento da prática desportiva pelos jovens, visando aspetos como, a saúde, combate ao sedentarismo/inatividade, estímulo ao relacionamento, aumento da



prática desportiva no seio da comunidade jovem com deficiência, a FPDD pretendeu levar a efeito um projeto juvenil focado em novas modalidades, tais como, o golf, surf, equitação, entre outras.

O objetivo deste projeto passa, não apenas pela promoção do desporto adaptado, como também, pela estimulação à independência, à interação com os outros, melhoria e evidênciação do espírito de autoestima, promovendo a sua reabilitação, inclusão e integração.

Tens Potencial Paralímpico?

Este projeto destina-se a apoiar a execução de uma das missões da Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência, que visa motivar o desenvolvimento de atividade física adaptada e promover um aprofundamento em termos de conhecimentos teóricos e práticos do desporto adaptado. Com a finalidade de dar continuação ao Projeto “Começar Pelo Início!” em que se dava a conhecer novas modalidades e como pratica-las, o Projeto “Tens Potencial Paralímpico?” dá a oportunidade, aos que participam de forma recreativa, terem a possibilidade de competir e vencer atletas de referência no desporto adaptado.

Este objetivo tem como objetivos sensibilizar e



proporcionar formação nos vários setores ligados à deficiência, aumentar a perceção da população portuguesa para a igualdade de todos os cidadãos e alertar para os direitos e deveres das pessoas com deficiência que são necessários cumprir por parte das entidades e organizações responsáveis nos vários setores afetados (educação, saúde, desporto).

Da (D)eficiência à Eficiência

Este evento remete para um dia diferente para pessoas com ou sem deficiência, onde irá ser disponibilizado um programa de atividades desportivas e de lazer, pleno de emoção, tornando-o único e cheio de momentos inesquecíveis.

Proporciona também, a possibilidade de pessoas sem deficiência experimentarem modalidades adaptadas, de modo a compreenderem os esforços e limitações dos nossos atletas paralímpicos.

Desta forma, o principal objetivo é informar sobre o desporto adaptado e a sua importância na melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência, como também proporcionar novas experiências, sendo assim, um dia de convívio e de diversão.

Sempre Jovens 2013

Visando o Ano Europeu pela Cidadania, a FPDD

pretende levar a cabo um projeto de dinamização desportiva entre pessoas com ou sem deficiência com uma idade superior aos 65 anos.

Tendo em conta a maior ou menor funcionalidade de cada participante, a modalidade eleita foi o Boccia. Modalidade já praticada fora do contexto do desporto adaptado, como tem sido o caso do Boccia Sénior já bastante implementado entre a população mais idosa. Este projeto tem como finalidade abordar um público sénior, promover um elo desportivo entre várias gerações, reintegração social e sensibilizar a opinião pública para o envelhecimento ativo, a fim de destacar o contributo útil dos idosos para a sociedade.

Concluindo, o mercado das associações sem fins lucrativos, como é o caso da FPDD, depende essencialmente da imagem que têm no mercado e dos apoios público e/ou privado. Tendo em conta a situação económica e política do país, a FPDD visa para 2013 uma maior exploração da comunicação com o exterior, de modo a consciencializar e sensibilizar particulares e empresas, com o objetivo de conseguirem não só apoios financeiros e não financeiros, como também um aumento da prática desportiva.

PLURAL  SINGULAR

PUBLICITE AQUI



(+351) 253 419 016

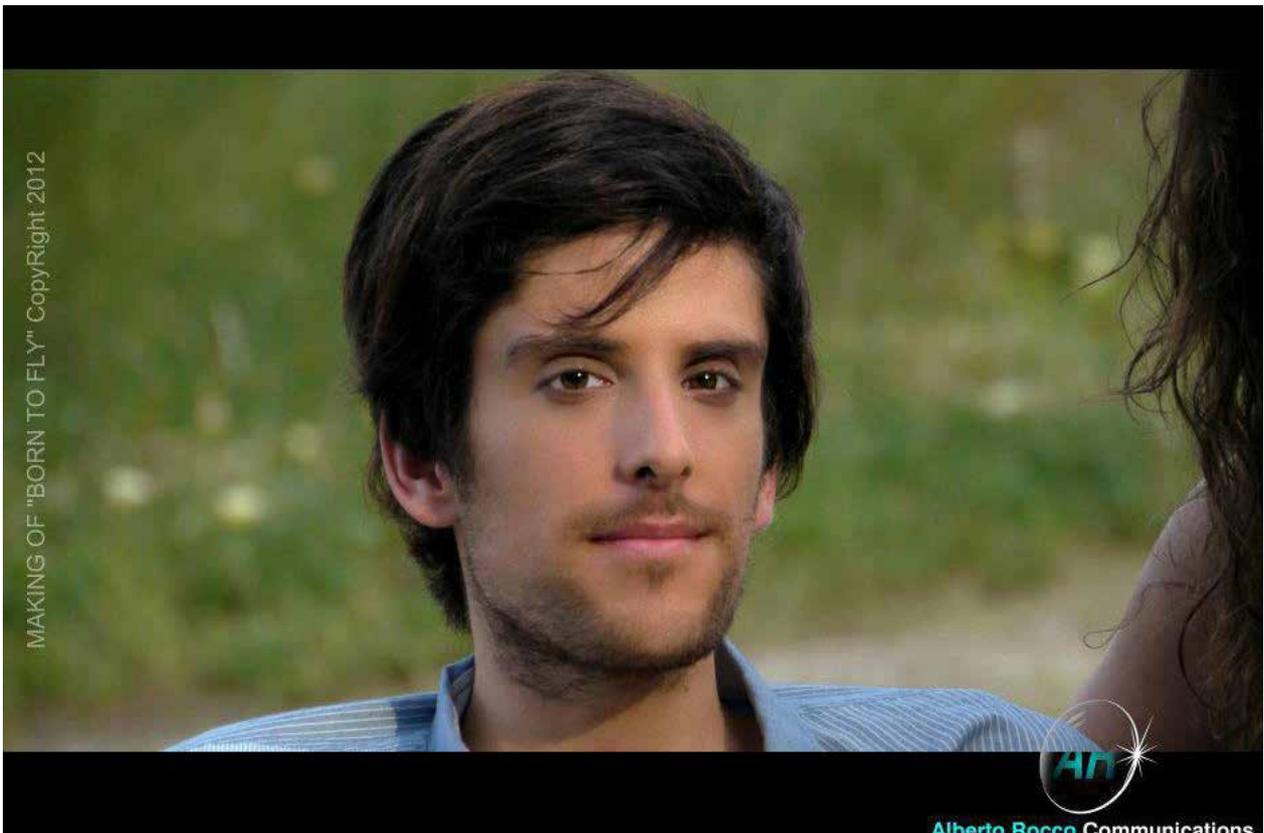


publicidade@pluralesingular.com



Av. D. João IV, 1076, Blc C, 4º Esq
4810-534 Guimarães Portugal

CULTURA



João Matias nasceu para voar

“Está na hora de falar sobre espetáculo, cor, vida, sonho..”

O que começou por ser uma empresa, por força das circunstâncias económicas do país, acabou em projeto. A ambição da Ensina-me revê-se no “Está na Hora”, um projeto de atividades lúdicas gratuitas ou de baixo custo dinamizadas por jovens da CERCIGaia. A Plural&Singular conheceu a equipa que impulsiona esta iniciativa que, até se pode ter reformulado, mas que não perdeu, de maneira alguma, a força e o dinamismo.

Texto: Sofia Pires

Fotos: Retiradas do Facebook



Semear e Germinar

“Tudo começou no ano de 2005...”, altura em que o projeto “Está na Hora” foi “semeado” por Luís Baião. O professor destacado na CERCIGaia e licenciado em Artes Plásticas ficou surpreendido com a expressividade com que os alunos pintavam e riscavam nas experiências de pintura que faziam. “Surgiram coisas muito interessantes e resolvemos fazer uns postais pintados à mão. Todos os postais eram diferentes, não eram reproduzidos em gráfica”, explica Luís Baião.

Esta primeira atividade, bastante elogiada e requisitada, foi exposta pelas salas de professores de várias escolas.

“As vendas eram um sucesso e por vezes parecia uma feira com os professores a esgotarem o stock e a pedirem mais, mesmo os professores de artes eram nossos clientes e recebemos bastantes elogios pelo nosso trabalho”, conta o professor da CERCIGaia.

Todas as atividades efetuadas tinham uma preocupação latente: a transição para a vida adulta dos alunos da Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Gaia. Luís Baião “sabendo que estas pessoas não têm capacidade para trabalhar dentro de um emprego “normal”, mas tinham capacidades muito interessantes ao nível da expressão plástica e de out-



ras áreas”, juntamente com uma professora de ensino especial, auxiliar da CERCIGaia e uma colega portadora de uma deficiência adquirida num acidente de trabalho, abriu uma empresa.

O projeto já estava a germinar e pronto para cumprir com o seu objetivo primordial: criar postos de trabalho para pessoas com deficiência. “Até poderia ter corrido bem se não abrissemos em 2008, exatamente o ano em que rebentou a bolha nos EUA e começou a crise”, confessa o professor. Apesar de sustentável, a Ensina-me tão cedo não conseguiria atingir os objetivos a que se propunha e por isso, fechou e o projeto foi reformulado.



Crescer e florescer

Neste momento, o “Esta na Hora” é um projeto de atividades lúdicas gratuitas ou de baixo custo dinamizadas por jovens da CERCIGaia junto de crianças e jovens. Com cinco áreas de atividade – Hora do Conto, Hora da Borrada, Hora da Movida, Hora da Rockada e Hora do Teatro – esta iniciativa tem vindo a descobrir os dons de todos os utentes da CERCIGaia que participam no projeto. “Tentar encontrar qualidades em cada um deles, tentar desenvolver essas qualidades individualmente e desenvolver competências no próprio grupo”, reitera Luís Baião. Exemplo disso é a história inclusiva “O Dragão e a Princesa” ilustrada pela Marta Sampaio, uma jovem com paralisia cerebral e narrado pela Joana Vieira. Com este conto, foi possível desvendar quer os dotes de ilustradora da Marta, quer o jeito para contar histórias da Joana. Mas esta descoberta de vocações não se fica por aqui. Os “Some Special DJ’s” e os “Dança Tu” que, recentemente se juntaram, animam qualquer ambiente

e os miúdos geralmente adoram. Também os “Mente Aberta”, uma banda composta por funcionários e jovens da CERCIGaia, dão concertos “intimistas e com lugar ao debate sobre a inclusão social e sobre o poder da poesia como inspiração para superar as barreiras da vida”. Esta banda “tem a particularidade de um dos vocalistas não falar”, mas no entanto tem “uma voz tipo Tom Waits”. O objetivo do projeto é musicar poemas de autores portugueses como António Gedeão, José Saramago, Augusto Gil, “muitas vezes cantando o poema original, outras vezes o poema serve de refrão, como é o caso do Samuel Beckett”. A responsável pela composição dos originais é a vocalista principal dos “Mente Aberta”, Marisa Oliveira. “O lápis azul funciona muito pouco e tenho mostrado as letras a pessoas da área que ficam surpreendidas. É um dom com que ela nasceu”, elogia Luís Baião, também membro da banda.

Todo o dinheiro angariado e depositado numa conta é gerido de duas maneiras. Por um lado é utilizado para





adquirir materiais, “que de outra forma a instituição, que passa dificuldades financeiras, não conseguiria suportar”, e por outro, serve “para eles de divertirem”. “Ou seja, para os compensar e para os motivar para trabalhar no projeto”, explica o professor. O projeto “Está na Hora” já deu para financiar a aquisição de guitarras, material de som e de luz. Permitiu, também, comprar bicicletas e organizar um clube de BTT, fazer piqueniques, passeios de autocaravana, aulas de surf e colónias de férias. O último grande evento “patrocinado” por este projeto foi o almoço de Natal e a “bela” da francesinha que os alunos da CERCIGaia comeram.



“Neste momento, em termos de expressão plástica, estamos fazer a ilustração e a animação digital de um livro com uma terapêutica ocupacional, técnica da ARCIL. Vamos ver o que poderá dar: outro workshop ou comercializar”, adiantou Luís Baião.



Frutificar e amadurecer

Para além de promover a integração e as capacidades das pessoas com deficiência, o projeto “Está na Hora” pretende “fomentar o debate e a reflexão sobre a importância da autoestima e das capacidades de cada indivíduo para a construção de uma sociedade”. “Já recebemos um email de uma mãe a contar que a filha passados uns dias de termos ido à escola teve um acidente e partiu a perna. Leu-lhe a história no hospital, a filha ficou maravilhada e, nos dias seguintes, os amigos da turma foram todos solidários. A única explicação que ela encontrava foi o termos estado lá”.

Apesar de Luís Baião acreditar que as crianças são naturalmente recetivas, também admite que o projeto “Está na Hora” tem muita força, porque, ao revelar as capacidades expressivas, nas mais diversas áreas artísticas, das pessoas com deficiência junto de jovens sem deficiência, contribui para “uma maior aceitação das diferenças. Assim o projeto tem repercussões ao nível dos compor-

tamentos e da violência na escola evitando fenómenos como o bullying”. No fundo é como um dos utentes diz: “as crianças ficam a saber que nós somos diferentes mas que temos outras capacidades”.

Resumindo, o feedback tem sido muito positivo e os miúdos da CERCIGaia sentem-se altamente estimulados e motivados, também graças à exposição pública a que as atividades fomentadas pelo projeto proporcionam. “Eu sinto-me bem, gosto muito de estar no projeto e ganhar dinheirinho para depois irmos passear”, afirmou um dos utentes da CERCIGaia durante a entrevista à Plural&Singular. “Este grupo de pessoas estão altamente motivadas, um diz mata e o outro diz logo esfolá”, assume o professor Luís Baião.

Quanto ao futuro, é esperar que o mercado melhore e que “os objetivos voltem a ser os iniciais, ou seja, um projeto de empregabilidade para estas pessoas, aproveitando o amadurecimento”.

Como ler em voz alta?

Projeto vive do esforço de uma equipa de voluntários que desejam incluir TODOS na rota da literatura.

Texto: Paula Teixeira

Fotos: Logótipo do projeto

De acordo com o dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora, “ler” significa, entre outras coisas mais, “enunciar ou percorrer com a vista, entendendo, um texto impresso ou manuscrito; interpretar o que está escrito; pronunciar em voz alta o que está escrito; compreender o sentido de...”



Há quem não se imagine sem um bom livro de cabeceira para aquelas noites mais frias ou de insónia, quem já não dispense tomar o pequeno-almoço sem passar os olhos pelo jornal, ou mesmo quem só suba para o autocarro com uma revista que o entretinha no percurso diário até ao trabalho...

Assim, dos grandes clássicos, aos romances aos livros de bolso, passando pelos policiais, poesia, drama, ficção, “ler” é um passatempo de muitos mas não é privilégio de TODOS. E por isso é que Rosa Azevedo deitou mãos à obra e decidiu avançar com o LEVA – ler em voz alta, um projeto que pode ser conhecido em www.leremvo-zalta.org.

A promotora do LEVA, Rosa Azevedo, criou, então um site e apresentou-se ao mundo oferecendo um produto pouco comum com a convicção de que “quem não pode ter acesso ao livro físico, deve ainda assim ter acesso à mesma oferta de quem tem esse acesso”. A equipa do LEVA propõem-se a passar para áudio-livro qualquer obra existente em qualquer livraria ou biblioteca.

“O LEVA propõe-se dar a possibilidade, a quem não pode ler pelas mais variadas razões, de escolher os livros que quer”, explica a página de apresentação do projeto que funciona através do envio de “encomendas de qualquer livro disponível no mercado”. Posteriormente o título escolhido será gravado em áudio-livro pela equipa de voluntários que Rosa Azevedo lidera.

O LEVA começou a tomar forma em agosto de 2012 mas já estava a ser pensado há muitos anos.

À Plural&Singular, Rosa Azevedo explicou que a produção é da sua responsabilidade, sendo que a “agilização” é feita por voluntários que a promotora do LEVA tem vindo a angariar por exemplo para dar forma ao site

na Internet, para gravar os diálogos dos livros, tratar da imagem do projeto, entre outros pormenores.

Rosa Azevedo considera que “a oferta de áudio-livros em Portugal apesar de ser boa é muito pequena”, lamentando que “quem não pode ler tem um leque mínimo de possibilidades”.

Questionada sobre o feedback recebido até aqui, Rosa Azevedo conta que já recebeu várias encomendas, apelando a que cada vez mais voluntários se associem ao LEVA.

Sobre o apoio cultural a pessoas portadoras de deficiência em Portugal, Rosa Azevedo sublinha que os áudio-livros servem um leque grande de pessoas que gostam destas ferramentas ou para trabalhar ou simplesmente para se distraírem.

“O mercado dos áudio-livros em qualquer país do mundo não se destina exclusivamente a pessoas com deficiência. Há alguma oferta e algumas alternativas sim, mas creio que também há pouco hábito de recorrer a essas alternativas”, concluiu.

Ou seja, e voltando ao ponto principal... Como fazer para ter acesso a um áudio-livro produzido pelo LEVA? “Envie-nos um email indicando-nos o livro cuja gravação pretende e o porquê dessa escolha. As candidaturas selecionadas receberão o áudio-livro de forma gratuita. As candidaturas não têm de contemplar o livro no seu todo. Pode ser um conto, uma parte de um livro, um conjunto de livros ou outras hipóteses. Todo o trabalho do LEVA é voluntário. Os serviços não serão cobrados, serão apenas cobrados os CD’s virgens, bem como a impressão da capa e da bolacha, além das despesas de envio”, pode ler-se no site de apresentação.

“Fotografias feitas com papel”

Uma artista francesa transforma em obras de artes os rolos de cartão do papel higiénico. Especializada em colagens, pintura e ilustração de livros, Anastassia Elias, é responsável por “dar vida” ao que chama “fotografias feitas com papel”, já que captura eventos do quotidiano que, tal como os rolos de cartão, passam muitas vezes despercebidos à maioria das pessoas.

Texto: Sofia Pires

Fotos: Gentilmente cedidas por Anastassia Elias

Há vários produtos que incorporam estas criações disponíveis para aquisição. Em <http://society6.com/anastel/prints> pode encomendar desde t-shirts, hoodies, molduras, até sacos de tiracolo e autocolantes para Ipad e portáteis.

Anastassia Elias tem 36 anos e vive em Paris. Estudou Jornalismo e Filologia mas é artista e ilustradora de livros infantis publicados em França. Mais informações em www.anastassia-elias.com

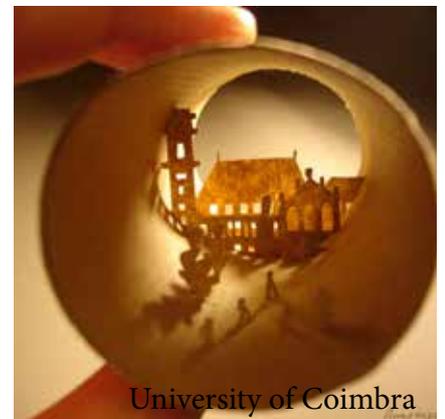


Para um comum mortal o rolo de cartão costuma assinalar, apenas, o fim do papel higiénico, mas para Anastassia Elias esta condição é o início de uma obra de arte. Já Óscar Wilde dizia que “nenhum grande artista vê as coisas como realmente são. Caso contrário, deixaria de ser um artista”. Anastassia Elias viu potencial nos rolos de papel higiénico e recriou-os. Transformou-os em cenários em miniatura com recortes colados por dentro. Animais da selva, girafas e macacos no jardim zoológico, malabaristas, parques de diversões e o circo. Cenas do quotidiano, como um engarrafamento, uma criança a andar de baloiço, na escola, ou a brincar na neve, o movimento do mercado, uma mulher a estender roupa, um dia de chuva ou simplesmente uma avó sentada. Fez rolos temáticos aplicados às férias e ao trabalho e três deles dedicados a Portugal: o Fado de Coimbra, a Universidade de Coimbra e os Caminhos do Cinema Português.

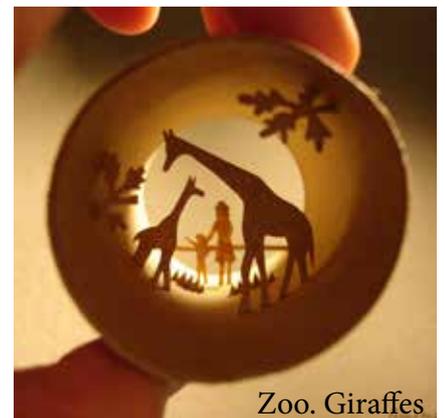
Mas o que chamou a atenção à Plural&Singular, foi o facto desta artista francesa no contexto das cenas desportivas, nomeadamente escalada, boxe, hóquei no gelo e futebol, ter representado o basquetebol em cadeiras de



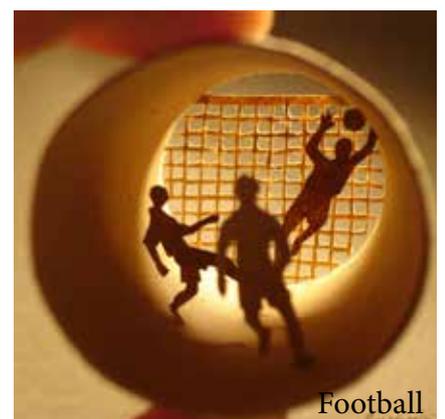
Basketball



University of Coimbra



Zoo. Giraffes



Football

rodas. “Retive este tema, sem hesitação, porque esta modalidade (e o desporto adaptado em geral) parecia original e sub-representada”, explica Anastassia Elias. Há um ano atrás durante a preparação de rolos de papel para uma exposição em Hong Kong, a artista decidiu representar o basquetebol adaptado e transformou um rolo de papel higiénico vazio numa homenagem ao desporto para as pessoas com deficiência. Captou a essência desta modalidade e de todos os outros episódios que recriou. O trabalho é todo feito à mão. “Uso uma tesoura de manicura e x-ato para cortar as formas de papel pequenas e seleciono o papel da mesma cor que o rolo para dar a ilusão de que as formas de papel fazem parte do rolo. Utilizo uma pinça para manipular as formas de papel e durante a conceção certifico-me de que os itens não interferem uns nos outros e que captam a luz da melhor maneira”, descreve Anastassia. Este método de trabalho dá origem a um jogo de sombras estimulado pela projeção de luz que consegue avivar as cenas recriadas, momentos “escondidos” no interior dos rolos de papel higiénico que ganham vida e expressividade graças ao trabalho minucioso de Anastassia Elias.

João Matias nasceu para voar

Drama, ação, comédia, romance e suspense são alguns dos ingredientes da vida de João Matias e, também, do filme que a conta. O documentário “Born to Fly” narra as alegrias e tristezas deste jovem de 25 anos que nasceu com a espinha bífida, mas também cheio de força interior para batalhar pelos sonhos e tornar-se designer, modelo, atleta e agora ator...

Texto: Sofia Pires

Fotos: Gentilmente cedidas por Anastassia Elias



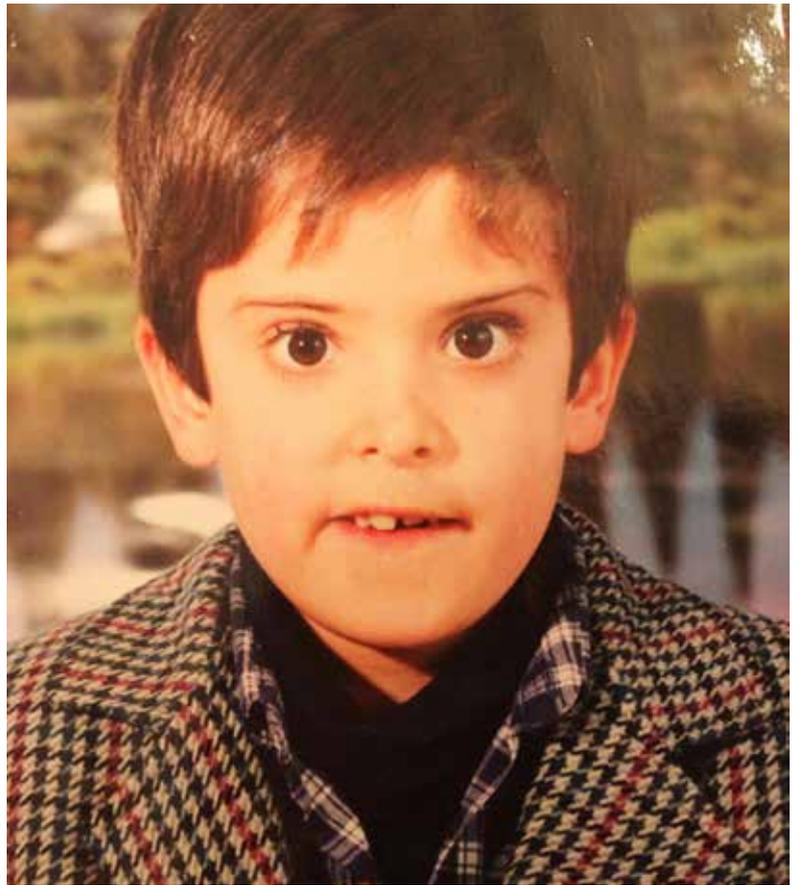
Nasceu a 28 de julho de 1987, às 11h20 com 2.300 kg e 50 cm. Tudo indícios de uma criança saudável, logo assombrados pela Spina Bífida, uma malformação congénita do tubo neural que trouxe muita consternação, preocupação e desespero aos pais durante as primeiras horas de vida do João Matias.

Esta falha na formação das vértebras na coluna, que pode provocar danos, por vezes graves, no sistema nervoso central, obrigava a uma intervenção rápida. “Nasci no Hospital das Caldas da Rainha, e fui logo transferido para D. Estefânia onde puseram o meu pai entre a espada e a parede. Tinha que ser operado para sobreviver mas seria uma operação de alto risco que felizmente correu bem”, conta João Matias a história que tantas vezes deve ter ouvido e tantas vezes deve ter narrado. Para tal contribuiu a equipa médica liderada pelo mais conceituado cirurgião pediatra, Gentil Martins, e, quem sabe, também tenha ajudado a frase de apoio de uma enfermeira à mãe de João Matias: “esteja descansada, ele vai sobreviver, tem muita vitalidade”. A verdade é que a vontade de viver de João foi bem mais determinante que

a espinha bifurcada.

Depois de ultrapassado o susto, a primeira preocupação da família de João Matias foi integrá-lo. Dependente de uma cadeira de rodas, João assume que os pais, desde que nasceu, sempre o mostraram ao mundo tal e qual como é, não o esconderam. E afinal como é João Matias? “É um rapaz que tenta marcar a diferença em tudo o que faz”. É o próprio que o diz. É um jovem que se inspira num dos heterónimos de Fernando Pessoa, Ricardo Reis, para “se explicar”, que, na página do Facebook, se assume aventureiro, responsável, exigente, confiante, e honesto e que volta, mais à frente, à poesia pessoana ao citar “o homem sonha, a obra nasce”.

E fazendo uma retrospectiva dos 25 anos de João Matias, já com vários sonhos concretizados, eis que se chega a um dos “fatores” determinantes para ser quem é. “O ter vivido desde que me conheço até aos meus 18 anos, no bairro Pôr do Sol na Benedita onde eramos um grupo de 15 pessoas da mesma idade. Sempre estive integrado nesse grupo e ainda hoje somos amigos”, confessa.



No mapa, Benedita pertence ao concelho de Alcobaça, no distrito de Leiria. Na vida deste jovem esta vila fica bem junto ao coração, já que é impossível negar a relação de pertença mútua. “Na minha Benedita ninguém olha para mim como olham nas outras terras”, confessa mas, ainda assim, acrescenta que nunca lhe incomodou o facto de olharem para ele de maneira diferente. “Pois diferentes somos todos!”, conclui. A “mãe coragem” e o “pai fantástico” são as pessoas mais importantes da vida de João Matias. A segunda mãe, Lurdes, e a irmã, “a companheira que nunca o deixa só”, completam este núcleo duro que se vai envolvendo pelos restantes familiares e pelos muitos amigos de João que “nunca o deixaram para trás”. Pelo contrário, ele ia sempre à frente, na cadeira de rodas que todos queriam conduzir na escola primária. Até futebol jogou e foi aí que começou a paixão de João Matias pelo desporto.

“Pessoas com mobilidade reduzida podem entrar no mundo da moda, basta que, para isso, haja oportunidade.”



Futebol, hóquei em patins e ténis, principalmente. “Lágrimas, suor, luta, dedicação e Glória!” Eis o que significa a palavra desporto para João Matias, mas esta frase também pode definir uma etapa importante da sua juventude. Aos 16 anos estava na hora de escolher o curso e frequentar o 10.º ano Agrupamento I - Científico Natural / Desporto foi a opção escolhida mas não foi bem recebida no Externato Cooperativa da Benedita, como não o seria, certamente, em qualquer escola do país. “O meu diretor de turma, na altura, teve a coragem de perguntar aos meus pais como é que eu iria fazer a cambalhota”. João Matias lá conseguiu frequentar o curso, porque afinal de contas “não precisava de fazer a cambalhota, precisava de saber ensinar a técnica de como se faz a cambalhota”.





O fã do Hóquei Clube de Turquel tem uma vida inteira preenchida pelo desporto, mas também pela fisioterapia encarada como mais um desporto que pratica, ginásio. “Como atleta de alta competição de ténis em cadeira de rodas a fisioterapia ajuda-me a controlar a respiração, a gerir o esforço e fortalecer os músculos”. E também ajuda a corrigir posturas numa outra faceta profissional de João Matias: a moda.

Em Portugal, foi o primeiro e é o único modelo profissional em cadeira de rodas. “Sempre foi um desejo escondido até que um dia fiz uma pesquisa e encontrei modelos cadeirantes no Brasil, principalmente. Até então não sabia que seria possível para pessoas que, como eu, se deslocam em cadeira de rodas serem modelos”, assume.

Mas o verdadeiro empurrão nesta carreira foi dado pelo modelo paraplégico brasileiro, Fernando Fernandes, durante um desfile organizado pela Disabled Divers International (DDI), por ocasião do primeiro aniversário desta organização de mergulho adaptado. “Depois fiz um book fotográfico, os resultados surpreenderam todos, inclusive a mim próprio e decidi submeter as fotos a candidaturas de várias agências, fui selecionado para três e escolhi a FADO Models Agency”, recorda João Matias. **“Pessoas com mobilidade reduzida podem entrar no mundo da moda, basta que, para isso, haja oportunidade.”**

João Matias licenciou-se em Educação e Comunicação Multimédia, juntando ao leque de ocupações mais uma vertente profissional que o ajuda na moda, como modelo e booker da FADO Models Agency.

Tem 25 anos de uma vida preenchida, mas na hora de mencionar a maior conquista, o designer, modelo e atleta regressa ao momento em que a mãe deu à luz. “Ter nascido pois escolhi viver! Estive entre a vida e a morte à uma hora de vida!”. E uma vida assim merece um filme... e dá direito à concretização de mais uma paixão: ser ator. A representação é um mundo em que o João pretende entrar e evoluir, e agora já começa a dar os primeiros passos. O realizador luso-italiano, Alberto Rocco, contactou João Matias por considerar que “tinha material muito bom para fazer um filme”.

“O meu percurso como ator ainda mal começou, vou tirar um curso de atores e como estou a gravar um filme para cinema já tenho alguma rodagem”.

Fazendo jus ao lema de João Matias “No Walking, Just Flying”, o documentário Born to Fly aborda de forma

real, direta, sem filtros nem tabus a vida e os pensamentos mais íntimos de João. “As estreias no cinema S. Jorge, em Lisboa, e no Rivoli, no Porto” ainda não têm data marcada. Mais exhibições dependerão da aceitação e do interesse das salas nacionais, e está em aberto a possibilidade de o transformar em telefilme e, quem sabe estreá-lo além-fronteiras.

Por agora é esperar para ver o relato de João que, segundo a sinopse do filme, “revela-nos de forma comovente que a força interior move montanhas, e a longa batalha que travou para sair da escuridão em direção à luz faz-nos perceber que o que realmente conta não é como começamos, mas sim como terminamos”. O filme tem um final feliz certamente, mas a vida do João está longe de ter um ponto final e ainda tem muito que...voar!



Museu de todos e para todos

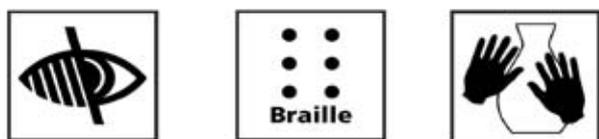
Prestes a completar dois anos o Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB) ganhou no final de 2012 o Prémio Melhor Museu Português. Agora o MCCB integra a lista de finalistas ao Prémio Museu Europeu 2013 atribuído pelo Fórum Europeu dos Museus.

Texto: Sofia Pires
Fotos: Gentilmente cedidas pelo MCCB



Desde a origem do universo até aos nossos dias, no MCCB é possível embarcar numa viagem, com mais de 250 milhões de anos, acessível a todos. Falamos de um museu inclusivo que foi considerado o Melhor Museu Português na edição de 2012 do prémio atribuído pela Associação Portuguesa de Museologia (APOM). Viaja-se do período do Paleolítico à dominação Romana, segue-se para a Idade Média e a Batalha de Aljubarrota “que marca de forma inequívoca a consolidação de Portugal como país independente e que viria, com a construção do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, originar a criação da Batalha enquanto território até se transformar no concelho atual”, conta o presidente da Câmara

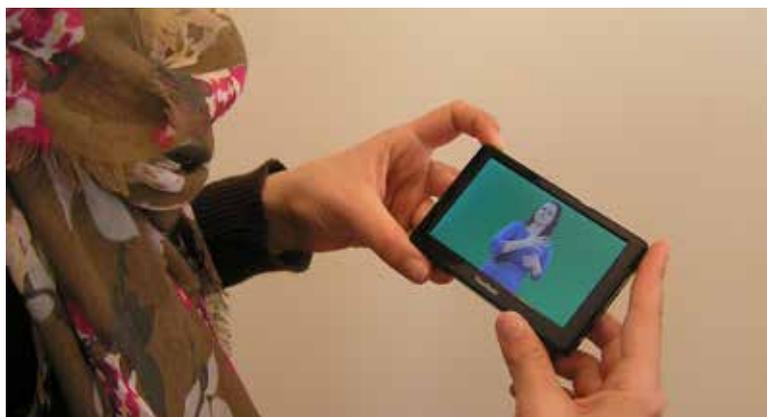
Municipal da Batalha, António Lucas, numa mensagem disponível no site do museu, www.museubatalha.com. A vila cresceu em torno do Mosteiro da Batalha e do dinamismo criado pela sua construção ao longo de dois séculos. Este museu, oficialmente inaugurado pelo Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, no dia 2 de Abril de 2011, acompanha toda a história da Batalha. O slogan “museu de todos para todos”, surge porque o MCCB apela à população para ajudar a contar a história do concelho mas também porque é um museu dotado de excecionais condições de acessibilidade, tendo sido pensado para receber visitantes em cadeira de rodas, surdos e cegos ou amblíopes. São acessibilidades tanto



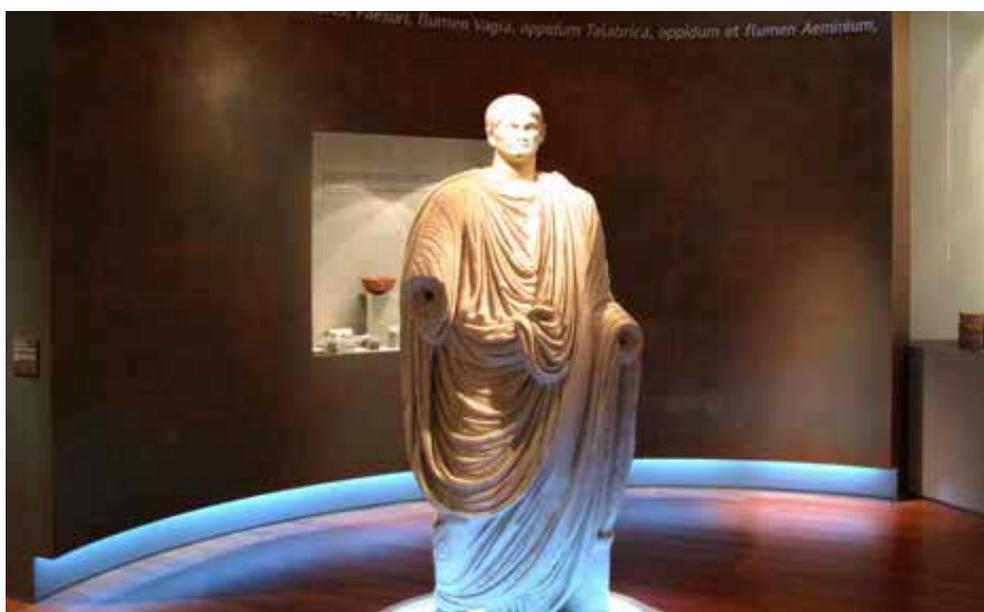
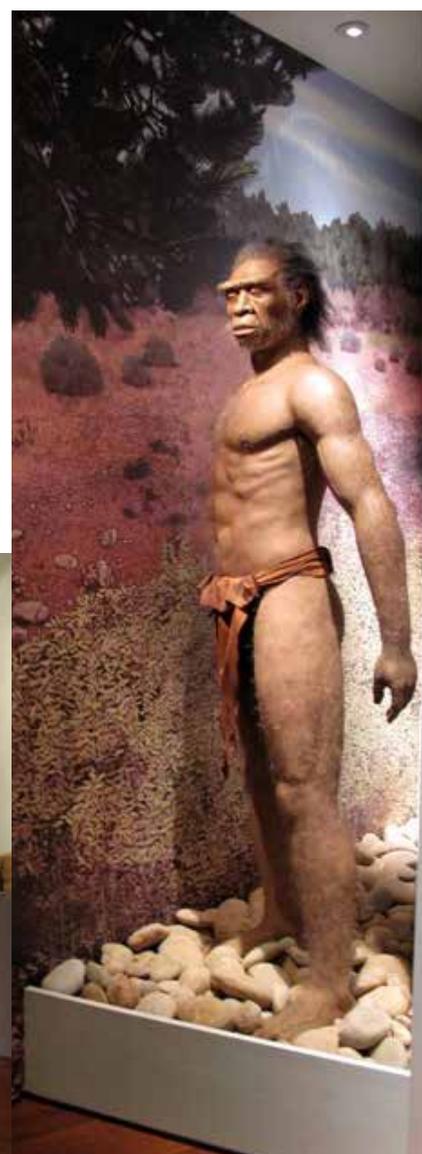
a nível físico do espaço como no acesso à informação. A verdade é que o MCCB é um projeto museológico a pensar em todos.

Para conseguir criar um museu inclusivo, a Câmara Municipal da Batalha solicitou à Unidade de Investigação Inclusão e Acessibilidade em Acção (iACT) os serviços de consultadoria na área de acessibilidades e inclusão, nomeadamente informação inclusiva. O iACT foi responsável pela criação de soluções de comunicação

inclusiva, a todos os níveis de comunicação web, impressa, audioguias para pessoas cegas ou com baixa visão e vídeoguias com língua gestual para a comunidade surda. Depois de galardoado, em dezembro, com o Prémio Melhor Museu Português 2012, o MCCB aguarda o resultado, conhecido a 18 de maio, do prémio Museu Europeu do Ano 2013. Até lá, o MCCB está aberto de quarta a domingo, das 10 às 13 horas e das 14 às 18 horas. O bilhete normal custa 2,5 euros.



O MCCB superou os concorrentes – Casa Manuel de Arriaga, no Faial, Açores, e o Museu da Baileia, no Caniçal, na Madeira – e foi considerado o melhor museu de 2012 em Portugal. As menções honrosas foram entregues ao Museu da Casa Rego Vasconcelos, em Almofala de Cima, Figueiró dos Vinhos, ao Museu Municipal de Alvaiázere e ao Museu de Arte Sacra e Etnologia, de Fátima.



CMAG ainda mais acessível

A Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves (CMAG), em Lisboa, está mais acessível às pessoas cegas e com baixa visão graças aos percursos de leitura tátil e multissensorial criados. A Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO) e o Centro de Recursos de Educação Especial do Ministério da Educação (DGIDC) também ajudaram a proporcionar o acesso a um conjunto de peças representativas dos três núcleos da coleção – mobiliário, porcelana e pintura.

Texto: Sofia Pires

Fotos: Gentilmente cedidas pela CMAG

A Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, há algum tempo, resultado dos múltiplos esforços para promover a inclusão de públicos com necessidades especiais, melhorou a sinalética exterior e interior, disponibiliza legendagem e folhetos em braille e realiza visitas e workshops com tradução em Língua Gestual Portuguesa.

Agora a CMAG, que reúne uma coleção de cerca de duas mil obras de arte do colecionador Anastácio Gonçalves, bem como pintura contemporânea e um número significativo de objetos do espólio do pintor Silva Porto, ainda está mais acessível às pessoas com deficiência visual. Graças à criação de percursos dotados de leitura tátil e multissensorial o acervo desta Casa Museu está à disposição de quem o queira visitar. À disposição de pessoas cegas e com baixa visão está um conjunto de peças das principais coleções de arte deste espaço.

O percurso tátil do mobiliário dá a conhecer seis peças originais dos séculos XVII a XIX, sendo possível mostrar a montagem dos móveis da altura sem recurso a pregos ou cola.

O percurso multissensorial da pintura é efetuado através de réplicas com texturas em relevo. Peças das coleções “Convite à Valsa”, de Columbano Bordalo Pinheiro, “A praia”, de João Vaz e “A ceifa-Lumiar”, de Silva Porto, dispõem de mp3 com sons de valsas do século XIX e o som do mar, assim como, frasquinhos com essências alusivas ao tema. “A disponibilização de adaptações multissensoriais de pintura a óleo do século XIX é pioneira no panorama nacional e é um dos aspetos do percurso que cria mais expectativa”, pode ler-se na memória descritiva do projeto.

Por último, o percurso Porcelana da China permite conhecer um original e nove réplicas de peças dos séculos XVI a XVIII, “complementadas pela disponibilização de pasta de modelar protótipos, barbotina líquida e molde, para compreender processo de fabrico”. Brevemente estarão disponíveis diagramas tácteis em relevo com alguns dos desenhos pintados com mais frequência na porcelana e algumas miniaturas, em três dimensões,

de animais simbólicos para a cultura chinesa, como o dragão, o veado ou a lebre.

Aos dispositivos de apoio já mencionados acrescentam-se trajes para vestir, fragmentos de molduras antigas que “permitem uma compreensão da obra de arte não só como «produto acabado» mas também como fruto de um processo que se torna fácil de descodificar”, também disponibilizados a visitantes sem deficiência.

Apesar de tudo, as acessibilidades à CMAG, por pessoas que se deslocam em cadeira de rodas, encontram-se, por enquanto, limitadas.





Estes percursos são complementados por plantas de cada piso da Casa em braille e caracteres ampliados, tabelas das peças integradas no circuito em braille e a negro, e outros dispositivos de apoio.



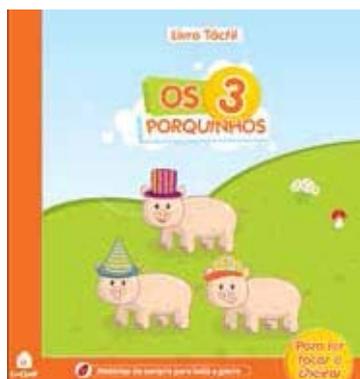
Todos os visitantes são, pessoalmente, acompanhados por um vigilante na visita à Casa-Museu, o que permite que as visitas de público cego ou com baixa visão não tenham que ser obrigatoriamente agendadas com o Serviço Educativo.



Título: Direitos Humanos: de Onde Vêm, o Que São e Para que Servem?
 Autora: Raquel Tavares
 Edição: INCM
 PVP: € 20,00

Título: Portugal no Tribunal Europeu dos Direitos do Homem: Jurisprudência Seleccionada
 Autora: Fátima Carvalho e Ana Garcia Marques
 Edição: INCM
 PVP: € 25,00

Estes livros abordam a temática dos direitos humanos e foram editados pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda (INCM). Com autoria de Raquel Tavares e pensada para públicos universitários, “Direitos Humanos: de Onde Vêm, o Que São e Para que Servem?” faz o resumo da evolução histórica dos direitos humanos. Por sua vez, o direito a um processo justo e equitativo, o direito à liberdade e segurança e o direito ao respeito pela vida privada e familiar, entre outros são os temas seleccionados por Fátima Carvalho e por Ana Garcia Marques na obra “Portugal no Tribunal Europeu dos Direitos do Homem: Jurisprudência Seleccionada”. Decorridos mais de três décadas sobre a ratificação da Convenção Europeia dos Direitos do Homem as autoras abordam as queixas apresentadas contra Portugal.



Título: Os 3 Porquinhos
 Autoria: Cuckoo
 Edição: Cuckoo
 PVP: € 17,55

“Os 3 Porquinhos” é o primeiro título da coleção “Histórias de sempre para toda a gente”. É um livro-jogo com o texto em braille para ajudar as crianças cegas na aprendizagem da leitura e da escrita.

Tem argolas largas, relevos altos dos elementos essenciais da história, cheiros associados à pedra, à palha e à madeira e o texto transcrito em braille, para que, apesar de ainda não saberem ler, as crianças possam associar os “pontinhos mágicos” à história que ouvem.

“Os 3 Porquinhos” é um livro dinâmico para os mais pequenos cegos poderem explorar com os pais, irmãos e amigos a história tradicional d’ “Os 3 Porquinhos” em conjunto.



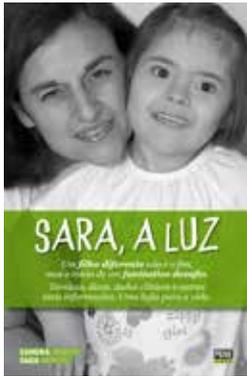
Título: Maria, a alegria na diferença
 Autores: Teresa Coutinho e Pedro Sousa Pereira
 Editora: Prime Books
 Preço: € 7,00

O livro “Maria, a alegria na diferença” propõe-se a explicar às crianças o que é a paralisia cerebral e ajuda os pais e educadores a enfrentar as perguntas dos mais novos.

A autora, Teresa Coutinho, parte da história real da filha que tem esta deficiência para relatar “a aventura de uma menina que tem que aprender tudo aquilo que os outros fazem com naturalidade: segurar a cabeça, abrir as mãos, sentar-se, pôr-se de pé, andar”.

A totalidade das verbas provenientes das vendas do livro revertem a favor da Associação Sorriso da Rita, que apoia crianças com paralisia cerebral.





Título: Sara, a luz
Autores: Sandra e Sara Morato
Editora: Prime Books
Preço: € 13,30

Mãe, Sandra Morato, e filha, Sara Morato, juntaram-se para relatar a aventura que viveram a partir do momento em que a primeira soube que a segunda nasceu com Trissomia 21.

Este livro prova que uma criança com Trissomia 21 pode ter uma vida exatamente igual à das outras crianças. Sandra Morato, a mãe, partilha toda a informação que pesquisou para melhor encarar o desafio de ter uma vida diferente.

“Sara, a Luz” é um livro repleto de dicas e conselhos feitos da experiência de quem nunca se resignou e conseguiu dar à filha uma vida normal.



Título: O livro sem letras
Autora: Lurdes Breda
Coleção: Literatura Juvenil
Edição: Chiado Editora
Preço: € 8,00

“O livro sem letras” permanecia num cantinho da montra, sem histórias do arco-da-velha, nem personagens mirabolantes. Nem tampouco ângulos retos, circunferências e números até ao infinito, ou sequer um céu de verão e papoilas por entre os campos. O livro sem letras só conhecia a menina Carminho, uma senhora de cabelos brancos, como as avós, e o Tomás, um gato tigrado e bisbilhoteiro. Mas, um dia, apareceu a Beatriz e...”, descreve a sinopse da obra de Lurdes Breda, cujo lançamento está previsto para este mês de março.



Título: Ser deficiente é ser capaz
Coleção: Sonhos Literários
Editora: Padrões Culturais
PVP: € 8,00

O livro “Ser deficiente é ser capaz” relata como a autora, Rita Saraiva, supera as dificuldades.

A também pintora e poetisa, licenciada em Design do Produto na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa decidiu partilhar a sua experiência de vida, “sentimentos e conselhos que pretendem ser uma ajuda” a todos os que como ela têm que se superar todos os dias. A artista edita, agora, o seu primeiro livro de autoajuda baseado na sua vivência e percurso quer de estudante quer de pessoa com incapacidade motora de 80 por cento.

Da investigadora do Centro de Administração e Políticas Públicas, Paula Campos Pinto, coordenadora do projecto Disability Rights Promotion International Portugal e professora na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, esta obra parte das normas da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência para abordar o tema da maternidade entre mulheres com deficiência nos contextos social, legal e político.

Este livro, que apresenta os resultados da tese do doutoramento que Paula Campos Pinto fez na Universidade York de Toronto (Canadá) revela que as mulheres com deficiência vivem a maternidade de uma forma igual e diversa ao mesmo tempo.

O estudo analisa a legislação portuguesa e as políticas sociais relevantes para determinar em que medida protegem e promovem os direitos das mulheres com deficiência e aponta uma alternativa para promover a igualdade na diversidade.

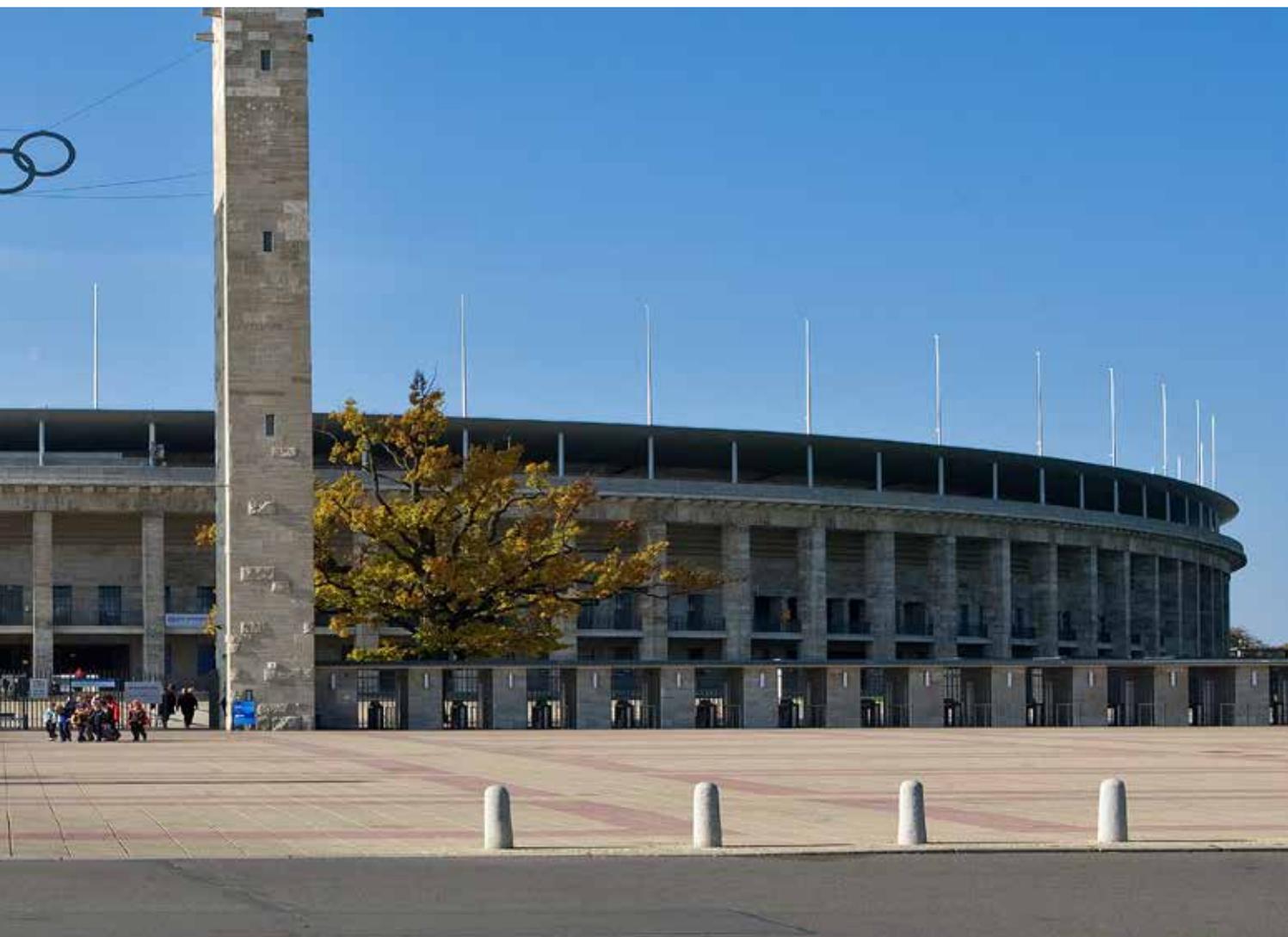


Berlim é a Cidade Acessível 2013

Berlim foi considerada a cidade mais empenhada em melhorar a acessibilidade de pessoas com deficiência e, como tal, arrecadou o Prémio Europeu para Cidades Acessíveis 2013. O galardão, atribuído pela Comissão Europeia e pelo Fórum Europeu da Deficiência, foi entregue no dia 3 de dezembro de 2012, por ocasião da conferência em Bruxelas de comemoração do Dia Internacional das Pessoas com Deficiência.

Texto: Sofia Pires

Fotos: Gentilmente cedidas por Gerd Grenner



Em 2011 ganhou a cidade de Ávila, em Espanha e, em 2012, Salzburg na Áustria. Nesta que é a III Edição do Prémio Europeu para Cidades Acessíveis, Berlim é a cidade vencedora em reconhecimento da abordagem global e estratégica que tem tido para a criação de uma cidade acessível para todos.

“O prémio veio reconhecer os elevados investimentos efetuados pela capital alemã na transformação de uma cidade, antes dividida, num ambiente acessível e sem barreiras”, pode ler-se no comunicado de imprensa.

A política inclusiva da capital alemã foi elogiada pelo júri que destacou “o sistema de transporte de Berlim e o investimento em acessibilidades para pessoas com deficiência em projetos de reconstrução” e reiterou que

“a abordagem de Berlim às acessibilidades para as pessoas com deficiência está totalmente incorporada nas políticas da cidade e amplamente apoiada pelos seus decisores”.

O prémio é atribuído à cidade que dá mais provas na melhoria das acessibilidades no que diz respeito a quatro áreas-chave: o ambiente construído e espaços públicos, transportes e respetivas infraestruturas, informação e comunicação, inclusão de novas tecnologias, instalações e serviços públicos. Assim, a cidade vencedora acaba por servir de modelo para incentivar a adoção de boas práticas de outras cidades europeias.

“As pessoas com deficiência ainda enfrentam muitas barreiras na vida quotidiana, mas cidades como Berlim



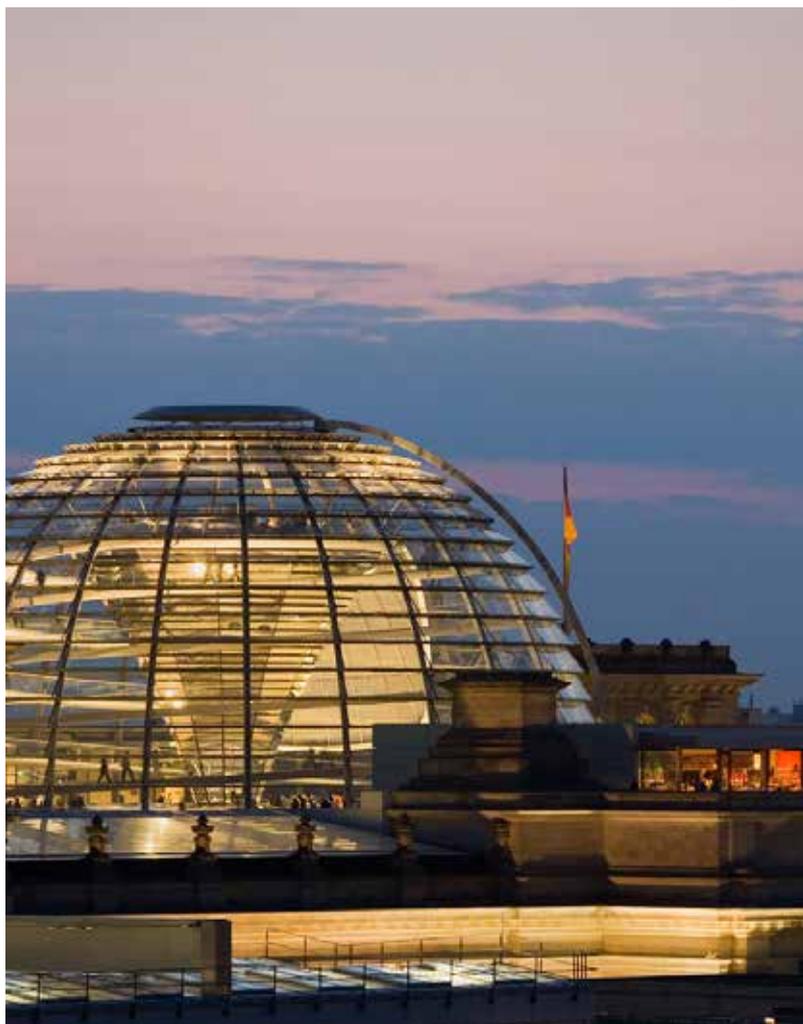
Os europeus estão convencidos de que as pessoas com deficiência devem participar plenamente na sociedade, de acordo com um novo inquérito promovido pela Comissão Europeia divulgado antes do dia 3 de dezembro, Dia Europeu das Pessoas com Deficiência.

estão a abrir caminho para tornar a vida mais acessível a todos”, referiu a vice-presidente da comissão europeia, Viviane Reding. A também comissária europeia de Justiça, Direitos Fundamentais e Cidadania acrescentou que “as acessibilidades oferecem novas oportunidades de negócios e podem ser um verdadeiro estímulo para a inovação e o crescimento económico”.

É por isso que as acessibilidades estão no centro da Es-

tratégia Europeia para a Deficiência 2010-2020 e, nesse sentido, está a ser preparada uma proposta de lei europeia neste âmbito a apresentar no próximo ano.

Criar uma Europa sem barreiras é o objetivo principal tanto do prémio, que funciona como incentivo, como da estratégia europeia que está da linha da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência adotada pelas Nações Unidas.



Para além de Berlim foram finalistas as cidades de Nantes, em França, e Estocolmo, na Suécia



Mais sobre o Prémio Europeu para Cidades Acessíveis
Podem candidatar-se ao Prémio Europeu para Cidades todos os estados membros da União Europeia que tenham mais de 50 mil habitantes e deem provas da realização de ações, nos últimos cinco anos, em prol de uma cidade mais acessível. O processo de seleção decorre em duas fases, com uma pré-seleção a nível nacional seguida de uma seleção final a nível europeu. As candidaturas são avaliadas pela sua abordagem integrada nas seguintes áreas chave: meio edificado e espaços públicos; transportes e infraestruturas relacionadas; informação e comunicação (incluindo as tecnologias de informação e comunicação); e instalações e serviços públicos. Este prémio, promovido pela Comissão Europeia e pelo Fórum Europeu da Deficiência, é atribuído no âmbito da comemoração do Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, a 3 de dezembro em Bruxelas.



Exposição “À Conquista...”

Em exibição na Escola Profissional de Ponte de Lima durante o mês de março, esta exposição com fotografias da autoria do professor Carlos Dias procura “descobrir, não os limites, mas sim as capacidades e potencialidades de pessoas que olham para as dificuldades como obstáculos a transpor e não como barreiras intransponíveis”.

Para marcar a exposição fotográfica “À Conquista...”, que retrata a inclusão da secção de desporto adaptado no Sporting Clube de Braga contacte, cei.sdabraga@gmail.com

Formação do CRI



A delegação de Lisboa da Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo promove um conjunto de ações de formação no seu Centro de Recursos para a Inclusão (CRI).

A primeira realizou-se no dia 2 de fevereiro dedicada ao tema “O aluno com autismo e a metodologia TEACCH” abordado pelas formadoras Rita Soares e Rita Silva .

As próximas ações - Estimular a comunicação no autismo; Atividades funcionais para alunos com autismo: A tecelagem; PIT: Plano individual de transição; Psicomotricidade no autismo: do relacional ao instrumental – estão marcadas, respetivamente, para os dias 16 de fevereiro, 2 de março, 13 e 20 de abril.

Mais informações e ficha de inscrição em www.appda-lisboa.org.pt

Mostra e venda de trabalhos



A Associação Famalicense de Prevenção e Apoio à Deficiência vai promover uma venda de trabalhos realizados no Centro de Atividades Ocupacionais e Lar Residencial. A iniciativa contempla, também, uma mostra com a participação de utentes do Centro de Atividades Ocupacionais, na Casa Malheiro, situada na Rua Adriano Pinto Bastos no centro da cidade, que mostrarão como foram executadas as suas peças. De 3 a 7 de março, a venda encontra-se aberta entre as 9h30 e as 12h15 e as 14 e as 17 horas.

Seminário sobre Educação Especial e Inclusiva

No dia 9 de março realiza-se o Seminário “Nós e os Laços” sobre educação especial e inclusiva em Viseu e no dia 4 de maio em Castelo Branco.

A data limite de inscrição para os seminários é, respetivamente, 2 de março e 18 de abril.

“Temas e problemas da Educação Inclusiva” e “Transição para a Vida Pós Escolar: Que Realidade? Que Perspetivas?” são algumas das temáticas abordadas neste seminário.

Mais informações em <http://congressospinandee.blogspot.pt/>





Espectáculos com interpretação em LGP

Os espetáculos no Teatro D. Maria II têm interpretação em Língua Gestual Portuguesa. É necessário fazer a sua reserva com sete dias de antecedência. Para mais informações visite www.teatro-dmaria.pt.

Sessões com interpretação em Língua Gestual Portuguesa:

- O Segredo da Arca de Trancoso | 10 mar 2013 às 16h15
- Olhos de Gigante | 21 abr 2013 às 16h15
- Como Gostais | 14 abr 2013 às 16h
- Fausto | 2 jun 2013 às 16h15
- O Campeão do Mundo Ocidental | 9 jun 2013 às 16h
- Violência – Fetiche do Homem bom | 21 jun 2013 às 16h

Congresso “Educação Especial: Intervenção, Inovação e Empreendedorismo Social”



Estão abertas as inscrições até ao dia 8 de março para o congresso “Educação Especial: Intervenção, Inovação e Empreendedorismo Social”, a decorrer nos dias 14 e 15 de março no auditório da Casa da Cultura Mestre José Rodrigues, em Alfândega da Fé.

Organizado pela Associação de Pais e Amigos de Pessoas com Necessidades Especiais - LEQUE, pelo Centro de Formação de Professores - Associação de Escolas do Tua e Douro Superior, pelo Agrupamento de Escolas da Fé e pelo Município de Alfândega da Fé, o congresso encontra-se em acreditação junto do Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua, na modalidade de Curso de Formação com 15 horas, que corresponde a 0,6 créditos para os docentes de todos os grupos de recrutamento.

Poderá realizar a sua inscrição e consultar o programa do congresso no site da LEQUE, www.leque.pt, pelos telefones 270 463 420 / 939 044 251 ou por e-mail para o endereço eletrónico formacao@leque.pt

Seminário sobre avaliação da Psicopatologia em crianças e adolescentes

“A avaliação com base empírica com a Bateria ASEBA: Desafios Multiculturais da Europa” é o tema deste seminário a decorrer nos dias 15 e 16 de março no Campus da Universidade Católica Portuguesa do Porto.

O objetivo principal do seminário é proporcionar aos técnicos de saúde mental portugueses um conjunto de instrumentos válidos para a avaliação de psicopatologia em crianças e adolescentes (dos 18 meses aos 18 anos).

Mais informações em <http://www.fep.porto.ucp.pt/ASEBA/Meeting2013/>





7.º Fórum Europeu de info-acessibilidade

O 7.º Fórum Europeu sobre e-acessibilidade, marcado para o dia 18 de março, das 9h00 às 18h00 na Cité des Scienses, em Paris, pretende explorar as competências relevantes na info-acessibilidade para uma variedade de profissões digitais, tais como desenvolvimento web, desenvolvimento de software e publicação digital.

Mais informações em www.brailenet.org

II Seminário da ELI Alcanena/ Torres Novas



As equipas de intervenção local de Alcanena e Torres Novas organizam um seminário no dia 22 de março para aprofundar conhecimentos na área do desenvolvimento global das crianças e sensibilizar famílias e técnicos em alguns aspetos relativos a perturbações do desenvolvimento das crianças, no Hospital Rainha Santa Isabel em Torres Novas.

Para mais informações contactar eli.alcanena.torresnovas@gmail.com

I Jornadas de Enfermagem de Reabilitação



A primeira edição das Jornadas de Enfermagem de Reabilitação no Hospital Garcia da Orta sobre o tema “Enfermagem de Reabilitação: Que Impacto e Evidência nos Serviços de Saúde” realizam-se nos dias 22 e 23 de março na Escola Superior de Saúde Egas Moniz, em Almada.

Mais informações em <http://jornadasenfreabilitacaohgo.t15.org/index.html>

XXX Jornadas Internacionais de Oftalmologia



“Oftalmologia Pediátrica e Estrabismo” é o tema para as XXX Jornadas Internacionais de Oftalmologia marcadas para os dias 12 e 13 de abril no Hotel Porto Palácio. Estas Jornadas Internacionais organizadas pelo Hospital de Santo António e pelo Centro Hospitalar do Porto, vão debater temas como a ambliopia, a leucocoria, a catarata congénita, a cirurgia em oftalmologia pediátrica e a cirurgia de estrabismo no adulto.

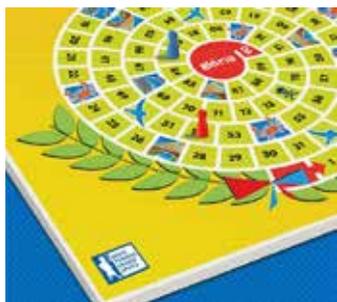
Para mais informações contactar a Sociedade Portuguesa de Oftalmologia ou aceder a <http://www.spoftalmologia.pt>

7º Congresso «Gente Pequena, Grande Aposta»

Marcado para o dia 20 de abril no Centro de Congressos de Lisboa, o 7.º Congresso “Gente Pequena, Grande Aposta”, vai procurar transmitir aos educadores ideias e estratégias para ajudar a educar as crianças e os jovens de hoje em dia.

Este ano os mais novos também estão convidados para o congresso que decorre das 10h00 às 18h00 e que acredita não haver sorte ou azar na educação.

Mais informações em www.facebook.com/associacaolavoisier



III Jornadas de Deficiência Visual & Intervenção Precoce



O departamento de formação do Centro de Apoio à Intervenção Precoce na Deficiência Visual do Hospital Pediátrico de Coimbra que acompanha crianças com deficiência visual dos zero aos seis anos de idade vai organizar, no dia 10 de maio de 2013, no seu auditório, a terceira edição das Jornadas de Deficiência Visual & Intervenção Precoce, alusivas ao tema “Baixa Visão: ver+ em idades precoces”.

Este evento pretende contribuir para a partilha de conhecimentos entre profissionais, investigadores e público em geral, sobre os trabalhos de investigação que têm sido desenvolvidos, a nível nacional e internacional, no que se prende com a problemática da deficiência visual nas crianças.

Mais informações em <http://www.anip.net/>

Normédica, Ajutec e Vitae em maio na Exponor



É já em maio, do dia 9 a 12, que a Exponor recebe a Normédica – 13.ª Feira da Saúde, a Ajutec – 14.ª Feira Internacional de Tecnologias de Apoio para Necessidades Especiais e o Vitae - 4.ª Salão de Bem-estar. Estas feiras ligadas à saúde dirigem-se a todos aqueles que tenham necessidades especiais que derivam de deficiências ou incapacidades, permanentes ou temporárias, de índole e grau diversificados, para as quais são necessárias tecnologias de apoio e soluções inclusivas.

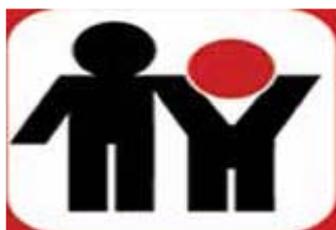
Seminário Internacional no âmbito da Paralisia Cerebral



“Intervenção e continuidade de cuidados na paralisia cerebral” é o tema do seminário internacional organizado pela Associação de Paralisia Cerebral do Porto que se realiza, nos dias 23 e 24 de maio, no auditório da biblioteca municipal Almeida Garrett, no Palácio de Cristal, no Porto

Mais informações em www.appc.pt

Oficinas para crianças com perturbação do espectro do autismo



O projeto Oficinas de Promoção de Competências para crianças com perturbação do espectro do autismo (PEA) já está em marcha no centro de atendimento, acompanhamento e animação da Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo - APPDA de Setúbal.

Nas férias escolares da Páscoa, alguns sábados pontuais e nas férias de verão as crianças com PEA, dos seis aos 13 anos, podem frequentar o programa de desenvolvimento de capacidades e competências culturais e sociais, indo de encontro às necessidades particulares de cada criança e criando um ambiente em que as famílias se sintam seguras.

Mais informações em <http://www.appda-setubal.com>

Uma “nave” onde TODOS têm lugar!

Através da ECONAVE já foram inseridos no mercado de trabalho várias pessoas com deficiência...

Texto: Paula Fernandes Teixeira
Fotos: Gentilmente cedidas por Artenave



Instalações da Artenave, Moimenta da Beira, distrito de Viseu

Na vila, Moimenta da Beira, por onde passou o romancista Aquilino Ribeiro, nasceu, em 1994, Artenave, uma instituição de solidariedade que junta várias valências: Centro de Atividades Ocupacionais (CAO), Formação para Pessoas com Deficiência e Incapacidades, Lar Residencial e Empresa de Inserção. Além dos restantes utentes e formandos, atualmente com duas dezenas de pessoas com deficiência a frequentar o CAO e onze na Formação - sendo que dentro das duas valências, onze são residentes da instituição - Artenave congrega os “verbos”: “apoiar”, “acompanhar” e “formar”. Trata-se de uma enorme “nave” que abre os braços a TODOS!

A Formação da Artenave está aprovada pelo POPH6.2 para vinte formandos. Nota, também para o facto de se encontrar em construção, através de um projeto cofinanciado pelo POPH6.12, o novo lar residencial que deverá entrar em funcionamento no final deste ano com 18, ou talvez 22 residentes.

A Artenave dispõe, ainda, da ECONAVE, uma empresa de inserção, com cinco desempregados de longa duração (não deficientes), mas cujo percurso de 13 anos incluiu também o apoio a portadores de deficiência, como nos conta o diretor da instituição... “Através desta empresa a própria instituição integrou nos seus

serviços, um surdo-mudo, com contrato sem termo, nos seus serviços agrícolas, que entretanto saiu por opção da família, e uma deficiente ligeira, nos serviços domésticos”, disse-nos Carlos Caixas.

Outro motivo de orgulho é o facto de, saindo diretamente da Formação, algumas integrações se mantêm no mercado normal de trabalho... “Por exemplo um auxiliar de serviços gerais na função pública (EB2), uma auxiliar num centro de dia de uma IPSS local e uma empregada de armazém numa superfície comercial”, continua o diretor.

A Artenave também está envolvida a nível nacional na Rede de Empresas Sociais para a Inserção pelo Trabalho (RESIT) e a nível europeu na Rede Europeia de Empresas de Inserção (ENSIE).

“Prevemos, em Maio ter estruturado um Plano Integrado de Ação para a Inserção Profissional e o Emprego. Não sendo específico para pessoas com deficiência, este projeto, interno para já, também as contempla, até porque desde o início de 2013, a instituição tem um Centro de Recursos credenciado pelo IEFPP”, completou Carlos Caixas, em jeito de síntese sobre os serviços que esta instituição tem disponíveis ou em fase de candidatura.

Um livro “de” e “sobre” TODOS

“O Mundo de Lucas” é uma obra escrita e ilustrada por cinco jovens deficientes da Artenave.

Texto: Paula Fernandes Teixeira
Foto: Gentilmente cedidas por Artenave



O Mundo de Lucas

“Na planta e no homem as raízes tateantes rebentaram a pedra para chegar ao húmus e não haverá depois ventania que os derrube” – Aquilino Ribeiro, in “O Homem da Nave”.

Foi no Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) da Artenave, instituição de solidariedade de Moimenta da Beira, que nasceu “O Mundo de Lucas”, um livro que fala de um menino que, na altura em que tinha de dar os primeiros passos “caía muitas vezes e não conseguia”, era um entendido em futebol e por isso treinava a equipa de amigos apesar de “desde pequeno andar numa cadeira de rodas”...

“O Mundo de Lucas” foi escrito por cinco deficientes que frequentam o CAO. Através de linhas e desenhos, os cinco utentes criaram uma história que acaba por refletir as suas vivências e emoções.

Portanto... O herói da história é... O Lucas! Mas os

“pais” da personagem são o Bruno Ferreira, a Catarina Morgado, a Maria da Conceição Correia, o Micael Vieira e o Nuno Maciel Gomes, sendo que ao Nuno Maciel coube, ainda, a tarefa de ilustrar a obra.

A criação deste livro surgiu no âmbito do trabalho de psicoterapia individual e de grupo desenvolvido com os utentes que, de alguma forma, acabaram por fazer do Lucas – que além de gostar da bola, também tocava muito bem acordeão “sem nunca ter tido um professor” – acaba por representar o “alter-ego” dos cinco autores da história, uma vez que reúne gostos e competências de cada um deles. O Bruno gosta de futebol... O Micael anima as festas da instituição com o seu acordeão...

Depois de falar um pouco da vida do Lucas de como este menino era feliz e tinha amigos que até “martelavam o passeio para construir uma passagem” para a sua cadeira de rodas, a história escrita pelos utentes da Artenave acaba “de uma maneira linda e triste” ao mesmo tempo pois refere que o protagonista “precisou de fazer uma grande viagem, mas ninguém o esquece porque a sua vida foi uma lição para todos”...

A publicação de “O Mundo de Lucas” foi cofinanciada pelo Instituto Nacional para a Reabilitação. O lançamento da obra está programado para 27 de março, prevendo-se que venha a ser feito um programa de apresentações em várias instituições do concelho, com a presença dos autores.



O Bruno respira, vê, ouve, sonha, adormece e acorda com o futebol. É do FCP e nunca ninguém conseguiu convencê-lo a ser de outro clube. Claro que também gosta do CDR (Clube de Desporto e Recreio) de Moimenta da Beira, onde tem muitos amigos e, ainda por cima, os jogadores vestem à Porto! O Bruno é muito conhecido e conhece muita gente em Moimenta. Está sempre alegre e bem-disposto com todos. Só não gosta de que o enganem nem a ele nem aos seus amigos. Fica furioso. E tem razão! – Bruno Ferreira.



Maria da Conceição Correia – A Çãozinha para os amigos, sobretudo nos bons momentos, às vezes está bem-disposta, outras vezes está triste. Como toda a gente. Quando está triste, fica amuada, vira estátua, é teimosa, não está para ninguém! Quando está alegre, como toda a gente, então aí...fala! Oh se fala! Fala muito, não se cala. Podemos contar com ela! Até dá saltinhos, muitos saltinhos, de satisfação. Então, é feliz. Feliz, como toda a gente quando está contente!



“

Sentia-se feliz ao tocar. Seu coração batia PUM PUM – PUM PUM. E logo seguia uma música para cada situação. Tinha uma voz linda e estava sempre bem-disposto. Não havia festa sem o Lucas. Todos queriam a sua presença”.

O Michael é uma festa. Dêmos um acordeão ao Michael e a alegria do paraíso desce à Terra. (Não é fácil entrar-se no paraíso, pois não? E acham que é fácil sair de lá, quando lá estamos?). Festejemos o contágio da felicidade do Michael e cantemos. E dancemos! (O Quim Barreiros que se cuide! Aliás, não precisamos dele, porque temos o Michael, conosco, todos os dias) - Michael Vieira.



O Nuno Maciel é a memória da Artenave. Lembra-se de tudo. Das pessoas que por ela passaram, das coisas em que ele participou, de que gostou e gosta! Como da palavra “amigo” que traz sempre consigo para usar sempre que pode. Sempre que pode ligar-se aos outros e ligar os outros a ele. Como se liga a todos com os desenhos que faz e que nos fez para ilustrar este livro de todos – Nuno Maciel Gomes.



Cátia Marlene – É assim que Catarina Morgado quer ser conhecida na sua vida, que é cor-de-rosa. Gosta muito de conversar e está sempre bem-disposta. Adora poesia, sente-se feliz com toda a gente e vive no seu próprio romance que, um dia, há-de acabar em casamento e dias felizes para sempre. Se isso é normal e habitual nos sonhos de tanta gente como não há-de sê-lo também nos seus? Está no seu direito, não?

